

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes



Dissertação

Uma viagem sobre a visualidade do som

Luana Soares Coelho

Pelotas, 2024

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.



Luana Soares Coelho

Uma viagem sobre a visualidade do som

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Machado

Pelotas, 2024

C672v Coelho, Luana Soares

Uma viagem sobre a visualidade do som [recurso eletrônico] / Luana Soares Coelho ; João Carlos Machado, orientador. — Pelotas, 2024.
125 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes,
Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Processualidade. 2. Visualidade. 3. Percepção. 4. Luz. 5. Som. I.
Machado, João Carlos, orient. II. Título.

CDD 534

Luana Soares Coelho

Uma viagem sobre a visualidade do som

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Data da Defesa: 18/10/2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Carlos Machado (Orientador)

Doutor em Poéticas Visuais - Programa de Pós-Graduação em Artes / UFPEL

Prof. Dr. Édio Raniere

Doutor em Psicologia Social - Programa de Pós-Graduação em Artes / UFPEL

Prof. Dra. Cláudia Zanatta

Doutora em Arte Público y Poéticas Visuais - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais / UFRGS

Prof. Dr. Emmanuel de Sousa Fernandes Falcão

Doutor em Filosofia da Educação - Universidade Federal da Paraíba / UFPB

Agradecimentos

Agradeço à natureza que me compôs artista, e a minha família pela sensibilidade de dar a chance de lapidar minha essência.

Percebo que a frequência da gratidão tem uma elevação extraordinária, permitindo-me vivenciar as experiências de maneira mais leve. Escrever a dissertação é um processo que naturalmente gera apreensão e ansiedade, dado o peso dessa responsabilidade na jornada acadêmica. Por isso, todas as pessoas que mencionarei aqui têm transformado essa jornada em um momento de profundo aprendizado e amor.

Primeiramente, agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Ana Maria Soares, matriarca e exemplo de excelência na docência em artes, que sempre foi meu farol. Gratidão, mãe.

Ao meu pai, Luiz Carlos Coelho, por ter me ensinado o poder da leitura e a importância de conhecer novos lugares.

Aos meus filhos, Luz (*in memorian*), Bento e Maria Antônia, que são a continuação de mim, minhas próximas gerações, minhas extensões criativas, e o símbolo mais puro de amor e afeto - meus corações que batem por si só.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba, em especial ao Professor Emanuel Falcão, estendendo minha gratidão a todos que nos acolheram com tanto amor. Expresso meu afeto, em particular, à minha amiga Wilma Nascimento, que foi mais do que uma irmã nos cuidados comigo e com meu pequeno companheiro de viagem, meu filho Bento.

À Carol Portela, por ter aberto a trincheira para problematizar o que é ser mestre em artes e muitas lutas por esse amor que nos uniu.

Aos meus colegas de mestrado que foram o meu espelho para tantas descobertas e ao meu orientador Chico Machado. Gratidão.

E finalizando dedico este trabalho à memória de minhas avós Alvina Soares (*in memorian*) Otília Soares (*in memorian*) e Zeni Mattos Ávila (*in memorian*) onde quer que estejam.

- Vicariato dos Sentidos - “Também temos os olhos para ouvir”,
dizia um velho professor que tornou-se surdo: “e entre os cegos,
considera-se rei aquele que tem os ouvidos maiores”.

Nietzsche

Só se vê bem com o coração,
o essencial é invisível aos olhos.

Saint-Exupéry

Resumo

COELHO, Luana Soares. **Uma viagem sobre a visualidade do som.** Orientador: João Carlos Machado. 2024. 125 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

A presente dissertação busca investigar a experiência envolvida na utilização de um objeto projetor de luz chamado Vibrasom, que é ativado a partir da emissão de vocalizações sonoras, analisando e trazendo conjecturas sobre o percurso realizado e seus desdobramentos. Traz um relato sobre a processualidade envolvida neste ato a partir de uma visão artística e prática. A pesquisa acabou ganhando dimensão para além do PPGARTES da Universidade Federal de Pelotas UFPEL, pois através dela foi possível participar de um projeto de vivência de campo proporcionada pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba (PROEX), onde o objeto de estudo, denominado Vibrasom, foi aprimorado e adaptado para melhor observação, ampliando as possibilidades de criação, sendo elas artísticas ou funcionais promovendo a percepção da sonoridade e suas variações provocadas pelo objeto. O objetivo deste trabalho, é problematizar sobre a possibilidade de dar visualidade para a voz em diferentes contextos, associados ao relato da troca de experiências com professores e colegas da UFPB e da UFPel, moradores locais de uma colônia de pescadores na praia da Penha/PB e na cidade do Conde/PB. A partir da análise realizada sobre aportes teóricos e artísticos, o trabalho é permeado por uma narrativa ficcional poética, buscando evidenciar a elaboração do processo como um todo.

Palavras-chave: Processualidade; Visualidade; Percepção; Luz; Som.

Abstract

COELHO, Luana Soares. **A journey into the visuality of sound.** Advisor: João Carlos Machado. 2024. 125 f. Dissertation (Master of Arts) - Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

This dissertation seeks to investigate the experience involved in using a light projector object called Vibrasom, which is activated through the emission of sound vocalizations, analyzing and bringing conjectures about the route taken and its consequences. It provides an account of the process involved in this act from an artistic and practical perspective. The research ended up gaining a dimension beyond PPGARTES of the Federal University of Pelotas UFPEL, as through it it was possible to participate in a field experience project provided by the Dean of Extension of the Federal University of Paraíba (PROEX), where the object of study , called Vibrasom, was improved and adapted for better observation, expanding the possibilities of creation, whether artistic or functional, promoting the perception of sound and its variations caused by the object. The objective of this work is to problematize the possibility of giving visuality to the voice in different contexts, associated with the report of the exchange of experiences with teachers and colleagues from UFPB and UFPel, residents of a fishing colony on Penha beach/PB and in the city of Conde/PB. Based on the analysis carried out on theoretical and artistic contributions, the work is permeated by a poetic fictional narrative, seeking to highlight the elaboration of the process.

Keywords: Processuality; Visuality; Perception; Light; Sound.

Lista de Figuras

Figura 1- Projeto de ciências básico	16
Figura 2 - Rabisco desenhado pelo Técnico Ricardo Falcão	17
Figura 3- Foto tirada do meu sinal de nascença	21
Figura 4- Primeiro Vibrasom	31
Figura 5- Figuras de Lissajous	32
Figura 6- Capturada com smartphone na utilização do primeiro aparelho	33
Figura 7- Imagem de um som constante com pouco ar	34
Figura 8- Foto do quintal da Dona Irene	43
Figura 9- Neil Harbisson e seu eyeborg	57
Figura 10- O segundo aparelho Vibrasom	59
Figura 11- Técnico Ricardo Falcão e o Vibrasom	61
Figura 12- Imagem de uma cena do Filme Laranja Mecânica	63
Figura 13- Vibrasom com câmera acoplada	64
Figura 14 - Foto retirada de videoperformance UFPEL/jun.2023	66
Figura 15 - Máscara abismo, Lygia Clark (1968)	67
Figura 16- Imagem videoperformance / UFPel (2022)	70
Figura 17- Aqua Theremin no estágio docente UFPel	72
Figura 18- Aqua Theremin, videoperformance UFPEL (2022)	75
Figura 19- Farbstudie: Quadrate mit konzentrischen Ringen	77
Figura 20- Jackson Pollock, em sua técnica de "dripping"	77
Figura 21- Lygia Clark. Óculos (Goggles). 1968	80
Figura 22- Diário de bordo, desenhos do Bento na UFPB	81
Figura 23- ENPOS, eixo de “Tecnologia e Inovação”	87
Figura 24- E-mail da Biotecnologia	92
Figura 25- VII Mostra Acadêmica: Criatividade Brasileira na Ciência	95
Figura 26- Arteterapia desenvolvida com colegas/alunos	100
Figura 27- Mergulho realizado na Praia do Seixas	102
Figura 28- Praia da Penha em janeiro de 2024	103
Figura 29- Praia da Penha, dezembro de 2023	104
Figura 30- Figura ilustrativa, golfinhos manipulando bolha de ar	106
Figura 31- Maria José, Município do Conde/PB	110
Figura 32- Musicoterapia na UBS do Conde-PB	113

Lista de Abreviações

- ANEPS** - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde
- CAPS** - Centro de Atenção Psicossocial
- CID F.32** - Código Internacional de Doenças para episódio depressivo
- COEP** - Coordenação de Educação Popular da UFPB
- COPAC** - Instância da Pró-reitoria de Extensão da UFPB
- COVID- 19** - Coronavírus Disease 2019
- ENEC** - Estágio Nacional de Extensão em Comunidades
- FAMED** - Faculdade de Medicina UFPEL
- MPB** - Música Popular Brasileira
- PIAC** - Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária da UFPB
- PICS** - Práticas Integrativas e Complementares
- PPGARTES** - Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPEL
- PRAC** - Instância da Pró-reitoria de Extensão da UFPB
- PROEX** - Instância da Pró-reitoria de Extensão da UFPB
- TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso
- UFPB** - Universidade Federal da Paraíba
- UFPEL** - Universidade Federal de Pelotas
- RAP** - Ritmo e Poesia

Sumário

PRELÚDIO	11
CAPÍTULO I	25
SOPRO DE LUZ	25
1.1 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO	26
1.2 PERCORRENDO A LUZ COMO UM CORPO	28
1.3 A Praia dos Sonolentos	35
1.3 A UFPB e o Vibrasom	38
CAPÍTULO 2	42
PARAÍBA SIM SENHOR	42
2.1 A Praia da Penha	42
2.2 O Ninho dos Falcões	45
2.2.1 Um olhar de rapina sobre o Vibrasom	50
CAPÍTULO 3	53
3.1 O APARELHO VIBRA SOM	53
3.2 O Corpo Pesquisa A Dor	65
3.3 O Abandono do Aqua Theremin	71
3.4 Os Caminhos a seguir	75
CAPÍTULO 4	82
Incompreensões do Local de Fala e Visão	82
4.1 Em Pós	83
4.2 O Vibrar da Biotecnologia	90
4.3 Estágio Docente na Psicologia (UFPEL)	95
CAPÍTULO 5	102
OUVI E VIM VER, OU VI E VIVER	102
5.1 O Despertar na Praia da Penha	102
5.2 O Quilombo e a Cidade do Conde	107
5.2 O olhar de Maria José Pedro	109
5.4 (IN) CONCLUSÕES DO PROCESSO DE OUVER	115
Referências	119
ANEXOS	122

PRELÚDIO

Como ponto inicial deste estudo voltado para a observação da escuta trago questões sobre uma possível visualidade da sonoridade, em uma viagem sobre a visualidade do som.

Apresento esta proposta de pesquisa utilizando-me dos princípios da fenomenologia da percepção, orquestrada em Maurice Merleau-Ponty, partindo de que "a percepção é um ato significante", no qual nossa experiência sensorial é sempre uma interpretação do mundo que nos cerca. Esta perspectiva e mais o fato de que a percepção é sempre sinestésica e multissensorial, apoia a ideia de que a arte sonora pode ser compreendida não apenas como uma experiência auditiva, mas também como um fenômeno visual e corporal.

O termo "visualidade do som" não é amplamente utilizado como um conceito formal na literatura acadêmica, mas a ideia de visualizar o som ou de explorar a interseção entre o auditivo e o visual tem sido discutida por vários autores e artistas em diferentes contextos.

A "visualidade do som" pode ser interpretada como uma tentativa de traduzir as qualidades imateriais e intangíveis do som em formas visuais, abrindo um espaço para que o som seja percebido não apenas pelo ouvido, mas também pelo olhar, como uma sinfonia visual que integra os sentidos em uma experiência estética sinestésica.

Para embasar a discussão sobre visualidade sonora, que é o tema desta dissertação, foram um norte para pensar no trabalho em geral, referências como: John Dewey, filósofo americano do século XX, que escreveu extensivamente sobre a natureza da experiência estética em sua obra "Arte como Experiência"¹, argumentando que a arte deve ser entendida não apenas como um objeto, mas como uma experiência vivida, envolvendo a interação entre o espectador e a obra de

arte. Esta é uma perspectiva altamente relevante para a exploração da visualidade do som, pois enfatiza a importância da percepção sensorial e da participação ativa do observador.

¹ Resultado de uma série de palestras ministradas por John Dewey na Harvard University, "Arte como experiência" foi publicado pela primeira vez em 1934 e, desde então, é considerado o trabalho mais renomado de um filósofo norte-americano a respeito da estrutura formal das artes e de seu impacto sobre o espectador, leitor ou ouvinte.

Outra inspiração foi Lygia Clark², artista brasileira fundamental, cujo trabalho se debruçou sobre a interação entre o visual e o sonoro, criando experiências sensoriais que desafiam as fronteiras entre os sentidos.

Também é importante para a construção dessa pesquisa o trabalho de Marcel Duchamp³, que no contexto da arte sonora, introduziu a ideia de "ruídos" como uma forma de expressão artística, explorando a sonoridade de objetos comuns e levando à ideia de que o som poderia ser tão artístico quanto a imagem.

As questões que deram origem ao meu projeto de mestrado, acompanham-me desde o meu Trabalho de Conclusão de Curso como Bacharel em Psicologia⁴.

É importante trazê-lo a esta dissertação, pois a partir dele surgiu minha familiaridade com a escrita ficcional. No TCC, juntamente com um relato de experiência apresentei através de cenas (capítulos) meu primeiro trabalho com a narrativa ficcional, onde a personagem criada para protagonizar a história era a "Musicaterapia". No TCC, uma personagem foi criada a partir de um conjunto de ações vividas do trabalho musicoterápico, ocupando um espaço executado por mim como profissional da área da musicoterapia.

A partir de ações desenvolvidas no cotidiano, decorrente de observações entre o meu fazer profissional enquanto musicoterapeuta e os sujeitos (usuários⁵ e profissionais), que compunham aquele espaço de vínculo específico de cuidado em saúde mental, o trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Psicologia ganhou vida, trazendo consigo questionamentos que me

² Lygia Clark, uma das figuras centrais do movimento neoconcreto brasileiro, explorou a relação entre som e visualidade em diversas obras. Um dos seus trabalhos mais importantes que abordam essa temática é "Diálogo: Óculos" (1968). [Link de acesso: https://portal.lygiaclark.org.br/](https://portal.lygiaclark.org.br/)

³ A ideia de "ruídos" como uma forma de expressão artística pode ser ligada ao seu pensamento de que qualquer objeto, som ou ideia pode ser elevado ao status de arte, dependendo do contexto e da intenção do artista. Uma obra relacionada a essa ideia é "Erratum Musical" (1913), onde Duchamp criou uma composição musical baseada no acaso, utilizando uma técnica que subverte a noção tradicional de música. [Link de acesso: https://rachver.home.blog/2018/11/15/marcel-duchamp-erratum-musical-for-three-voices/](https://rachver.home.blog/2018/11/15/marcel-duchamp-erratum-musical-for-three-voices/)

⁴ Segue o link do texto referenciado como Trabalho de Conclusão de Curso, no Bacharelado em Psicologia, intitulado Problematizações Cênicas: A musicoterapia como tecnologia leve de cuidado no CAPS Casa Vida, acervo da Biblioteca da Universidade Federal de Pelotas:

<https://wp.ufpel.edu.br/psicologia/files/2024/07/TCC-Biblioteca-Luana-1.pdf>

⁵ O uso do termo "usuário" em vez de "paciente" ou "cliente" reflete uma escolha política e ideológica associada ao movimento da Reforma Sanitária Brasileira, que culminou na criação do SUS pela Constituição Federal de 1988. A escolha da palavra "usuário" se alinha com a visão de saúde como um direito de cidadania e o dever do Estado, o que difere do termo "cliente", que poderia implicar uma relação mercantil, ou de "paciente", que sugere passividade. (PAIM, 2009)

acompanharam durante o mestrado em artes e que possivelmente irão me acompanhar durante toda a vida.

Pude compreender a importância das áreas da arte, saúde e educação trabalharem juntas, assim como enfatizar a relevância da arte como parte integrante da vida das pessoas, de uma forma mais acessível.

O Trabalho de Conclusão de Curso, foi produzido no ano de 2022, e a partir dessa experiência de pesquisa como musicoterapeuta e estudante de Psicologia, foram relatados e problematizados afetos, sentimentos, vivências, percepções e sensações produzidas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

Os relatos do trabalho de Conclusão do curso de Psicologia deram origem à minha compreensão desta dissertação como pesquisadora, pois foram construídas através das ações realizadas por mim como musicoterapeuta neste ambiente CAPS, que levaram ao desenvolvimento teórico-prático do TCC, para que os relatos de experiências, afetos e entendimentos subjacentes, compusessem o corpo-teórico de experiências relacionadas à musicoterapia, desenvolvida em um ambiente de saúde mental coletivo, especificamente o Centro de Atenção Psicossocial Casa Vida no município do Capão do Leão.

Ainda referindo-me aos elementos catalisadores que me auxiliaram na construção do TCC, um trabalho anterior à dissertação de mestrado, a personagem criada teve um papel crucial. Ela permitiu expressar ideias de uma forma mais fluida e que não conseguiria apenas com relatos objetivos. Através dessa personagem, experimentei a leveza e a magia que mais tarde veio a contribuir para o desenvolvimento deste projeto.

O Trabalho de Conclusão de Curso na Psicologia também foi meu elo de ligação, o disparador que me levou a pensar na possibilidade da minha inserção no mestrado em artes, na Universidade Federal de Pelotas, o Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGARTES o qual faço parte hoje, com a proposta de dar continuidade a algumas dessas inquietações.

Lembro-me que meu desejo era realizar o mestrado em Educação em Porto Alegre, justamente por esse desejo antigo de trabalhar com educação popular e exercer o espírito “Freiriano” que me acompanha de berço. Estava inscrita e feliz com a ideia de ingressar no eixo educacional de “Escrileituras, Artistagens e Variações” da UFRGS, até que um belo sábado enviei um e-mail a um professor, pedindo sua ajuda com relação à prova escrita, pois havia muita bibliografia a

estudar e com certeza não daria conta de tudo. Nesse momento estava saindo de casa para levar meu filho Bento (7 anos) ao teatro, estava atrasada, então enviei o e-mail logo. Saí correndo com a criança, minha mãe e um chimarrão a tiracolo.

Quando chegamos no teatro, deixei a criança no espetáculo e ficamos no hall de entrada mateando, minha mãe falando que se eu não fizesse tudo de última hora não estaríamos atrasadas e eu expliquei a ela mais uma vez que era importante enviar aquele e-mail para esse professor pois era a única pessoa que poderia me ajudar com a prova, precisava da ajuda de alguém pois a prova seria na próxima semana.

Ainda meio a discussão com minha mãe, entra um homem com o cabelo longo e com uma máscara de proteção (pois ainda vivíamos a iminência da COVID-19), adentra a sala da casa de teatro e interrompe nossa conversa dizendo:

- Com licença, minha filha está assistindo a peça, posso esperá-la aqui com vocês?

Respondemos em coro que sim, pois era um espaço familiar, para mim e minha mãe, porém logo fiquei observando-o e pensando... não pode ser! Faz no mínimo 5 anos que não o vejo, fui sua aluna quando Bento ainda era um bebê, nas cadeiras de Processos Grupais, disciplinas que me norteiam até hoje, da última vez que soube dele estava na França concluindo estudos, seria muita coincidência se...

Então meu turbilhão de pensamentos foi interrompido pela dona do espaço que me chamou a atenção e disse Luana...pára de olhar pro moço... e eu respondi, não amiga, não é o que você está pensando e então falei:

- Moço, como é o seu nome? (e então o improvável aconteceu)
- Édio

Não pude acreditar que se tratava do professor Édio Raniere⁶, o qual eu havia enviado um e-mail a alguns minutos anteriores, fiquei paralisada, sem saber o que dizer então lhe falei:

⁶ Refiro-me aqui a um professor ímpar, toda minha gratidão pelo companheirismo, profecia e musicalidade.

Professor Édio Raniere - Pós-Doutorado em Filosofia pela Université Paris-Nanterre. Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes - PPGArtes -, professor do curso de Licenciatura em Filosofia a Distância (EAD) e professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, onde coordena o Laboratório de Arte e Psicologia Social: LAPSO, ao qual tenho o maior orgulho de fazer parte

- Professor Édio, não sei se o Sr. lembra de mim, mas fui sua aluna há muitos anos atrás, eu ia com meu filho pequeno pra sua aula, lembra? Eu tocava violão em alguns trabalhos, eu lhe enviei um e-mail agora, há alguns minutos, deve ter sido o último e-mail da sua caixa de mensagem. (não sabia nem por onde começar a conversar), então falei:

- Prof, posso lhe dar um abraço? (Nos abraçamos forte)
- Claro que sim, mas por que você me mandou esse e-mail?
- Por causa da prova escrita do Mestrado da UFRGS, já passei por duas etapas e queria saber em que focar?
- Você já se formou em Psicologia? Que legal, sobre o que foi seu TCC?
- Foi um trabalho de escrita ficcional sobre a Musicoterapia no CAPS.
- Que interessante. porque você vai pra educação agora, quem sabe você não tenta o mestrado em artes, eu acho que a inscrição vai até... hoje.

E cá estou eu nesse caminho, apesar desse primeiro relato ainda estar distante da questão central da dissertação, observo que através da narrativa ficcional, encontrei uma solução necessária para a conclusão desta escrita, pois a grande dificuldade que tive no aspecto discursivo, foi um dos meus maiores obstáculos para a conclusão do processo de criação no mestrado em artes.

E por esse motivo, é possível que, ao longo dessa trajetória, eu tenha me deparado com algumas contradições, mas acredito que, no futuro, elas possam ampliar minhas reflexões sobre como lidar com as possíveis dificuldades relacionadas ao objeto em questão (aparelho? ainda não sei se devo chamá-lo assim). Não quero criar um fascínio por meu objeto a ponto de não conseguir distinguir o que é dele e o que é meu nessa construção processual.

Aqui apresento um instrumento físico, um objeto simples que será o veículo desencadeador das imagens e das experiências, um aparelho intermediário para que possam emergir pensamentos através dele, problematizações sobre criações audiovisuais geradas por vocalizações, bem como o acompanhamento afetivo destes relatos.

Esse foi o primeiro esboço do objeto, retirado de um projeto de física básico, do Canal do Youtube “O Manual do Mundo”⁷ de Iberê Thenório e Mari Fulfaró

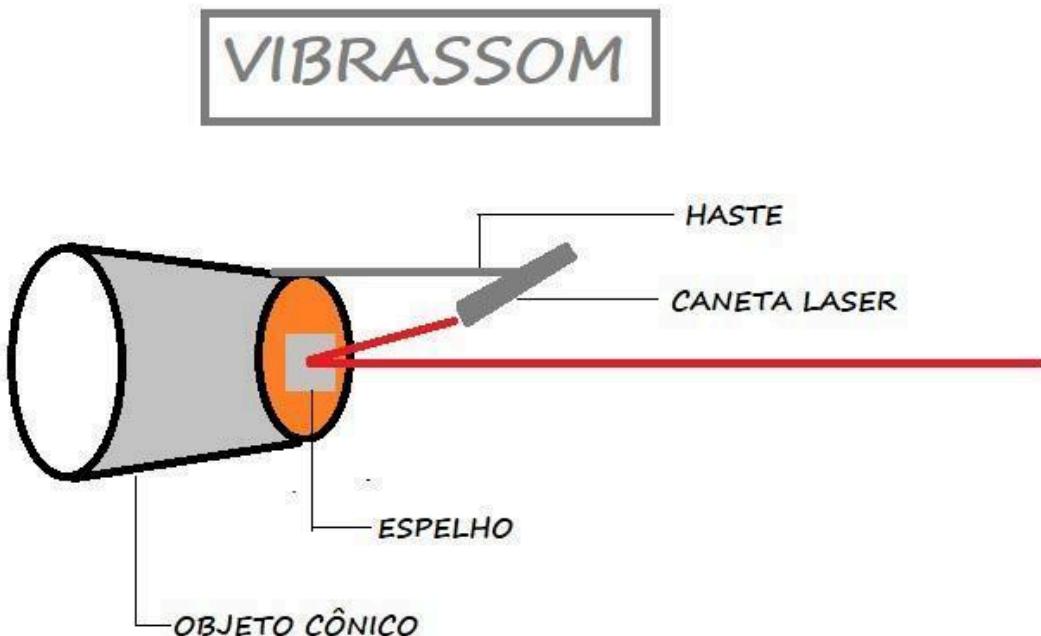
⁷ “O Manual do Mundo” é um livro baseado no popular canal de YouTube “Manual do Mundo”, criado por Iberê Thenório e Mari Fulfaró, que oferece uma variedade de experimentos científicos, projetos de engenharia e curiosidades (2018). Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=6lArL9pCkhs> manualdomundo.com.br

(2018), construído a partir de um vídeo modelo, encontrado na internet.

Com relação ao instrumento, o funcionamento se dá através da emissão do som da voz, para que apareça uma projeção de imagem, gerando um discurso a partir do que foi visto e sentido através da sua utilização, ebulindo assim conjecturas filosóficas sobre o que é criado a partir dele.

Refiro-me mais uma vez, que se trata de uma adaptação de um projeto inicial retirado da internet. Uma experiência de física básica que, portanto, não foi criada para esta pesquisa, mas teve seu fim utilitário modificado, como será explicado posteriormente, só que desta vez pensado no campo das artes e não apenas como um objeto comum da física.

Figura 1- Projeto de ciências básico⁸



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6lArL9pCkhs>

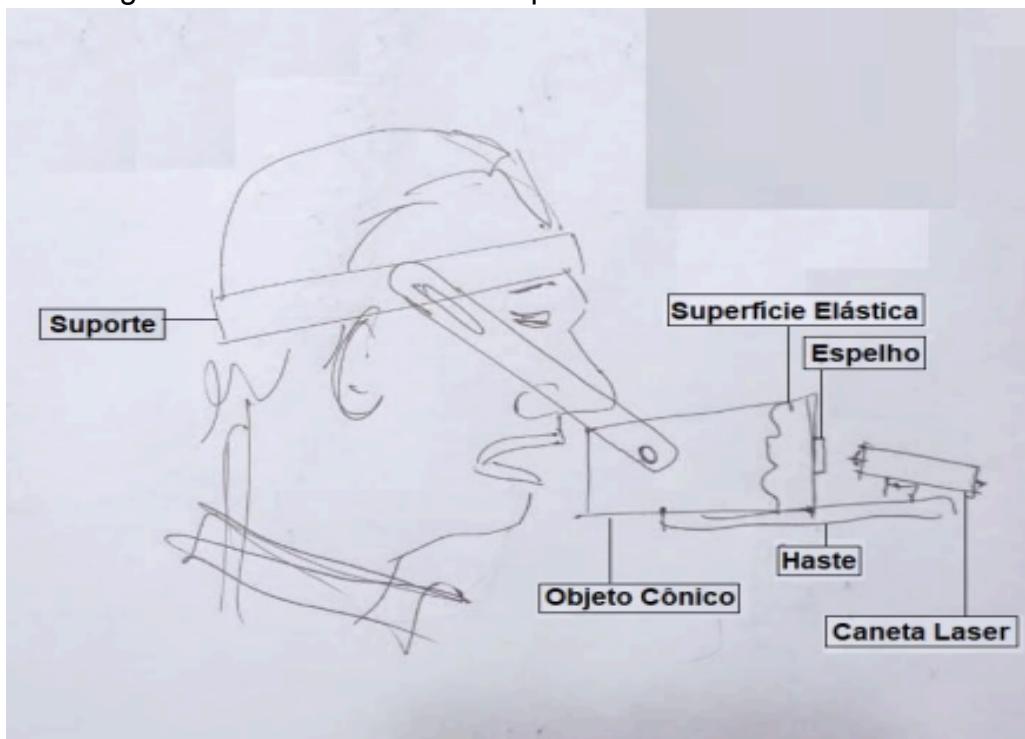
Na tentativa de analisar os resultados gerados por este objeto como produção artística, existe acima de tudo o interesse nas experiências provocadas pela sua utilização, demonstrar e dialogar com outros participantes, incluindo o seu envolvimento no aprimoramento do objeto, e a sua produção de material, no sentido de servir como um conduto das mais diversas percepções sonoras e experiências geradas por elas através de imagens projetadas em laser.

⁸ Esta imagem é desenhada em um programa simples de desenho (Paint), para melhor compreensão do objeto retirado do livro Manual do Mundo, que serve como atravessador desse projeto.

Este primeiro esboço a seguir foi feito na Universidade Federal da Paraíba por um dos colaboradores, o qual idealizou criação de um suporte construído em uma impressora 3D, para melhor utilização do objeto.

Mediante as observações feitas durante a pesquisa, por intermédio do objeto auxiliar, encontro a necessidade de trazer à luz do pensamento alguns pontos que devem ser explicitados de antemão, questões que me acompanham desde o início da pesquisa, passando pela qualificação do mestrado, até sua finalização.

Figura 2 - Rabisco desenhado pelo Técnico Ricardo Falcão⁹



Fonte: Autores

Fui interpelada por diversas interjeições durante a construção da escrita desta dissertação, mas, sobretudo, pela amplitude da vida nas minhas próprias vivências como estudante, por atravessamentos e provocações intensas que encontrei neste trajeto e que, por vezes, confundiram a objetividade dos resultados como um todo, pois foram vários os caminhos percorridos.

Encontrei no livro “Arte como Experiência”, um companheiro para embasar o meu percurso nas observações de John Dewey (2010), onde o autor de forma confortante ao meu coração artístico diz-me que, o processo é sim esta caminhada

⁹ Desenho feito a mão pelo Técnico Ricardo Falcão, para compreensão de um possível melhoramento no objeto Vibrasom

na busca do que virá a tornar-se arte, delimitando também o que deve estar presente nesta construção:

O conteúdo antecedente, não se transforma instantaneamente na matéria de uma obra de arte na cabeça do artista. É um processo em desenvolvimento. Como já vimos, o artista descobre para onde vai graças ao que fez antes; ou seja, o estímulo e a emoção originais de um contato com o mundo passam por transformações sucessivas. O estado da matéria a que ele chega instaura demandas a serem atendidas e institui um quadro de referência que limita outras operações. (DEWEY, 1934, p. 223)

Este pensamento de Dewey, impulsiona-me a pensar que estamos em um plano onde possuímos essa fruição no criar através do processo em fazer

Onde somos um veículo de passagem para a concretização do desejo de criar, unindo essas informações durante o trajeto, para que depois transformemos em significado, seja ele artístico ou cotidiano, através da oralidade conceitual.

Observei que para adquirir a capacidade de lidar com novos conceitos, onde outras possibilidades sinápticas são criadas, faz-se necessário proporcionar experiências que possam ser problematizadas através de lacunas, dando ouvido às perguntas que reverberam espaços reflexivos, para captar, através das imagens visuais, o que possa ter limitado-se.

Promover a sensação de cruzamento destes sentidos, assim como no artigo de Hippertt (2019) sobre um texto de James Joyce onde elucida a palavra “ouver” para representar a relação intercruzada entre a sonoridade e a visualidade, assim como vários outros termos simbióticos da etimologia das palavras subsequentes expressa similaridade ao processo de “Ouver”.

Seria então um novo verbo, um terceiro que pudesse trazer a quem sentisse determinada ação a fusão da compreensão visível do que é dito:

“Ouver” se constitui no mesmo ato pela palavra “ver” e “ouvir”, remetendo ao sentido da visão + audição. “Ouvidente” se constitui pela junção das palavras “ouvido” e “vidente” (esta última remetendo ao sentido da visão). Portanto, intercruzam o sentido da visão + audição. “houvera” se constitui pela junção das palavras houver + houve + vera (ver no futuro), e assim mescla o sentido da visão + audição. “reverber-rar” se constitui pela palavra “reverberrar”. Dessa forma expressa uma ideia de som que reverbera e que berra. Ao mesmo tempo, “reverberrar” é constituída pela palavra “ver” e “rever”. Assim, remete ao sentido da visão + audição.” (Hippert, 2019, p. 20)

No texto “Diálogos entre som e cor: nuances ampliadas” a autora afirma que a escrita carrega uma dimensão visual inerente, proporcionando um plano ótico que

potencializa a visualidade e devolve o olhar ao espectador (HIPPERT,2019), colocando-o em ação através de uma dinâmica rítmica de superfície e fundo, fluxo e refluxo, avanço e recuo, entre outros jogos de percepção.

Esse conceito ressoa com a ideia de Didi-Huberman (2010) em “*O que vemos e que nos olha*”, que descreve como o escritor, através de suas palavras, ativa uma modalidade do visível que engaja o leitor em uma experiência sensorial e perceptiva profunda.

Essa análise, aqui mencionada, é particularmente relevante para a obra de James Joyce, especialmente em "Ulysses". Joyce usa técnicas narrativas inovadoras para transcender a mera descrição, criando uma experiência visual e sensorial rica e multifacetada. Em "Ulysses", a justaposição de eventos e a intrincada teia de associações linguísticas são exemplares dos jogos de percepção descritos por Didi-Huberman. A obra de Joyce engaja o leitor em uma constante interação entre o visível e o imaginado, o explícito e o implícito, mencionado por Rebeca Hippert e Didi-Huberman (2019; 2010).

Acho importante que haja uma contextualização introdutória e para isso, quero trazer à luz do conhecimento uma história, compartilhar um pequeno recorte no meu percurso que pode colaborar na contextualização deste projeto, uma maneira pessoal sobre compreender imagens e suas possíveis simbologias, assim como a representação visual delas.

Tento aqui trazer a reflexão sobre o quanto a cultura e a subjetividade de quem vê, ouve e percebe, interfere na forma de simbolizar o que se presume apreender e proporcionar a título de imagem.

Ainda que seja uma reflexão preliminar de uma pesquisa já em andamento, começo dividindo com o leitor a história do significado do meu nome e sua simbologia. A semântica do nome próprio, Luana, está ligada a uma imagem simbólica da Lua, e não apenas pelo radical similar, mas pelo sentido que passou a ter através da amplitude de uma crença familiar, uma atitude cultural que me foi passada através do meu núcleo familiar, em particular meu pai e minha mãe.

Essa é a história de um nome próprio, e você deve estar se perguntando, o que isso tem a ver com esse projeto? Tudo, pois caracteriza a forma de quem o escreve, as suas descrições e subjetividades particulares.

John Dewey expõe na afirmação de Matisse que: “*Quando um quadro fica pronto, é como um filho recém-nascido. O próprio pintor precisa de tempo para*

compreendê-lo. Há que conviver com ele como se convive com uma criança, se quisermos aprender o significado de seu ser” (DEWEY, 2010, p. 216).

O que relato a seguir é uma tentativa de expor um contexto pessoal, permitindo que o leitor acesse um pouco da minha perspectiva de mundo através desta história. Espero que as imagens e observações compartilhadas sirvam para propósitos além de meramente reflexivos sobre o pensamento artístico. Se, de forma inclusiva, ocorrerem mais desdobramentos, será maravilhoso. No entanto, minhas ambições com essas observações sobre minha contextualização são de partilha.

Espero sim que possibilidades possam “reverberrar” (HIPPERT, 2019), naqueles que entrarem em contato com este projeto, assim como fizeram meus pais com a minha existência, ampliando o sentido, possibilitando que o sonho, a ideia sobre quem sou, pudesse transformar meus pensamentos em uma constante fruição.

Que neste momento da citação desta história, através do meu nome, na fabulação que eles criaram para que eu acreditasse que tudo pode tornar-se arte, que eu consiga transferir um pouco desse olhar ao leitor, gerando uma possibilidade para assim ser.

Tenho anseio que as imagens e observações que compartilho, sirvam a propósitos reflexivos sobre o pensamento artístico. Desejo apenas compartilhar um pedaço do meu mundo, imbuído de simbolismo e devaneios que moldaram quem eu sou.

Meu nome de registro é Luana, uma escolha que parece simples à primeira vista, mas carrega uma história rica e mística para o contexto em que fui criada. Meus pais, Luís e Ana, desejavam que meu nome refletisse a união de seus próprios nomes. Originalmente, eu seria chamada Ana Luiza, um nome que simbolizava a união dos dois. No entanto, pouco antes de eu nascer, meu pai teve um sonho inusitado e profético. Ele sonhou com uma cigana que segurava um bebê nos braços. A cigana olhou nos olhos dele e disse com uma voz suave, mas firme: "Não é esse o nome que quero para essa criança. Ana Luiza não é o destino dela." Ela prometeu enviar um sinal para que meu pai soubesse qual deveria ser meu verdadeiro nome. Quando nasci, havia uma marca distinta nas minhas costas, um pequeno sinal que meu pai reconheceu instantaneamente. Era o sinal “prometido” pela cigana. Ele soube naquele momento que meu nome deveria ser Luana, uma fusão perfeita e simbiótica dos nomes dos meus pais, mas também uma escolha

guiada por um sinal que representava um mistério.

Com este exemplo particular, quero ilustrar como minha realidade foi fabulosamente construída. Para algumas pessoas, a marca nas minhas costas pode parecer apenas um borrão. No entanto, para mim, que recebi uma carga de informações culturais sobre um tema que me interessa profundamente, fez com que essa marca moldasse minha percepção tanto do meu corpo (imagem) quanto do meu nome (texto). Essa é a imagem do sinal no meu corpo:

Figura 3- Foto tirada do meu sinal de nascença¹⁰



Fonte: Autores

Essa história, que se desenrola de maneira quase mágica, me permitiu tecer uma narrativa que vai além da descrição biológica de um sinal. Ela me deu a oportunidade de ver minha identidade através de uma lente mais poética e situada dentro de um contexto cultural. Ao integrar essa crença na minha vida, não apenas

¹⁰ Foto tirada por smartphone, do dorso da pesquisadora onde está possui um sinal de nascença que remete à um desenho de uma lua crescente.

aceitei o nome Luana, mas também abracei toda a simbologia e informação que ele carrega.

Se meu pai sonhou ou não, não tenho como mensurar, mas a particularidade desta história é que eu nasci com um sinal nas costas, várias pintinhas dispostas de uma forma que dão a parecer possuírem a visualidade de uma lua crescente. E desta forma, esta história acaba demonstrando toda a busca deste projeto.

Nesta demonstração de uma história profundamente pessoal, a maneira como fui educada a perceber o contexto cultural, especialmente no que se refere ao trabalho em questão, contribui diretamente para a construção de um processo cultural. Como afirma o Professor Falcão (2002), a cultura e a educação são processos de construção intrinsecamente ligados, sendo que o termo "cultura" é muito mais complexo para se obter uma definição objetiva.

O termo cultura é bem mais indefinido, amplo, global que o de educação. Na linguagem corrente, cultura pode significar, de modo genérico, tudo o que se constroi na sociedade e na civilização.(...) A partir desta comparação, podemos deduzir certas dimensões comuns, uma faixa de interseção das duas classes que são educação e cultura, consideradas distintamente. Não podemos, entretanto, esquecer que a classe cultura inclui a classe da educação como contexto ou universo do discurso. (FALCÃO, 2002, p. 40)

No meu contexto educacional e profissional, como psicóloga e estudante da área das artes, pensar em um trabalho sob a ótica artística implica considerar o contexto educacional e ambiental de quem a vivência e descreve. Esse relato descritivo próprio, por sua vez, viabiliza, para mim, o reconhecimento do trabalho como um processo de criação artística.

Observo com a busca desse projeto, que os conceitos que servem como base para que ele possa ser construído, necessitam de uma problemática interseccional, onde outros contextos possíveis possam existir em harmonia, assim como na música, harmonia é uma palavra de demanda para os pontos evidenciados no projeto.

Na musicalidade orquestral desta escrita, cada ser humano que contatou este estudo, colaborou e ampliou para a composição e compreensão desta interseccionalidade sobre a ótica pessoal do que seria ver o som.

Uma das formas metodológicas de construção desta pesquisa acabou sendo a própria busca por um método. Foi nesse caminho que pude receber acolhimento e

reencontrar o prazer do diálogo acadêmico, o que me levou a focar em uma perspectiva mais saudável dentro da complexidade deste projeto, conforme citado por Emanuel Falcão (2002) no livro 'Metodologia para a Mobilização Coletiva e Individual'.

O termo método, mét + odos é filho da linguagem grega (meta = para + hodos = via, caminho) e através do latim, o nosso conceito ganha as academias ocidentais do século XV e XVI, significando ordem que se segue na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou, em geral encaminhamento racional de meios para um fim determinado. (FALCÃO, 2002, p. 48)

O objetivo principal desta escrita é descrever o percurso da pesquisa, criando problematizações através da visualidade proporcionada por um objeto acionado por vocalizações e essa descrição do método como caminho ordenado e organizado, só fizeram sentido a partir das ações ao qual foi submetido posteriormente à busca metodológica.

Conforme já mencionei, este objeto utiliza-se dos seguintes materiais: um copo, uma caneta laser, um balão e um pequeno espelho, proporcionando assim a ideia de experienciar a visualidade do som. No processo esse objeto acabou ganhando um suporte para acoplagem facial sem a necessidade de um suporte manual.

O objeto facilitador desse diálogo veio a somar através de uma ideia inexata sobre a visualidade do som. Inexata porquê de fato as alterações visuais dele são causadas pela emissão de ar pela boca, independentemente de ser sonora. Entretanto, a resposta visual do aparelho, quando se emite o som pela boca, mostra diferença entre sons graves e agudos, por exemplo, conforme é explicado no vídeo do Manual do Mundo.

Mesmo este sendo um ponto importante do projeto, é apenas um meio para chegar até os encontros proporcionados, este objeto é um tópico de menor relevância, apesar da tentativa de dissecá-lo ao extremo.

Perto da composição complexa do pensamento proposto, trata-se da problematização perceptiva sobre o ato de vocalizar e dos componentes implicados para execução desta ação, como um dispositivo disparador de percepções internas e visuais, singulares e plurais.

Todo o trabalho está implicado no tema visualidade do som, seus desdobramentos através de imagens proporcionadas pela projeção de um objeto,

tópicos principais como: corpo, visualidade, percepções e problematizações sobre vocalização, assim como o intercâmbio realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a possibilidade de visualização desse processo sob olhares locais nordestinos entre relatos e narrativas ficcionais.

Estes desdobramentos estão dispostos em V Capítulos, onde o Capítulo I foi a busca pelo objeto Vibrasom e os encontros na área da saúde, que precederam à Universidade, além de algumas compreensões básicas da física que promoveram a busca pelo objeto. O segundo capítulo explica sobre a recepção na Paraíba, as possibilidades encontradas através da inserção na Vivência e o aprimoramento do objeto, o Capítulo III a metodologia e suas relações com artistas e referências bibliográficas importantes para sua compreensão total. O Capítulo IV com algumas experiências na Universidade Federal de Pelotas, assim como um recorte do estágio docente e o V Capítulo, importantes relatos das experiências proporcionadas através do objeto, as considerações finais do trabalho e seus desdobramentos.

Prossigo com o relato do projeto, porém antes quero dividir com os leitores como cheguei até o objeto Vibrasom (Vibration Laser), ainda como uma preparação para os devaneios luminosos que ainda virão.

CAPÍTULO I

SOPRO DE LUZ

“Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”

(Provérbio Yorubá)

“ - A música do melhor futuro - O primeiro dos músicos seria para mim aquele que só conhece a tristeza da mais profunda felicidade, e que ignorasse qualquer outra tristeza: até agora ainda não existiu tal músico.”

(Nietzsche, A Gaia Ciência)

1.1 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

Quando trabalhei como musicoterapeuta no Centro de Atenção Psicossocial no ano de 2021, em meados da pandemia COVID-19, não havia muito recurso financeiro disponível ao Serviço Único de Saúde (SUS). Para promover as aulas de musicoterapia, precisava utilizar materiais com baixo custo, materiais reciclados, e que pudessem ser reaproveitados pois a demanda era alta.

Um dos materiais que usava em larga escala eram canudos de papel, aqueles que se utilizam em bebidas, um material barato e de fácil utilização.

Devido a simplicidade para o manejo de atividades, gostava muito de realizar testes simples, para testar a cognição dos pacientes e também para fazer algumas brincadeiras e aquecimentos vocais. Sempre funcionou bem durante as sessões.

Um dia recebi uma senhora, que vou chamar aqui de Dona Y, tinha 64 anos, era uma mulher de pele clara, cabelos castanhos, lisos e vestia roupas simples, uma saia e uma camisa floridas de algodão, era magra e apresentava um olhar apático e distante, característico do CID F32, que constitui o quadro de depressão.

Essa senhora já havia passado por outros profissionais que a examinaram, escutaram e que juntamente com o desejo dela de continuar em tratamento, concluíram que seria um ganho na qualidade de vida se ela frequentasse a sessão de musicoterapia, sendo que este foi um desejo mencionado por ela também.

Recebi Dona Y, que falou comigo que apesar de toda a sua simplicidade e contexto, relatou estar ansiosa para começar as atividades. Logo peguei o canudinho e pedi que ela soprasse apenas... ela me olhou confusa e disse:

- Não consigo.

Pensei... será algum problema cognitivo maior? Repeti a instrução e pedi que ela soprasse o canudo novamente e ela verbalizou novamente que não conseguia.

Tentei pensar rápido para poder compreender o que estava acontecendo e o que poderia ser feito para que ela executasse uma tarefa simples, querendo também descobrir por que ela não conseguia executar aquele comando sendo que estava falando comigo e estava comprehendendo o que deveria ser feito.

Nesse momento fiquei pensando em mudar o foco da atividade porque ela estava ficando cada vez mais nervosa, então parei com a atividade e retomei o olhar para entender o funcionamento dela de uma forma geral. Pedi a ela que ficasse calma e perguntei se queria tomar um chá? Ela respondeu que sim. Enchi um copo

de chá de camomila, pois sempre tinha uma térmica de chá na minha sala e pedi que ela colocasse o canudo no copo e soprasse pra eu ver se iria conseguir, também precisei verificar se ela conseguia ingerir o chá sugando o canudo. Dona Y executou as duas atividades. Tomou o chá por intermédio do canudo

Então perguntei o que houve e por que ela não tinha conseguido utilizar o canudo quando pedi pela primeira vez? Ela respondeu que ficou tão nervosa quando pensou que aquilo que ela ia fazer podia estar relacionado com arte, pois cresceu com uma realidade muito triste, onde desenvolver uma atividade artística era um ato improvável na cabeça dela.

Sendo assim, quando pedi que realizasse o exercício, ela não conseguiu se permitir, pois veio à sua mente a incapacidade de produzir qualquer tarefa relacionada a arte.

Veja, que aqui estamos falando de uma terapia musicoterapêutica, uma Prática Integrativa e Complementar chamada musicoterapia. Mas quando comecei a atividade não pedi que ela cantasse, não pedi que executasse um solfejo, nem uma entonação, pedi apenas que soprasse, e devido a um condicionamento essa tarefa de soprar/sugar o canudinho, se estendeu de forma dificultosa, tomando mais tempo do que deveria.

Até Dona Y acreditar que poderia estar de alguma forma associando seu sopro à música levou tempo, para quebrar a cultura que trazia como vivência, e que acarretavam prejuízos à sua respiração, sua fala, e outros movimentos condicionados, mesmo que através de um exercício sistemático simples. Para alguém que recebe uma instrução sobre uma forma terapêutica artística - continua sendo um desafio, principalmente para quem propõe isso como uma forma de desenvolver arte.

Com o tempo e os diálogos para a compreensão do processo de Dona Y trouxeram ganhos incontáveis, principalmente pelo prazer que ela obteve por estar frequentando um espaço de arte (terapêutico) que pudesse desenvolvê-la de alguma forma. Os benefícios da arte, para o meu entendimento, devem antes de qualquer coisa cumprir o objetivo de levar bem-estar e promover saúde.

E o que seria o conceito de saúde? Segundo a Organização Mundial da Saúde (1948) um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas ausência de doença ou enfermidade. Penso que a arte pode servir para

proporcionar saúde de alguma forma dentro desse conceito e mais uma vez encontro o objetivo da pesquisa em questão.

Meu encontro com Dona Y me levou aos primórdios da busca pelos “instrumentos”, ao questionamento sobre o que poderia utilizar para problematizar a comunicação verbal. Percebi que o processo era anterior à proposição de uma atividade “artística” de algum modo.

1.2 PERCORRENDO A LUZ COMO UM CORPO

“- A vida não é um argumento - Convencionamos para nós um mundo no qual possamos viver , admitindo a existência de corpos, de linhas, de superfícies, de causas e efeitos, de movimento e repouso, de forma e conteúdo: não fossem esses artigos de fé, ninguém hoje suportaria viver! ” (NIETZSCHE, 2017, p.113)

Ainda no exercício da musicoterapia, aconteceu outro encontro no Centro de Atenção Psicossocial, que acabou conduzindo meu estudo pelos caminhos entre a comunicação verbal, a escuta, a visualidade e o entendimento, devido a necessidade de apreender e problematizar percepções singulares.

Havia uma moça que sofria de cenas agudas de descontrole vocal. Ela gritava bastante quando ocorriam as crises, e durante nossas conversas ela dizia que se sentia muito triste, depois que as crises aconteciam porque os gritos não faziam bem para a sua relação com os familiares principalmente, porque estes acabavam afastando-se dela.

Compreendiam pouco que os gritos não eram caprichos, mas um impulso elétrico mais que uma crise de raiva. Sem o acolhimento necessário, os familiares geravam mais problemas, dificultando o controle dessa atitude, enraizada há tempos.

Por algum tempo fiquei pensando o que poderia fazer para que ela compreendesse que deveria (ou poderia) empregar um pouco mais de força para manter o autocontrole, sendo que tratava-se de uma desorganização física estrutural.

Lembrei de uma conversa com um amigo que é deficiente visual que me relatou, sobre sua condição e que mesmo sendo a cegueira algo imposto, conseguia

realizar as tarefas através de uma superestimulação em outros sentidos que possuía. Logo, a diminuição de um estímulo, em seu caso, potencializava a sua sensibilidade quanto a outro (ouvir), criando em sua mente as adaptações necessárias para compreender melhor o mundo que o cerca.

Então concluí que talvez se eu pudesse fazer com que a moça dos gritos mantivesse o foco em outro sentido que não a voz, talvez pudesse tomar consciência de que com algum esforço ela poderia sim evitar os gritos desnecessários.

Fui até a internet e procurei como ver a voz, encontrei dentre as possibilidades, um artigo, da área da física, que me explicou várias coisas, com o título de “Visualize a sua voz: Uma proposta para o ensino de ondas sonoras” (DE MOURA, 2017) e o artigo começava com uma orientação do Ministério da Cultura e da Educação que dizia assim:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam que o ensino de Física deve discutir, entre outros temas, a origem do universo e sua evolução, propondo como competências e habilidades a serem desenvolvidas: (i) representação e a comunicação; (ii) investigação e compreensão; (iii) contextualização sociocultural, no sentido de “contribuir para a formação de uma cultura científica e cultural, que permita ao indivíduo a interpretação dos fatos, fenômenos e processos naturais (DE MOURA, 2017, p. 183).

Quando fui desdobrando a leitura e entrelaçando a física e a arte, cada vez mais, comprehendi que a psicologia poderia ser o elo que ligava um passo ao outro e que era exatamente o que poderia ser potencializado no processo de recuperação e entendimento da moça gritona.

O desenvolvimento de habilidades novas eram a necessidade primordial, dentro da condição representativa e da capacidade de comunicar com mais clareza e dosagem, e que para isso a investigação dessa apreensão informativa e a compreensão do que acontecia para aquele indivíduo era exatamente o que precisava para poder “mostrar a voz”. Porém tudo isso só poderia ser organizado através da contextualização sociocultural da pessoa a qual estaria submetida ao exercício naquele momento.

Comecei a pesquisar nesse artigo sobre a construção de um objeto, mas junto a isso suas principais implicações e perguntas insurgentes, e alguns tópicos me chamaram atenção durante a leitura, como primeiramente a descrição de onda, o que no decorrer da pesquisa acabou trazendo outro sentido:

Hewitt (2002) descreve que uma onda pode ser definida de uma forma simples como movimentos oscilatórios que se propagam num meio, transportando apenas energia, sem transportar matéria. O autor generaliza que de um modo geral uma onda é como qualquer coisa que oscile para frente e para trás, para lá e para cá, de um lado para outro, para dentro e para fora, ligando e desligando, estridente e suave ou para cima e para baixo e que está vibrando em função do tempo (DE MOURA, 2017, p. 183).

Ainda no pensamento de troca durante a leitura deste artigo, continuava o relato sobre a sensibilidade do ouvido humano, e sua grande capacidade de conversão de um estímulo mecânico fraco em um estímulo nervoso perceptivo. Refletia se a moça gritona não estaria com problemas no aparelho auditivo, mas que mesmo se assim estivesse, minha tentativa poderia ser útil, pois o que a incomodava eram os momentos pontuais em que descontrolava-se.

Logo pensei, ainda acompanhando o artigo sobre a voz humana, esta origina-se a partir da vibração das membranas, das cordas vocais, que logo agitam-se pela passagem do ar provindo dos pulmões por onde projeta a sonoridade para o externo da caixa torácica, podendo ser controlado devido a maior ou menor emissão de ar: “As vibrações dessas cordas são comunicadas ao ar existente nas diversas cavidades da boca, da garganta e do nariz e aos músculos próximos a elas.” (DE MOURA, 2017, p.193) formando dessa maneira o som.

No caso deste artigo em questão, o objeto vibracional utilizado, teve sua pesquisa demonstrada através de sons precisos (Hz), ligados à emissores de sons que puderam ser mensurados e quantificados como descreve nesta passagem do artigo:

Utilizando músicas de distintos gêneros foi possível notar o comportamento do experimento através das imagens formadas. Como não possuem eficiência nas frequências acima de 732 Hz, as músicas que são compostas, ou que possuem grande quantidade de notas do tipo grave, se destacam e formam um grande número de imagens. As músicas que possuem poucas notas do tipo grave, formam menor quantidade de imagens. A música de gênero MPB foi a que apresentou um comportamento mais suave em suas imagens formadas, enquanto o gênero Rap apresentou um comportamento mais agitado em suas imagens formadas, tendo em vista que é composta por muitas notas musicais de tom grave. (DE MOURA, 2017, p. 194)

Então existia um padrão básico que poderia remeter a associação de expressões e que poderiam ajudar-me a dialogar sobre o tema de perceber melhor a forma de comunicar-se. Tons graves formavam mais imagens, como no grito de

raiva, e isso possibilitou-me seguir com o meu discurso sobre a associação de percepções, mesmo que numa tentativa singular.

Para o meu projeto começar a obter êxito eu precisaria de bem menos que uma explicação complexa provinda da física, apenas demonstrar uma relação que pudesse ser associada à vivência anterior relacionada ao desprazer do grito, proporcionando uma conexão de visualidade que remetesse a isso, e que demonstrasse a intensidade vinculada ao ato de gritar.

Então este foi o primeiro modelo do Vibrasom que montei a partir do referencial já mencionado:

Figura 4- Primeiro Vibrasom¹¹



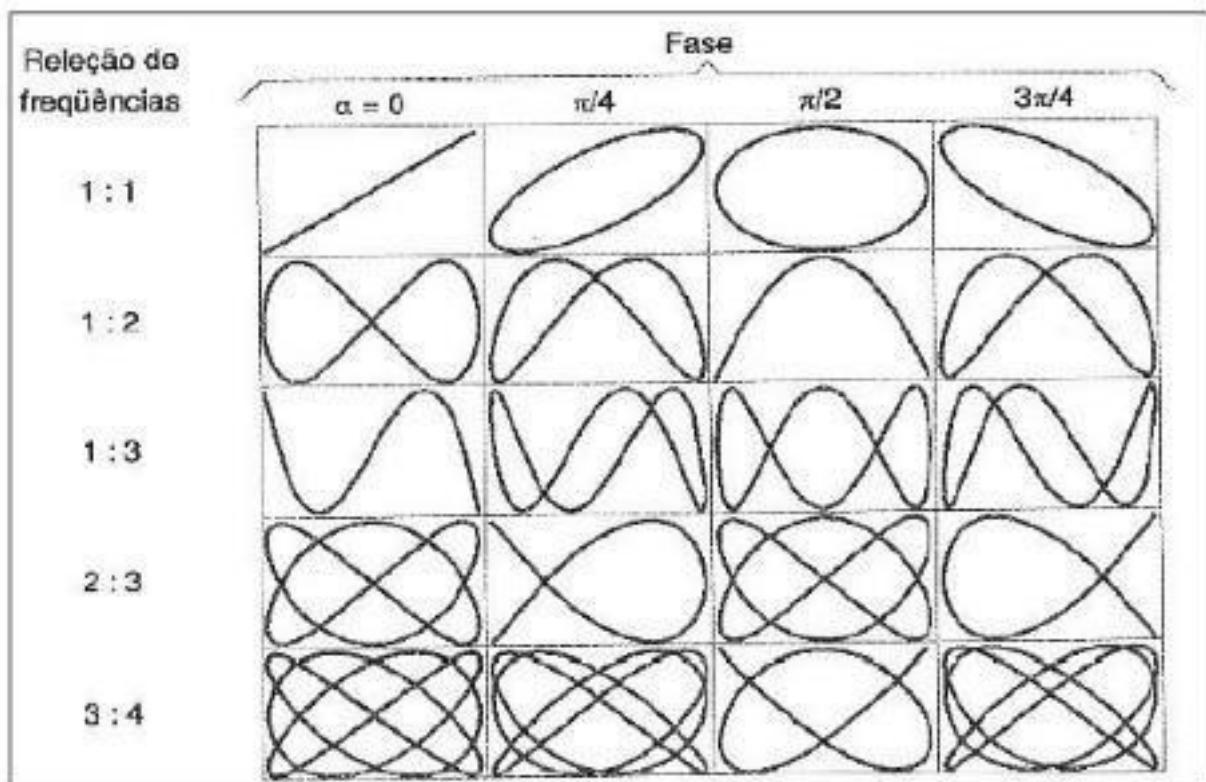
Fonte: Foto Autores

11 Esse primeiro objeto foi construído para ser utilizado no Centro de Atenção Psicossocial, essa foto foi tirada de um smartphone e este foi o primeiro protótipo do objeto promotor de atravessamento da pesquisa.

Aqui destaco a importância dessa primeira compreensão básica, pois mais tarde, isso irá compor o desencadeamento de ações e pensamentos sobre o objeto e suas elucubrações.

O artigo que me orientou primeiramente sobre a visualidade do som, ainda apresenta um gráfico com as figuras estudadas por Jules Antoine Lissajous¹² (DE MOURA, 2017), demonstrando algumas imagens semelhantes às produzidas pelo aparato experimental Vibrasom.

Figura 5- Figuras de Lissajous¹³



Fonte: Autores

Através do objeto, utilizado em uma prática simples de física, experimentei primeiramente em meu corpo, buscando testar o funcionamento e a interação com o aparelho. Essa exploração permitiu que eu compreendesse a dinâmica entre o corpo

¹² Durante este teste foi possível notar que algumas das figuras reproduzidas pelo aparato experimental Vibrasom são semelhantes às figuras estudadas por Jules Antoine Lissajous em 1857.

13

Disponível

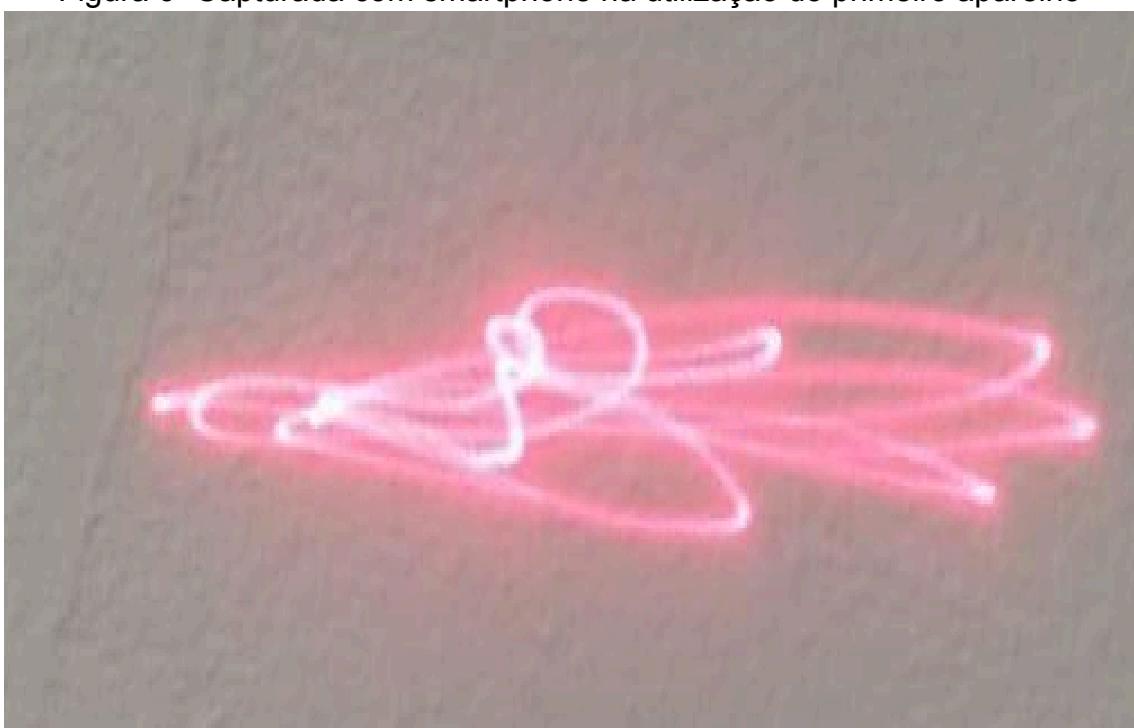
em:

<http://forum.lawebdefisica.com/attachment.php?attachmentid=6572&d=1362594173>. Acessado em 15/07/2022.

e o objeto, resultando na criação da figura 6, que simboliza a tentativa de demonstrar visualmente a intensidade de um grito:

Percebe-se que mesmo a figura ainda obedecendo uma ordem de enquadramento diferente do quadro de Lissajous apresentou-se com maior número de traços, com os cantos não tão arredondados, de certa forma sem a harmonia proposta pelas elipses de Jules Antoine, o que me auxiliou no desenvolvimento de uma narrativa própria, possibilitando a elaboração única sobre a perspectiva do grito.

Figura 6- Capturada com smartphone na utilização do primeiro aparelho



Fonte: Autores¹⁴

E junto com a demonstração do aparelho à minha interlocutora gritona, transcorreu a seguinte história:

- Hoje trouxe um aparelhinho pra gente conversar sobre suas crises de descontrole vocal. Perceba o que acontece quando você fala de forma tranquila e ordenada, após suas percepções, farei algumas perguntas sobre o que você consegue compreender ou não sobre os seus gritos, tudo bem?

- O que é isso? Perguntou a interlocutora.

- Um aparelhinho simples que funciona com a sua emissão vocal, fale aqui e aponte o laser na direção contrária, percebendo o que vê e como se sente.

¹⁴ Imagem capturada por smartphone do momento da utilização do Vibrasom pela própria pesquisadora.

- Mas é só uma lata, com um laser e um balão?
- Sim, experimente.
- Como se sente? E o que você percebe? (Perguntei à interlocutora)
- Me sinto bem, e vejo que a luz ganha movimento, e intensidade quando pronuncio algo, formando figuras, mas de forma simples.
- Isso, muito boas observações. Agora peço que grite, berre com força, mande todo o grito que pode enviar e me diga logo após o que vê e ouve.

Figura 7- Imagem de um som constante com pouco ar



Fonte: Autores¹⁵

- Agora estou cansada. Refletir sobre as diversas formas de expressão através do laser me fez perceber algo novo. Posso ver quanta energia coloco ao gritar, algo que jamais imaginei compreender. Alcancei um entendimento profundo sobre a percepção do que digo, sinto e, finalmente, expresso. Talvez agora eu possa pensar melhor antes de emitir um som, já que consigo também visualizá-lo. Foi como se meus sentidos tivessem ganhado mais força do que realmente têm, me transportando para um lugar onde a compreensão do que comunico se intensificou. Além disso, passei a perceber melhor como realizo essa comunicação. Acho que

¹⁵ Imagem capturada por smartphone do momento da utilização do Vibrasom pela própria pesquisadora.

gastei tanta energia hoje que estou ficando com sono. Minha família vai agradecer, pois, quando chegar em casa, vou direto para a cama.

1.3 A Praia dos Sonolentos

Nós, sonâmbulos do dia! Nós, artistas que somos! Nós ocultadores do natural, lunáticos do divino! Mudos como a morte, peregrinos infatigáveis, passando por altura que não vemos mas que tomamos pelo contrário como nossas planícies, nossas supremas certezas! (NIETZSCHE, 2017, p.73)

Foi o momento em que a continuidade da escrita obrigou-se a nascer, como lava incandescente, estourou da urgência de curar daquela ferida que necessitava ser olhada, queria criar algo maior, mas a visão que era direcionada para aquela dor da impotência era turva, como que embriagada de certezas mareantes que balançavam para lá e pra cá, para cima e para baixo, de um lado para o outro, como o balanço de um barco pequeno e minúsculo diante do mar imenso e imprevisível.

Como um médico alucinado que em meio há um plantão há mais de 24 horas já cansado sutura uma ideia em linha oblíqua, lutando contra o mal e o porcamente, só conseguindo realizar aquela façanha por estar visivelmente sob uso de algum psicoativo aditivado com propriedades alcóolicas que serviriam de combustível para nutrir uma ação sobre humana, escrevi aqui o que perpassou a minha pele ao absorver e narrar, talvez o pouco do que pude compreender, quando passei por aquela praia nordestina, a ponta do Brasil mais próxima aos meus antepassados africanos.

Pude pensar na visibilidade do embriaguês como algo que estava presente na vida de qualquer um, atendendo a um olhar microscópico, um lugar que está em plena e constante observação, através dos poucos sentidos que pude ter contato de forma consciente com a minha parca realidade. Mesmo assim, foi o que pude captar como a existência da vida neste local tão particular, sob as sensações de minhas pueris faculdades.

Uma reação percebida corporalmente em situações reais de adrenalina, onde os sentidos alertam o corpo sobre o que está por vir, despertando o mecanismo letárgico para a necessidade de ação e movimento.

Como se fosse um alarme de ativação para que meu corpo não sucumba quando o enfrentamento da ação tornar-se maior que a capacidade de realizar determinada tarefa requerendo aceitação de tal ação, esse difícil aceitar a ação.

Na Praia dos Sonolentos¹⁶ todos eram guiados por esse estado de torpeza, que antecipava os outros seis sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e intuição) como sendo uma antena que filtrava qualquer ação.

Aqui sob a perspectiva de funcionalidade da praia, pude estar em contato com a existência de todos os tipos de pessoas, apáticas, ativas, obsessivas, neuróticas, amorosas, carentes, didáticas, abastadas, pobres, doente, saudáveis dentre inúmeras que poderiam ser citadas aqui pois realmente falo de todas.

Todas passarão por lá e por aqui.

O que ficou evidente é o fato de que as pessoas, habitantes desta praia, não percebem que estão submersas de embriaguez, ao menos não enquanto são sucumbidas pela capacidade de se suportarem como sonolentas.

O fato é que ser um habitante deste lugar não gera incômodo à primeira vista, não gerou a mim, nem ao meu filho Bento (6 anos), que me acompanhou nessa busca litorânea, pelo menos não a ponto de desorganizar a desordem já instaurada em cada um de nós. Foi a visita a um paraíso brasileiro.

Foi como se existisse uma necessidade da co-dependência de ser levado por aquele lugar e suas visões e percepções, carregada por essa maresia incessante de uma onda que não cansou de embalar nem a mim, nem seus moradores, o que mantinha assim o ninar da dormência.

Levei muito tempo até compreender onde estava, mesmo que tenham sido 3 meses, pois esta é outra característica que impressiona quando somos levados a abrir os olhos, mesmo que por alguns segundos, o tempo se confunde entre o instante e o eterno.

Semelhante ao acordar pela manhã, quando sentimos vontade de voltar ao sono, ou quando o despertador soa assustado e podemos entender que ainda temos alguns minutos para voltar a dormir, aqui ainda é madrugada e nunca está na hora de se levantar.

¹⁶ A Praia dos sonolentos não é um local físico, comprehendo gerar uma confusão quanto às praias na Paraíba, mas tomei por empréstimo a escrita poética, referindo-me a este lugar que contextualizo como uma praia para descrever essa espaço etéreo inexistente problematizando os sentidos como uma obnubilação.

Um detalhe importante, na praia, nunca estava na hora de acordar, tampouco de ver... e quando houve o despertar ele não veio nas condições que eu conhecia como favoráveis aos meus sentidos e ao meu corpo.

As convicções aqui também ficaram distorcidas, pois na maioria das vezes comprehendi que tinha total razão, e se não tinha, minhas percepções entraram em consonância com o entendimento de mundo já conhecido, para que pudesse auto-affirmar meus desejos de certezas, onde não estaria desamparada, pois em um mundo de dúvidas era impossível fechar os olhos.

Por isso, no decorrer da viagem, encontrei várias insones...

Insones na minha compreensão eram pessoas que estão tão paralisadas que não conseguiam abrir os olhos, que não conseguiam acordar... corpos em que o stress havia virado rotina e que essa condição de normatividade caminhava junto ao descansar do nervosismo da não visão. Era um estado preocupante, onde pouco se percebia os ataques às defesas humanas afetando por completo a máquina de perceber a vida.

Contaminado estava o barco velejando na praia por essa névoa da falta de perceptividade, e se algo não acontecesse logo com essa embarcação, provavelmente iria ser esquecida dos sentidos e depois normalizada e retirada.

Retirada pra onde? Essa é uma dúvida que carrego. Pode ser levada para onde haja recuperação? Acredito que sim, porém para um lugar de não lugar, pois na praia não existe recuperação de tal estado. Ouve-se falar de poucas embarcações que conseguiram despertar, como umas quatro ou cinco em mais ou menos 2.000 anos.

Estas embarcações que despertaram, deixaram explicações e ensinamentos que devido às carcaças rudimentares, que aqui encontram-se, não se puderam fazer alinhar com o ensinamento ofertado. Os trajetos percorridos descritos com tanta simplicidade pelos despertos parecem um conjunto de explicações utópicas para quem, como eu, ainda tenta entender esse lugar, pois bem que nem todos tentam entender do que se trata, porque para a grande maioria não é uma condição incomum. Trata-se de um estado de normalidade.

Cada figura que compôs essa paisagem foi única, singular, genial... Até mesmo os geminus, ou semelhantes, ainda puderam encontrar um diferencial quanto ao dormir e acordar, quanto a forma de ver, ouvir e perceber, podendo

caminhar em uma mesma linha reta, porém em algum momento. Sem perceber dobraram em caminhos diferentes e nunca mais se reencontraram.

A forma como percebi essa praia e seus afetos, foi indispensável para que o objeto Vibrasom pudesse gerar os diálogos e relatos que se encontram neste trabalho, o grande trunfo de poder compreender as especificidades desse lugar foi ao mesmo tempo uma grande armadilha. Pois tratou-se de uma via de mão única. Apesar de muitos diálogos, não encontrei ninguém que me dissesse se o que fiz foi de fato o que descrevi, e se o que descrevi foi de fato o que aconteceu.

1.3 A UFPB e o Vibrasom

A oportunidade de realizar esse intercâmbio veio por intermédio do Professor Emmanuel Falcão, coordenador do Estágio Supervisionado no Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária - PIAC/COEP/PROEX/UFPB, o qual já tinha entrado em contato com minhas atividades desde o início do mestrado. A possibilidade de participar de algum projeto ao lado do Professor Falcão sempre foi uma oportunidade ímpar como estudante, pesquisadora, sobretudo como ser humano, devido a grandiosidade de suas propostas através da educação.

O Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária é um dos programas de extensão mais antigos da UFPB, está vinculado a COPAC/PRAC. Referência nacional na extensão e educação popular, através do Estágio de Vivência em Comunidade e do Estágio Nacional de Extensão em Comunidade, entre outras ações, se destaca por proporcionar para estudantes do Brasil e do mundo vivências dentro das comunidades, trazendo para o aluno a oportunidade de aprender pela experiência (FALCÃO, 2002, p. 173).

O Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária (PIAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) é vinculado à Coordenadoria de Programas Acadêmicos e Comunitários (COPAC) e à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC). Este programa é amplamente reconhecido no cenário nacional por suas contribuições significativas à extensão universitária e à educação popular. Em 30 anos de trabalho o PIAC produziu muitas publicações e uma metodologia já replicada em outras universidades.

Ao meu olhar, o estágio proporcionou-me contato com uma nova realidade, destacando a interface entre o popular e acadêmico, pois este era o lema do projeto em que eu acabava de estar inserida. A importância de encontrar e dividir o que eu buscava em outros espaços de formação, uma construção baseada no diálogo apropriado de novas correntes teóricas, abria espaço para a interdisciplinaridade tão sonhada na minha formação na arte, psicologia e na educação popular.

Tinha a certeza que a vivência nas comunidades era muito mais do que os livros poderiam me trazer. Uma nova possibilidade de perceber a arte. Através de um objeto simples pulsava em mim tudo que ainda estava por vir.

Até onde compreendia, o objetivo principal do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária era promover a interação entre a universidade e a comunidade, proporcionando aos estudantes a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em contextos práticos e reais.

Isso era feito através de diversas ações e programas de estágio, como o Estágio de Vivências em Comunidade, o qual permite aos estudantes vivenciar a realidade das comunidades, compreender o cotidiano, aprendendo diretamente com os moradores e aplicando suas habilidades para intervir aos problemas locais. Esta imersão foi essencial para desenvolver uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais, culturais e econômicas da comunidade onde estive inserida.

Refiro-me primeiramente à comunidade da Praia da Penha e após em um segundo momento à Cidade do Conde.

O fato do Estágio Nacional de Extensão em Comunidades estender a oportunidade para estudantes de outras regiões do Brasil, promove uma troca de conhecimentos e experiências entre diferentes contextos regionais, sociais e culturais.

Esse projeto é de grande potência e relevância pois em 30 anos de atuação produziu uma vasta quantidade de publicações, incluindo artigos acadêmicos, livros e relatórios de projetos. Essas publicações documentam as experiências e os resultados das ações do programa, servindo como referência para outras iniciativas de extensão universitária e educação popular.

Na maioria dos casos, os alunos estão relacionados à área da saúde. Cursos como a medicina, enfermagem, nutrição dentre outros são de prevalência dentro das comunidades, e o que me permitiu inovar fazendo parte de um curso em artes foi o viés da formação psicológica, através do discurso fenomenológico que tentei seguir

em meu projeto. Ver o som como tema principal, sendo que o principal produto gerado por esse mote foram as experiências e as narrativas singular geradas por elas nestas comunidades.

Pude observar que a aprendizagem através da experiência possibilitou-me um entendimento mais profundo e prático dos conteúdos teóricos, onde a troca era realizada de forma direta.

O engajamento comunitário trouxe um envolvimento ativo na compreensão do projeto sobre o Vibrasom, garantindo que as ações e resultados fossem relevantes e sustentáveis, onde a interdisciplinaridade trouxe à tona meu anseio de integrar diferentes áreas do conhecimento para abordar o tema sobre a visualidade do som de forma artística, lúdica e possível.

O PIAC aos meus olhos é um destaque de como a extensão universitária pode promover uma educação transformadora, tanto para os estudantes quanto para as comunidades, sendo uma referência na área, contribuindo para o desenvolvimento social e acadêmico de maneira integrada e sustentável.

Esse estágio foi uma oportunidade, não só de poder conhecer mais a fundo uma universidade do nordeste brasileiro, mas também de pensar no meu projeto imbuído por possíveis atravessamentos culturais no contexto de um deslocamento territorial.

Muitos foram os questionamentos internos antes de me lançar nesta empreitada, como questionamentos financeiros, climáticos, assim como no âmbito familiar. Enfim, muitos. Porém, minha vontade de ressignificar meu projeto, ao meu ver de uma maneira gigante, e dividí-lo não somente em um outro espaço geográfico, mas sobretudo aprender com estes profissionais que eu tanto admirava, instigava-me a continuar essa caminhada.

Cheguei na Paraíba no dia 30 de novembro de 2023, com um aparelho que era uma lata comum, um balão, um espelho e um laser, na mochila e ideias, muitas ideias.

Junto a mim estava meu filho de 6 anos, que foi indispensável para que eu conseguisse tornar essa caminhada mais leve, antes da estudante e pesquisadora, existe uma mulher, mãe, que não teria como realizar essa expedição se tivesse que deixar seu filho no outro extremo do Brasil, durante três meses. Apesar de parecer que sozinha a jornada teria sido mais “concentrada”, ou a dedicação ao projeto pudesse ser maior, aos meus olhos era o único caminho possível, o que foi acatado

e acolhido por todos os espaços que estivemos no nordeste, parecendo uma prática comum, onde mães realizavam suas tarefas acompanhadas de seus filhos pequenos.

Fomos recepcionados pelo professor Falcão e toda sua equipe, como se já fizéssemos parte de todos os trabalhos que já estavam em andamento. Logo comprehendi que esse estágio iria ser bem mais do que problematizar um objeto, ou até mesmo o tema da visualidade, mas tratava-se de algo que transformaria minha forma de ver o mundo.

A todo momento o professor dizia que tudo e qualquer situação faria parte do estágio, não somente o resultado final. Parecia-me que ele estava querendo me mostrar algo presente na minha pesquisa a todo momento, e com certeza tratava-se da percepção dos movimentos que este deslocamento iria nos proporcionar.

De chegada comprehendi que não se tratava de um modelo formal de estágio, que teria que percorrer algum trajeto até racionalizar do que se tratava em suma e qual seria exatamente a sua conexão com meu trabalho acadêmico, principalmente tratando-se de um mestrado na área das artes.

Ainda estava em busca de uma metodologia, também cansada da viagem. Logo tudo se misturava, a preocupação de compreender onde estava, com quem estava e sobretudo a responsabilidade de desenvolver outros papéis, e o mais caro, o de ser mãe de um pequeno pesquisador do mundo, que me acompanhou vinte e quatro horas, durante três meses em todos os espaços que ocupamos, na universidade, na aldeia de pescadores, na região quilombola, promovendo ainda mais minha atenção quanto a todos os movimentos que interpelaram nossas vidas até fevereiro de 2024 quando retornamos ao Rio Grande do Sul.

CAPÍTULO 2

PARAÍBA SIM SENHOR

2.1 A Praia da Penha

Quando chegamos fomos levados pelo professor Falcão até a Praia da Penha, onde fomos recepcionados pela Dona Irene e sua família.

A Praia da Penha está localizada em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, Brasil. Ela se encontra ao sul do centro da cidade, aproximadamente a 15 quilômetros de distância, na região conhecida como Penha. Essa praia é conhecida por sua beleza natural e tranquilidade, sendo um destino popular tanto para turistas quanto para os moradores locais.

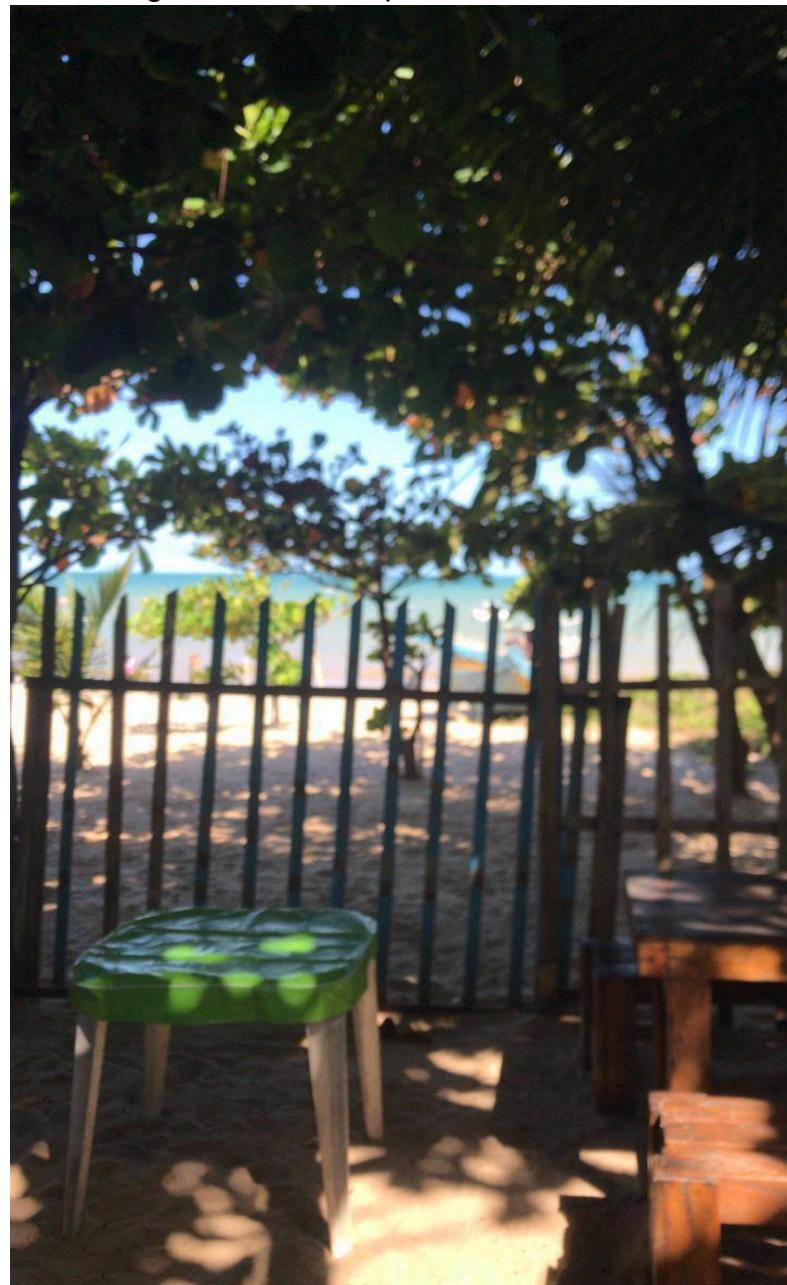
Dona Irene nos acolheu de imediato em sua casa. Na frente havia uma garagem que parecia ser um restaurante com uma figura de uma sereia desenhada na parede toda. A casa era de uma simplicidade ímpar, parecia ter saído de um livro sobre pescadores, onde haviam redes e barcos por todos os lados, parecia que todas as casas eram pequenos comércios de pesca.

Em sua sala haviam fotos de dezenas de universitários que já haviam passado por lá. Mas quando fomos levados aos fundos da casa entendemos o que tornava aquele pequeno espaço tão rico, o quintal de Dona Irene era um verdadeiro encanto natural. A praia se estendia como um lençol de areia dourada no pátio daquela pequena casa, beijando suavemente o Atlântico. O mar, com suas águas azul-esverdeadas, parecia que dançava ao sabor do vento, criando uma sinfonia de ondas que ecoava na alma, eu só conseguia contemplar e agradecer.

No quintal ainda haviam coqueiros esguios que pareciam tocar o céu, seus troncos curvando-se graciosamente como se quisessem saudar o mar e também nos dar boas-vindas, o horizonte desfazia-se em um encontro entre o azul celeste e o verde profundo, uma aquarela natural que encantava nosso olhar.

As falésias, guardiãs ancestrais da costa, erguiam-se majestosas, oferecendo um contraste de cores e texturas que narravam histórias de eras passadas.

Figura 8- Foto do quintal da Dona Irene



Fonte : Autores¹⁷

Ouvimos falar que na maré baixa, pequenas piscinas naturais se formavam entre as rochas do quintal da Dona Irene, refletindo o céu e acolhendo peixes e corais em um espetáculo submerso incrível.

O pôr do sol na Praia da Penha era realmente uma pintura divina. O céu tingia-se de laranjas, rosas e púrpuras, enquanto o sol se despedia, mergulhando

¹⁷ Foto de smartphone feita logo na chegada da viagem à Paraíba, dos fundos pertencentes à casa onde ficamos hospedados, residência de uma das moradoras mais antigas da Praia da Penha.

lentamente no oceano. A paisagem, nesse momento, tornou-se um poema visual, onde cada detalhe foi uma linha de beleza pura e serena.

Lembrei-me neste momento sobre o que conhecia do trabalho da artista Lygia Clark, onde uma artista conhecida por explorar a interação entre corpo e obra de arte, podia considerar suas ideias sobre o "corpo coletivo" e o "corpo como obra de arte". Poderia eu naquele momento tornar-me àquela experiência um corpo coletivo com a natureza? Lygia Clark acreditava que a arte não era apenas um objeto estático, mas uma experiência vivida e sensorial que envovia o corpo do espectador, transformando-o em um participante ativo.

Clark e Dona Irene, convidaram-me a considerar que o produto que iria emergir dessa interação entre a vivência e o projeto de mestrado - fosse ele uma obra física, uma performance ou uma experiência coletiva - poderiam ser vistos como arte, proporcionando novas percepções e sentimentos aos envolvidos.

Aqui, ainda, a natureza sussurrava-me seus segredos, e a brisa trazia-nos os aromas da maresia, criando uma sensação de paz, harmonia e pertencimento. A Praia da Penha era mais que um destino reflexivo pra mim; era um santuário natural onde o meu espírito de artista era renovado pelo meu entendimento da vida e o meu coração encontrava tranquilidade novamente.

Chegando lá conhecemos nossa anfitriã e suas filhas Germana e Geovanda. Pela casa também passavam os(as) netos(as) e muitas pessoas da comunidade, fazendo daquele espaço um lugar de referência na praia. Germana cedeu seu dormitório para que pudéssemos ficar bem alojados e disse que por vezes dormiria no trabalho, outras quando viesse para casa, dormiria na rede e que eu não me preocupasse pois já estava acostumada.

Eu sabia que ela estava dizendo aquilo para que nos sentíssemos bem e porque eu estava com uma criança pequena, ela estava cedendo seu espaço para que pudéssemos nos sentir acolhidos e nunca poderei agradecer pelo carinho dispensado por ela e sua família, que mais tarde tornou-se nossa família, quando começamos a entender o verdadeiro espírito da vivência. Esse amor com que fomos recebidos, fez com que todos os dias fossem de gratidão e muita aprendizagem.

Geovanda, logo se aproximou de nós e foi se apresentando:

- Olá! Eu sou Geovanda, da Paraíba, João Pessoa, moro na Praia da Penha fazem 43 anos, sou filha de D.Irene, a qual recebe alunos de todos os

lugares, alunos universitários que estejam dispostos a fazer vivências nas comunidades, e pra gente ceder o espaço e nossa amizade e nosso carinho, a todos

os alunos e não alunos, é um prazer enorme conhecer outras pessoas, conhecer outra linguagem, outra forma de vivência e pra gente foi um prazer receber vocês.

Geovanda logo ficou próxima de meu pequeno Bento e ficou sendo a grande amiga de Bentinho apelidando-o de Rabitcho. Após poucos dias Geovanda referia-se a nós dessa forma, dizia que o pequeno era o seu Rabitcho, porque andava sempre atrás dela.

- É o nosso menino de ouro, não tenho nem o que dizer... é um amor e Lu, nem se fala com esse jeito doido espevitado dela (risos), estudando lá essas experiências maravilhosas, que a gente, eu pelo menos não conhecia a linguagem... no momento não lembro o nome, mas você ver a sua voz, ver né, não só ouvir, mas ver a sua voz, ver o som de sua voz na parede é algo muito interessante. Luana é uma pessoa legal demais, doidinha, com juízo quase disperso (risos), mas uma pessoa maravilhosa, muito bom tê-los aqui em nossa casa, sempre que quiserem nossas portas estarão abertas, aqui é um lugar... pode ser pequeno, mas o coração é enorme.

O acesso à praia era fácil e não muito distante da UFPB, com estradas pavimentadas conectando-a às principais vias de João Pessoa. A área também era conhecida pela sua proximidade com o famoso Santuário de Nossa Senhora da Penha, um ponto de peregrinação religioso que atrai muitos visitantes, especialmente durante a festa anual dedicada à santa.

2.2 O Ninho dos Falcões

Bom dia, minha filha! Era assim que o professor Emanuel Falcão¹⁸ se referia a mim e também referia-se a outros alunos, como uma extensão da sua família, sempre com afeto e o carinho que um grande mestre deveria se referir aos seus alunos.

¹⁸ Professor Emmanuel Fernandes Falcão, Nutricionista, graduado pela Universidade Federal da Paraíba, pós-graduado em Educação Popular e Movimentos Sociais pelo Centro de Educação/UFPB. Membro do grupo de Pesquisa em Extensão Popular do Centro de Educação/UFPB. Assessor de Extensão da Pró-reitoria de Extensão da UFPB desde 1986. Coordenador do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária - COPAC/PRAC/UFPB. Coordenador do Estágio de Vivência em Comunidades COPAC/PRAC/UFPB. Coordenador do ENEC - Estágio Nacional de Extensão Comunitária - AGEMTE/INCRA/DENEM/UFPB.

O professor Falcão é aquela pessoa que impulsiona suas idéias até que você encontre a sua real importância e assim elas acabam tornando-se significativas e úteis. Não que tudo precise ter uma utilidade, mas foi a instituição da Universidade Federal da Paraíba, que me proporcionou perceber melhor a razão de ser do meu trabalho, através do intercâmbio.

É importante lembrar que a universidade é formada por cada pessoa que a integra; cada um de nós contribui para que ela se torne a instituição que é. Durante meu estágio, senti como a UFPB incorporou esse espírito, transmitindo o apoio, a coragem e o entusiasmo que carrega em sua bandeira, assim como fazem as muitas pessoas que trabalham ao lado do Professor Emanuel Falcão.

Nosso diálogo transcorreu dessa forma na chegada à Paraíba¹⁹:

- Bom dia professor, queria perguntar: como começou a sua jornada até chegarmos aqui hoje?
- Respondendo às tuas perguntas: Eu quando iniciei meu trabalho, comecei, ainda pequeno aprendendo com minha mãe na ancestralidade as atividades que estão ligadas ao cuidado das pessoas com respeito e honra, quando fiquei mais adolescente e comecei a trabalhar num supermercado, comecei a aprender pela limpeza de prateleiras e chão que isso faz parte do crescimento pelo campo da humildade. Depois fui para uma construtora e passei a trabalhar junto com os mecânicos mais humildes dessa entidade, dessa empresa, e com eles aprendi que no meu curso de mecânica que estava fazendo eu precisava também ouvir aqueles que já tinham experiências. E quando eu fiz o vestibular fiz pra Engenharia Mecânica, meu primeiro curso, daí veio a morte do meu irmão, daí tive que cuidar dos meus filhos e dos filhos dele, não dava mais pra fazer o curso de engenharia mecânica. Eu abandonei o curso na metade e fui fazer nutrição. Como nutricionista comecei a estudar e comecei a identificar algo parecido com a produção de alimentos em detrimento da fome planetária e rapidamente descobri que tinha dois tipos de fome, uma fome biológica e uma fome política que estava ligada às condições sociais, políticas e econômicas da sociedade. Nesse sentido comecei a enveredar pelo campo da produção de alimentos, nos extratos mais subalternos, pequenos produtores, agricultores, pescadores, sem terras. Daí eu aprendi

¹⁹ Algumas partes deste diálogo foram construídas antes, durante e depois da vivência na Paraíba, em conjunto com as pessoas que cederam suas falas para edificar a narrativa simbólica do texto, que estrutura o projeto como um todo.

rapidamente a distinguir dois Brasis, o Brasil do Agronegócio e o Brasil da Agricultura Familiar. Daí entrei para discutir pela extensão, intervenções que aumentassem a capacidade de resistência desses povos mais ligados a esses extratos mais subalternos. E deles eu comecei a modificar, pelo aprendizado da educação popular o campo produtivo organizativo de qualidade de vida e de informação para a transformação no campo da educação popular respeitando as culturas locais, Então, a bioculturaldiversidade passou pra mim a ser um carro chefe para entender um processo de transformação.

O professor Falcão ainda não tinha me dito o que eu teria que cumprir como contrapartida, nem relatórios que deveriam ser entregues, apenas quando falava do meu projeto, lembrava que ele estaria inserido na comunidade, que ele estaria comigo, sendo desenvolvido e aprendido a todo momento. Ainda não compreendia bem como poderia apresentar aquele objeto rudimentar, pois era apenas uma lata, com seus acessórios acoplados. Porém o professor falava que iríamos deixá-lo preciso pra poder visualizar melhor a proposta que carregava na minha chegada de maneira singela.

E continuei com meus questionamentos, e depois professor, o que aconteceu?

- Num segundo momento, eu passei agora a cada eixo desses, da formação, da organização da produção, da qualidade de vida e pela linha do conhecimento da bioculturaldiversidade, a fazer projetos e conhecer a agroecologia. Assim, pela universidade, pela pró-reitoria de extensão, comecei a mexer com a agroecologia e foi fácil entender os outros processos pelo campo da nutrição, a saúde, as práticas, as ciências, e eu vi que não tem nada separado, tá tudo interligado. Então descobri que o modelo flexneriano²⁰, era o modelo mercantil que separava as consciências estudiosas, os cientistas, os educadores, os profissionais liberais, para as caixinhas de profissionais, criando as figuras dos especialistas e rapidamente descobri que o especialista é uma pessoa que sabe muito de quase nada, em detrimento do generalista que é um outro sujeito que sabe um pouquinho de quase tudo. E isso nos meus estudos, nos meus apontamentos, isso não era possível, então busquei compreender os pensadores sistêmicos, entrei na escola do Blaise Pascal, que se contrapunha ao modelo cartesiano, mesmo sendo ele

²⁰ O modelo Flexneiano foi proposto por Abraham Flexner, também conhecido como modelo biomédico, foi um modelo de ensino de medicina que teve origem nos Estados Unidos em 1910.

discípulo de Descartes. Depois conheci o Boa Ventura Souza Santos, o Edgar Morin, o qual me honra ter um livro com o prefácio doado por ele pela minha primeira obra escrita, que é a “Construção de um método chamado Metodologia, para a Mobilização Coletiva e Individual” o Met-MOCI, que foi premiado pela Suíça no ano de 2014 e o método foi experimentado desde 1987 até 2012 quando se transformou em livros. Aprofundei os estudos no mestrado da educação, na linha da educação popular e adentrando na extensão popular, saindo do modelo da extensão universitária.

Perguntei ainda ao Professor quem o inspirou nessa caminhada interdisciplinar e como isso foi ampliando sua visão quanto ao trabalho da Extensão e Pesquisa dentro da Universidade, porém de forma territorial. E ele respondeu:

- Nesse campo da Extensão Popular eu descobri outros pensadores como, Ludwig Van Betalafai, conheci o Fritjof Capra, o Maturana, o Eduardo Galeano, o Marc Augé, e comecei a ver que existia possibilidades de trabalhar integralidades de pontos congruentes pelas ciências. E assim eu fui aprofundando e escrevendo no campo da extensão e exercitando nos cinco eixos ligados à produção de saúde , educação e organização pela linha da cultura e cheguei a conhecer um tanto de pessoas a enfrentar várias batalhas com a integralidade e inclusão social. Participei da campanha do Betinho, participei da construção do SUS, da 8^a Conferência Nacional de Saúde, participei da construção da ANEPS, Articulação Nacional da Educação Popular em saúde, e assim eu cheguei nas Práticas Integrativas. Aí minha filha foi nesse cenário que eu conheci você.

Preciso fazer uma pausa para reafirmar que nunca consegui dissociar o discurso dos meus professores da arte. A verdadeira arte reside não apenas em fazer um aluno acreditar que o caminho está logo adiante de seus pés, mas em garantir que essa crença vá além de uma confiança superficial. Essa arte envolve ajudar o aluno a compreender as funções mais profundas da arte na sociedade e a reconhecer que ele não está sozinho na construção desse trabalho. Foi essa abordagem que me fez querer integrar este projeto de intercâmbio, em busca do sentido de por que construir uma caminhada acadêmica.

Era como se o discurso do professor Falcão me instigasse a buscar mais, para além do que meu objeto Vibrasom conseguia mostrar-me. Seu verdadeiro significado. Então o professor Falcão continuou a dissertar sobre nosso trabalho na Paraíba.

- Naquele primeiro festival aqui na Paraíba, o 4º Festival Cuidando do Cuidador com Práticas Integrativas, vi na senhora essa moça desperta com seu trabalho de musicoterapia, naquele momento fazendo uma canção em nome do evento, tratando e retratando nossa querida Simone Leite que nos deixou, e também fazendo outras composições, me interessava muito ver esse seu trabalho de mestrado. Daí eu a convidei e sei que a senhora se lembra muito bem, de participar do grupo da terceira visão.

O professor Falcão, continuava a me emocionar com seu discurso sobre o porquê meu trabalho de mestrado poderia ser importante a um intercâmbio, para a Universidade Federal da Paraíba.

- Foi difícil identificar a sua capacidade e mesmo com toda a dificuldade que você tinha aí na sua cidade, tendo que trabalhar e prestar serviço, depois enveredar por esse estudo no mestrado que pra mim foi interessante lhe trazer aqui para uma imersão, e ver você naquela sua disponibilidade de ouvir, depois de passar pelos olhares da nossa querida professora Herli e também pela Magda, nossa querida irmã e outras pessoas que lhe tem respeito e carinho, na sua imersão, aqui a gente poder fazer aquele estudo, até vc chegar no Ricardo, com aquele seu aparelho que pra mim era interessante quando trazia uma compreensão do visual relacionar-se com os sons e criar uma estratégia, uma estrutura que pudesse vislumbrar isso de forma mais didática, e eu achei que aquilo era uma mudança de um paradigma, porque muitos... aí eu lembro de Beethoven que não ouvia mas fez a quinta sinfonia, pelos processos vibracionais, e eu imaginava as pessoas tendo a vibração pelo som e a projeção de figuras que podem ser associadas ao campo visual, e me deu muito prazer de poder discutir junto com você junto e levar você até o meu irmão Ricardo Falcão, que pra mim, um grande inventor, que aceita desafios dos mais variados, e aquele desafio ele aceitou e lhe deixou muito bem, com uma construção que ampliou seu olhar sobre o aparelho e lhe deu condição de manipular esse aparelho com mais segurança e isso acho que foi o grande segredo para o sucesso do seu trabalho.

E para finalizar nossa recepção, ainda contextualizando-me, o professor Falcão acrescentou sobre mim e meus anseios como pesquisadora e os motivos pelos quais acreditava que a busca em território por essa pesquisa, poderia ser válida.

- Vi em você uma pessoa compromissada política e eticamente com as questões sociais, tenho convicção que você será sempre uma boa profissional, onde a senhora estiver atuando, seja no campo da psicoterapia, seja no campo das políticas públicas de estado, seja cantando nos barzinhos, não interessa, onde você estiver terá a bênção divina, e estarei sempre com você, paz e luz.

E dessa forma o professor falcão foi se despedindo de nós e nos conduzindo até a praia da Penha, onde foi nossa primeira estadia do Estágio de Vivência.

Perguntava a ele o que era mais importante para levar pra faculdade, relatos, ações, no que precisava me ater melhor e ele me respondia que tudo era importante, mas sobretudo observar a dinâmica cotidiana do local em que estava inserida para associar ao trabalho, o professor falou uma frase sobre meus questionamentos, que ficou na minha mente, que foi:

- O mais simples será o mais importante na observação das vivências. O que espero é que possamos repensar a produção da arte e das ciências da educação em termos dos paradigmas locais, aqui na praia, com que conversamos, na demarcação quilombola e na universidade, atente-se a forma local de observar e de absorver.

2.2.1 Um olhar de rapina sobre o Vibrasom

Quando cheguei no laboratório do Ricardo, que era na parte superior da casa onde ele morava, o professor Falcão vinha pelo caminho falando-me da genialidade do irmão em conseguir ver mais longe, que ele era como um cientista virtuoso, que transformava tudo no que se quisesse e que ele pudesse imaginar. O professor Falcão inclusive levava uma vara de pescaria com um molinete quebrado que gostaria muito que o irmão consertasse porque era um artefato que ele gostava muito, não queria comprar outro, porque aquela era especial.

Quando chegamos, antes de eu apresentar meu trabalho, passamos pela casa e fomos bem recebidos, com a hospitalidade paraibana que encontrei em todos os lugares. Tomamos um café e conversei um pouco com a família que me acolheu com muitos sorrisos e uma generosidade ímpar.

Comprimentei-o e ele se apresentou, pedi que ele me contasse um pouco da sua história, da família, e do irmão que me conduzia até ali:

- Meu nome é Ricardo Falcão²¹, sou o mais novo de três irmãos de uma família humilde. Nossa mãe lavava roupas para nos sustentar e, com muito sacrifício, nos educou. Minha trajetória foi influenciada pelos meus irmãos: o mais velho seguiu para a arquitetura e engenharia, o do meio para a mecânica e nutrição, atuando na área de extensão universitária, e eu os acompanhei, mergulhando em mecânica, eletrônica e jornalismo.

- E como você chegou até essa paixão por construir, modificar, aprimorar coisas?

- Sempre estive ligado à tecnologia, uma área pela qual sou apaixonado. Tenho formação em mecânica e adquiri conhecimentos em arquitetura, projetando escolas para a secretaria de educação do meu Estado. Trabalhei também no setor de engenharia de trânsito em João Pessoa. Posteriormente, me mudei para São Paulo, onde atuei como infografista na Folha de São Paulo e depois como editor assistente no Estadão. Após 20 anos, voltei para minha terra natal e retomei minha paixão antiga.

- E esse laboratório incrível? Entrar aqui é estar conectada com aparelhos antigos e novas tecnologias de uma forma muito integrada, é tão evidente que tudo isso é um mundo complexo, construído de uma perspectiva futurista, mas sem descartar as bases de materiais que te fizeram compreender o caminho a seguir. É isso?

- Realizei diversos projetos na área de mecânica, como o Carbonizador Metálico Semi-Contínuo, uma usina de reciclagem de resíduos (aterro sanitário), um recuperador de alcatrão, além de desenvolver máquinas CNC (router), impressoras 3D, cortadoras de plasma e corte a laser, entre outros. Além disso, sempre tive como hobby a eletrônica. Quando os computadores ainda não eram populares, já estava inserido nesse universo, criando meu primeiro programa para uma empresa calçadista do Rio Grande do Sul, que calculava todas as etapas da construção de um calçado. Meu primeiro computador foi um NE Z800, e me apaixonei por essa tecnologia desde então, esse computador é tão antigo que nem me lembro o ano (risos), muito antigo.

E depois continuou, como numa divagação...

²¹ O diálogo com o Ricardo Falcão trata-se de uma transcrição, pela importância da contextualização de sua história na engrenagem do projeto, suas palavras que foram cedidas, assim como sua imagem na Figura 11.

- Estava em casa quando meu irmão chegou inesperadamente, trazendo a Luana, uma pessoa educada e determinada. Ela me apresentou um objeto que havia encontrado no “Manual do Mundo”, que transforma sinais sonoros em imagens projetadas na parede. O aparelho era rudimentar, mas funcional. Luana pediu minha ajuda para melhorar o aspecto visual do dispositivo, e com base em suas instruções, utilizei meus conhecimentos em mecânica e impressão 3D para construir um aparelho com regulagens para o bocal de emissão do sinal sonoro, além de ajustes de altura, distância e rotação, o que aprimorou a captação do som e a qualidade da projeção.

E concluiu:

- Este projeto me revelou novas conexões entre arte, educação e saúde. Acredito que especialistas em fonoaudiologia possam se beneficiar desse projeto. No futuro, podemos expandir suas possibilidades, integrando benefícios e elementos de eletrônica, como amplificadores, para tornar a experiência audiovisual mais precisa e informativa.

Um passo e um voo de cada vez.

CAPÍTULO 3

"Para compreender a obra de arte, é necessário uma organização de suas partes, uma coordenação de suas qualidades no mesmo modo de existência em que a obra foi criada." (Dewey, 1934, p. 104)

3.1 O APARELHO VIBRA SOM

Acredito que, ao construir uma proposição, mesmo que ela tenha um tema central, esta acaba se tornando a soma de tudo que a permeia durante o seu desenvolvimento, não podendo ignorar as dificuldades encontradas. Pude observar que, ao contrário do que se poderia imaginar, essas dificuldades podem se tornar chaves para superar adversidades, já que o que parecia ser um ponto divergente em relação ao tema acabou impulsionando o trabalho.

Além disso, é importante destacar que o aparelho Vibrasom vibra com o movimento do ar, e não diretamente com o som. No entanto, como o som sempre envolve a movimentação do ar, as vibrações do Vibrasom são, consequentemente, ativadas pela presença do som igualmente.

Na composição deste estudo, percebo o ser artista, implicado ao conceito de arte como uma relação estabelecida com o ato de criar, utilizando-me aqui da metáfora de John Dewey afirmando que a arte se configura nos próprios processos da vida: “*O pássaro constroi seu ninho, e o castor seu dique, quando as pressões orgânicas cooperam com o material externo para que as primeiras se realizem e o segundo seja transformado em uma culminação satisfatória*”. (DEWEY, 2010, p.92)

Assim como a árvore transforma a luz do sol em energia vital através da fotossíntese, o artista transforma as experiências e materiais do mundo em expressões de sensações e significados, demonstrando que a criatividade é um processo intrínseco tanto à natureza quanto à arte.

A metáfora de Dewey ilustra como a arte emerge naturalmente do viver, comparando-a com a maneira como os animais interagem com seu ambiente para criar algo essencial para sua sobrevivência. Da mesma forma, podemos entender o mundo ao seu redor, transformando essas influências em composições que refletem sua compreensão e percepção da realidade.

Como Dewey (2010), comprehendo a natureza humana, como uma maneira possível de experiência da arte. Encontro nessa forma de pensar arte, um caminho que se mostra menos excludente, que se aproxima do cotidiano das pessoas. Uma possibilidade generosa que se aproxima do fazer artístico.

Prefiro pensar, assim como o autor, que a arte encontra-se disponível às pessoas, na sua própria natureza e não segmentada a uma condição de produção, ou mecanicista que necessita de regras pré-estabelecidas para caracterizar-se arte. Porém, este conceito de Dewey cria uma gama de possibilidades quanto à compreensão sobre as capacidades artísticas poderem ser ampliadas, ou em outras palavras, compreender que a arte está mais associada à experiência que é provocada nos outros, e menos nos objetos que a provocam.

Outro pensador que acredito fazer parte desta composição é Marcel Duchamp, que foi um dos artistas mais influentes do século XX e desempenhou um papel fundamental na redefinição do conceito de arte. Ele é frequentemente associado ao movimento Dadaísta e é conhecido por sua abordagem radical que desafiou as convenções artísticas da época (SCHWARZ, 2000).

Uma das suas questões mais marcantes, que vai ao encontro com que acredito referente a este projeto é a ideia de que a arte não depende apenas da habilidade técnica ou da beleza, mas também do contexto em que uma obra é apresentada.

Duchamp propôs que o que transforma um objeto comum em arte é o contexto em que ele é colocado. Essa ideia é melhor exemplificada pela sua obra mais famosa, "*Fountain*" (1917). A obra consistia em um mictório de porcelana virado de cabeça para baixo e assinado com o pseudônimo "R. Mutt". Ao apresentar este objeto utilitário em um ambiente de galeria, Duchamp provocou um debate sobre o que pode ser considerado arte (GIRST, 2014).

Segundo Duchamp, ao deslocar um objeto do seu contexto original e colocá-lo em um espaço destinado à arte, como uma galeria ou um museu, esse objeto é investido de um novo significado. Ele acreditava que o ato de selecionar e apresentar um objeto em um novo contexto poderia conferir-lhe o status de obra de arte. Este conceito desafiou a visão tradicional da arte, que até então era amplamente baseada em habilidades manuais e estéticas.

A partir da teoria de Duchamp, o conceito de que "tudo pode ser arte" emergiu como uma ideia central na arte contemporânea. (SCHWARZ, 2000) Ele abriu

caminho para movimentos como a arte conceitual, onde o conceito ou a ideia por trás da obra se torna mais importante do que a própria execução. Duchamp essencialmente libertou a arte das restrições tradicionais, permitindo que os artistas explorassem novas formas de expressão e expandissem os limites do que a arte poderia ser.

Frente às limitações encontradas que impactaram diretamente a maneira de expressar os conceitos derivados dessas experiências, uma delas foi a capacidade de entender se o que foi feito durante as trocas e relatos presentes nesta dissertação, trata-se ou não de arte.

Neste pensamento de Duchamp, é que a funcionalidade do objeto mediador deste trabalho foi pensada, o Vibrasom pode ser considerado uma espécie de extensão audiovisual lúdica, que, ao possibilitar a geração de imagens através do ato de vocalizar, amplia as formas de expressão e percepção durante uma performance ou happening.

Essa ferramenta criativa não apenas complementa a experiência sensorial, mas também transforma a voz em um meio tangível de produção artística, permitindo uma interação mais profunda entre o som, a imagem e o corpo.

O corpo é o veículo que nos possibilita viver todas estas experiências, mas também é onde vamos encontrar as limitações encontradas nesta vivência, bem como a forma para expressar estes conceitos para que possamos compreender se fazemos, aqui neste caso, arte ou não.

Assim, o Vibrasom se torna um canal dinâmico para explorar as fronteiras entre o visual e o auditivo, rompendo as barreiras tradicionais e oferecendo novas possibilidades de comunicação e interpretação.

Posso pensar no Vibrasom como uma espécie de dispositivo artificial que amplia uma parte do corpo ausente ou danificado, ajudando a visualizar e pensar através de uma outra ótica, uma função que promova conexão entre a escuta, a visão, a fala e a percepção, gerando desta forma um conceito.

O objetivo deste trabalho, é proporcionar percepções associativas, até mesmo inventivas sobre a interação entre o corpo humano e suas formas de emitir a vocalização do som através de um objeto disparador, promovendo assim, uma ideia de interação com a visualidade.

Na Revista Visualidades da Universidade Federal de Goiás, no artigo “Diálogo entre som e cor: nuances ampliadas”, os autores destacam a importância de

promover o entrecruzamento entre modalidades como escuta e visualidade através de algum objeto (HIPPERT, 2019), neste trecho ainda destacam aparelhos capazes de gerar percepções como “mídias”, que possibilitam essa ação assim como o Vibrasom, os autores ainda destacam que através de algo semelhante:

Descentraliza-se a escuta, por meio da qual o ouvido pode criar “olhos” para outro tipo de audição. O intercruzamento entre as modalidades perceptuais parece conceder certa ampliação da percepção, que se mostra através da “desconstrução” de modelos de representação e de criação, da experiência do tempo narrativo, ou ainda da forma de assimilação de certos campos de conhecimento, fornecendo, assim, outra fruição de informação. É válido afirmar que modos de percepção possuem um potencial de moldarem e remoldarem as técnicas, a tecnologia, as mídias e a arte no mesmo momento em que tais mídias, arte, técnicas e tecnologias moldam a percepção. (HIPPERT, 2019,p.17)

O artigo ainda traz uma foto do compositor e pintor Britânico Neil Harbisson (Figura 9), que possui uma condição orgânica chamada Acromatopsia, a “cegueira para cores”, devido a qual podia perceber apenas figuras e objetos em preto e branco. E por esse motivo desenvolveu o seu objeto de ampliação perceptiva, o “Eyeborg”, que é a junção das palavras eye = olhos e cyborg = organismo cibernetico, com ele pode-se dizer que Neil “ouve cores” (HIPPERT, 2019).

Este dispositivo que transforma cores em sons, permitindo-lhe "ouvir" as cores e assim expandir sua percepção sensorial além das limitações biológicas, cria uma experiência artística que integra tecnologia e corpo humano, inaugurando uma nova forma de expressão na arte ciborgue, onde a sinestesia artificial redefine a interação entre som e cor, questionando os limites da identidade e percepção na era digital.

Além de ampliar sua percepção sensorial, o Eyeborg transformou Harbisson em um exemplo vivo da "arte ciborgue"²². Ele não apenas superou uma limitação física, mas também se tornou o primeiro ser humano reconhecido oficialmente como um ciborgue por um governo, elevando o dispositivo a uma extensão de seu próprio corpo e identidade. Harbisson usa sua experiência como inspiração para suas obras de arte, criando composições musicais baseadas nas cores que "ouve" e explorando a conexão entre som e cor em suas pinturas e performances.

²² <https://www.cyborgarts.com/>

Figura 9- Neil Harbisson e seu eyeborg



Fonte: Imagem disponível em <http://cyborgproject.com/>

Aqui encontro-me em mais um questionamento que acompanhou meu trabalho desde o início. Esta forma de promover uma percepção sobre o mundo, que é conduzida pela expressão verbal associada à visão e à escuta através do vibrasom e que se organiza transversalmente e horizontalmente, pode ser um tipo de conexão, como uma ação conjunta ou um elemento potencial primário a fim de causar uma reação transformadora em alguém?

Consigo pensar sobre a preexistência dos elementos que constituem uma ação em sua forma integral, sobre os acoplamentos realizados (objeto) e seus desdobramentos (fala, visão, escuta e percepção) por este dispositivo anatômico que é o corpo humano na utilização dos materiais como matéria prima para a

construção de uma experiência que pode ser entendida como uma função expandida da arte.

Quando um pintor vai pintar um quadro seus materiais primários são o quadro, a tinta, e o pincel, meios para se chegar até a finalização que irá materializar a obra. Aqui o nosso pincel será o Vibrasom, as tintas serão as propulsões de vocalização e o quadro as figuras produzidas pelo aparelho, bem como as conjecturas poéticas daqueles que usam o aparelho e suas narrativas ficcionais sobre as imagens geradas por este uso.

Compreendo que o aparelho de Neil Harbisson tinha a funcionalidade de suprir uma necessidade física, para adaptar uma situação em que seu corpo não desenvolvia a atividade de ver as cores na sua forma normal, não se tratando apenas de um objeto decorativo, e que acabava tendo uma função artística secundária. Mas dentro deste pensamento, podemos questionar qual seria o marcador determinante para distinguir um objeto artístico de outro que não é. Para John Dewey (1934), o marcador determinante é a experiência estética que o corpo proporciona. Assim, o produto que emerge dessa experiência em que o corpo age como um canal de expressão é o que pode ser considerado arte na sua completude.

Dewey (1934) argumenta que a percepção e a experiência são fundamentais para a criação e a apreciação de uma obra de arte. A maneira como uma forma de expressão é compreendida e culmina na criação de um produto específico, bem como a capacidade de reconhecer que algo foi criado de maneira artística, contextualiza esse corpo em seu tempo e espaço. Isso não apenas posiciona o corpo no contexto histórico e cultural em que se encontra, mas também propõe uma percepção que provoca o diálogo sobre a condição humana tornando-se um meio de expressão.

Assim, segundo Dewey (1934), a arte não é apenas o produto final, mas o processo de criação e a experiência de percepção que envolve tanto o criador quanto o observador. A arte, portanto, reside na experiência estética compartilhada, e o corpo humano, ao se engajar nessa experiência, torna-se um veículo essencial dessa expressão artística.

Figura 10- O segundo aparelho Vibrasom



Fonte: Foto capturada com smartphone.

Outro marcador que gostaria de levantar é sobre a bagagem cultural que carrega o corpo que será experimentado no processo perceptivo determinante da criação artística em seu contexto cultural e territorial e as diferentes percepções que possam gerar sobre o que é um corpo criador de arte. Ou, um corpo artístico.

Em seu livro *Arte como Experiência*, John Dewey explora a ideia de que a arte deve ser vista como uma experiência viva e interativa. Dewey argumenta que a arte emerge das experiências cotidianas e que a apreciação estética é uma extensão dessas experiências. Ele enfatiza a importância da interação entre o artista, a obra e o observador, sugerindo que a verdadeira essência da arte reside na experiência que ela proporciona.

A arte, em sua forma viva e criativa, surge de uma experiência direta e integral. Ela é o resultado da interação contínua entre o indivíduo e o ambiente. A expressão artística não é apenas uma criação isolada, mas uma extensão e intensificação das experiências comuns da vida. Quando a experiência é tal que a consciência é envolvida de forma integral e contínua, o que é experimentado resulta em uma expressão que pode ser denominada arte. Portanto, a arte é

a celebração, a revelação e a intensificação da vida, e não algo separado dela. (DEWEY, 1934, p. 48)

Dewey (1934) destaca a importância da percepção ativa e da experiência para a compreensão e apreciação da arte. Ele acredita que a arte deve ser uma experiência rica e envolvente que vai além da simples observação passiva de um objeto.

Movida pela vontade de compartilhar e expandir meu entendimento sobre os possíveis desdobramentos deste estudo, dialogando com esses conceitos na minha capacidade de compreendê-los foi que a pesquisa expandiu os limites do PPGARTES da Universidade Federal de Pelotas, expandindo-se para a Universidade Federal da Paraíba.

Dessa maneira, no intuito de expandir a pesquisa participei do ENEC - Estágio Nacional de Extensão em Comunidades da UFPB/PB, que durante os meses de novembro a fevereiro de 2023/2024, foi acompanhado e refeito como um projeto compartilhado com outras áreas do saber, abrindo um espaço maior para a transdisciplinaridade na minha pesquisa.

Pude explorar o potencial do aparelho disparador juntamente com diversos professores, técnicos e membros de comunidades paraibanas, que compartilharam e colaboraram dando suas contribuições de alguma maneira. Essa colaboração reforçou a ideia de que a pesquisa se fundamenta na tríade artes/saúde/educação.

O objeto Vibrasom, foi de forma prática redesenhado e reconstruído usando uma impressora 3D para obter maior precisão nas imagens, observação e ampliação das possibilidades perceptivas, tanto artísticas quanto funcionais, relacionadas à compreensão audiovisual.

No processo de encontrar as melhores soluções técnicas para o vibrasom recebi sugestões dadas pelo orientador do mestrado Prof. Dr. João Carlos Machado (UFPEL), agregado às sugestões do Prof. Me. Emmanuel Falcão (UFPB), aprimorando assim a ideia e a precisão do objeto, para uma melhor observação do seu funcionamento. E dessa forma o aparelho foi redesenhado e reconstruído com a orientação do Técnico em Eletroeletrônica e Jornalista Paraibano José Ricardo Fernandes Falcão.

Figura 11- Técnico Ricardo Falcão e o Vibrasom



Fonte: Foto enviada pelo próprio Técnico Ricardo Falcão.

A relação entre ver e ouvir, na forma que o projeto intenciona, envolve a percepção sensorial das experiências visuais e auditivas. No campo da arte, essa relação é muitas vezes explorada para criar experiências estéticas complexas, onde a audição e a visão se complementam para provocar emoções e reflexões, evocar lembranças através de imagens.

A primeira imagem que foi evocada em mim, veio à minha mente quando visualizei essa foto, foi a semelhança visual com uma cena do filme “Laranja Mecânica”, um filme de ficção científica distópico britânico-americano de 1971, adaptado, produzido e dirigido por Stanley Kubrick.

Apesar da agressividade do tema (DE FIGUEIREDO, 2007) e do filme e de seu contexto geral não se conectarem com as experiências propostas e causadas pelo meu objeto vibrasom, a forma como foi redesenhado guarda alguma semelhança visual com o objeto usado no filme.

Outra lembrança que me foi evocada, ainda sobre essa relação é que, aquela imagem do filme, também propõe uma experiência sobre pensar em algo, que condicionalmente não se poderia ver, sem o aparelho.

No caso do Vibrasom, a geração do movimento do balão projetando luminosidade na parede. Algo que só poderia ser compreendido através de um objeto promotor dessa percepção.

Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês conhecido por seu trabalho em fenomenologia, enfatiza a importância do corpo na percepção do mundo. Para Merleau-Ponty, nossa experiência do mundo é mediada pelo corpo, e o que vemos e ouvimos é sempre interpretado através dessa perspectiva corporal.

Ver é apreender as qualidades da coisa, mas é também, inversamente, agarrar-me a essas qualidades para perceber os próprios movimentos do meu corpo, é, finalmente, projetar-me no futuro e prever para mim mesmo uma exploração indefinida de suas facetas, numa palavra, é movimentar-me na coisa. Assim, os dados sensíveis deixam de ser dados para se tornarem um convite à indagação; a visão deixa de ser uma simples recepção passiva e o olho deixa de ser uma câmera fotográfica para se tornar um meio de abordagem e de posse do mundo, é assim que a visão se torna pensamento." (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 310).

Ele argumenta que a percepção é um processo ativo de interpretação, onde o observador não é apenas um receptor passivo de estímulos, mas alguém que dá sentido às experiências com base em sua corporeidade e contexto.

Sob a luz da fenomenologia, no filme Laranja Mecânica, essa experiência é vista como uma imposição artificial e violenta da percepção. Alex é forçado a ver e ouvir conteúdos que não está preparado ou disposto a processar, desafiando os limites de sua capacidade de compreensão e aceitação.

A fenomenologia de Merleau-Ponty pode ser aplicada ao personagem Alex, do filme *Laranja Mecânica* (1971). No filme, Alex é submetido à "Técnica Ludovico", um tratamento aversivo que o força a assistir a cenas violentas enquanto é impedido de desviar o olhar e está sob o efeito de drogas que induzem náuseas intensas. Este procedimento é projetado para criar uma aversão condicionada à violência. Esta foi a imagem que me veio à mente quando recebi a foto do Vibrasom já modificado:

Figura 12- Imagem de uma cena do Filme Laranja Mecânica



Fonte: Autores²³

A técnica busca alterar sua percepção natural e espontânea do mundo, o que segundo Merleau-Ponty (2018), é uma violação da integridade do ser humano enquanto ser perceptivo e consciente.

Para Merleau-Ponty (2018), a percepção é sempre uma interação dinâmica entre o sujeito e o mundo, seja ela prazerosa ou não, uma troca onde o corpo participa ativamente. O tratamento imposto a Alex, ao coagir sua percepção de uma maneira não natural, exemplifica um rompimento com essa relação natural e livre, ao contrário do objetivo do trabalho em questão. Porém, no plano dos conceitos fenomenológicos, os objetos utilizados para atingir tal percepção, comungam de um propósito similar.

No filme, durante a cena em questão, o personagem é condicionado a

direcionar sua atenção em outro foco de percepção, forçado a confrontar imagens e sons de maneira não consensual, isso faz com que o resultado seja uma

²³ Imagem disponível em <http://www.planocritico.com/wp-content/uploads/2013/12/clockwork-orange-imagem-destacada.jpg>

experiência traumática e desumanizadora. O que não está em questão neste trabalho de forma alguma, bem pelo contrário.

O objeto Vibrasom busca explorar o conceito de percepção e a sua manipulação, destacando a imposição de experiências sensoriais sem violar a subjetividade e a liberdade de qualquer indivíduo.

Ainda nesse pensamento, a fenomenologia de Merleau-Ponty (2018) ajuda a entender que ver e ouvir, em sua essência, são atos profundos de interação com o mundo, que vão além do simples ato de receber informações sensoriais, e envolvem um compromisso ativo e pessoal com a realidade.

Figura 13- Vibrasom com câmera acoplada



Fonte: Autores

Ditas estas considerações da parte visual e concreta sobre a “aparência” do objeto proposto para mediador deste estudo, vejo a necessidade de falar um pouco do contexto em que situamo-nos como sociedade e sobre algumas características físicas minhas (como pesquisadora), pois acredito na importância desses fatores para a obtenção de qualquer resultado imagético futuro.

3.2 O Corpo Pesquisa A Dor

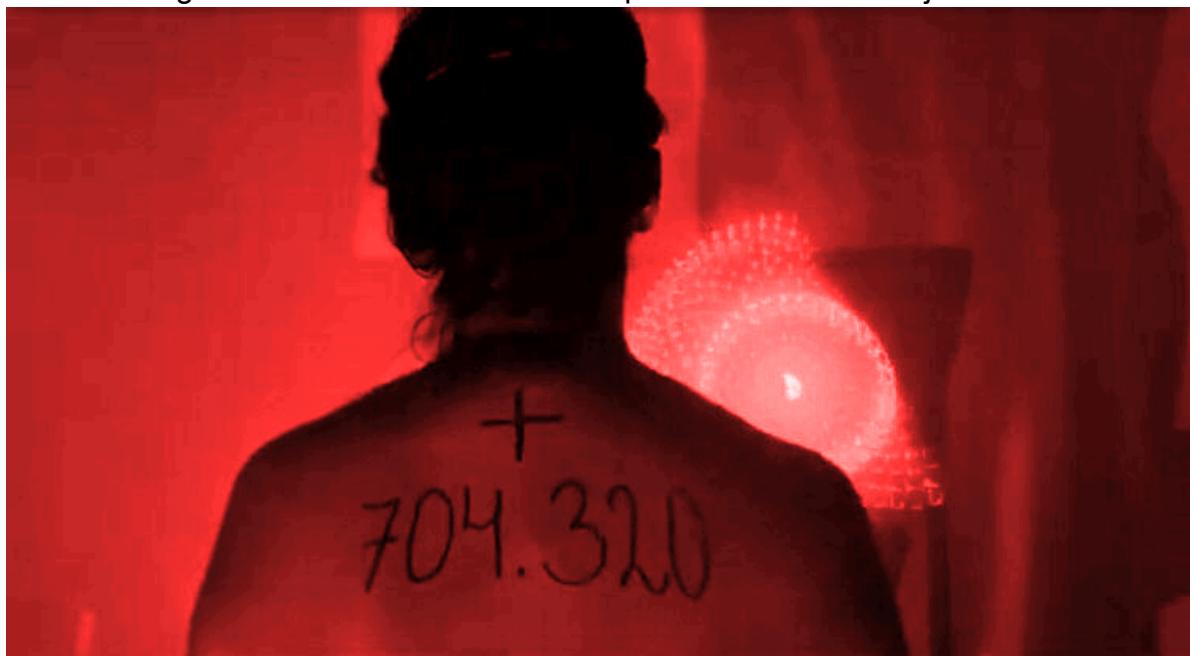
"Em algum recanto remoto do universo derramado em cintilantes sistemas solares, houve uma vez uma estrela na qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais orgulhoso e mais mentiroso da 'história universal': no entanto, foi apenas um minuto. Após poucos suspiros da natureza, a estrela congelou e os inteligentes animais tiveram de morrer." (Nietzsche, 2000, p. 53)

Sou uma mulher miscigenada, com atribuições profissionais e maternas, estudei artes quando criança, sem muita aptidão para concluir as atividades propostas pelo método de estudo musical tradicional, sem o devido êxito. Sofri um acidente com 11 anos que me fez ficar em estado letárgico durante algum tempo (reabilitando-me através dos instrumentos musicais, que me acompanharam durante o tempo que permaneci acamada, sendo a arte minha comunicação com o mundo prático), o que me fez compreender a ligação entre a arte, a saúde e a vida.

Como relata John Dewey na citação sobre os pássaros e os esquilos. "*Os pássaros que cantam, os esquilos que se agitam e o homem que canta são todos manifestações de uma única energia vital que se expressa em formas variadas.*" (Dewey, 1934, p. 27) Nesta passagem, Dewey ilustra a ideia de que a arte, como expressão, é uma manifestação da vida e da energia vital, comparando as criações humanas às ações naturais, que também são expressões dessa mesma vitalidade.

Ainda neste mesmo pensamento sobre arte, meu histórico pessoal, meu corpo, um corpo feminino que também necessita ser um corpo pesquisador, vem compreendendo seu lugar na construção deste processo, em meio à várias incidências que se constroem em um cenário pós pandêmico, não posso problematizar a arte sem pensar na finitude desse corpo projeto e desse corpo pesquisa que escrevo.

Figura 14 - Foto retirada de videoperformance UFPEL/jun.2023



Fonte: Autores²⁴

Sendo assim, o processo passou a ser concebido a partir de um corpo adoecido em constante reabilitação artística, de uma mulher que, após o COVID-19, lutava para se reconectar com seu corpo fazedor de arte.

Nesse viés, encontrei amparo e carinho em outra mulher artista. Fui ao encontro da inspiração em Lygia Clark, que explorava a arte como uma experiência sensorial e de cura, acreditando que o corpo é um veículo de expressão e transformação, sugerindo que a reconexão sensorial poderia ser um caminho artístico para reabilitar a experiência artística.

Neste processo, busquei resgatar sua singularidade e capacidade criativa, mesmo em um corpo que em meio à uma sindemia²⁵ foi desafiado a redescobrir sua voz e seu espaço artístico.

Uma citação significativa de Lygia Clark sobre o corpo como uma experiência sensorial pode ser encontrada em seu texto “O Corpo e o Espaço”, onde ela diz que “O corpo é a casa, o primeiro espaço. É nele que vivemos todas as experiências

²⁴ Essa foto foi retirada da videoperformance realizada durante o mestrado e simboliza uma homenagem ao número de vítimas que foram assoladas no território brasileiro.

²⁵ O conceito de "sindemia" refere-se a uma situação em que duas ou mais epidemias ou condições de saúde interagem de maneira sinérgica dentro de uma população, exacerbando os efeitos negativos de cada uma e resultando em um impacto maior do que o esperado. Esse termo foi popularizado pelo antropólogo médico Merrill Singer nos anos 1990 e representa uma abordagem mais holística para entender a saúde pública.

sensoriais fundamentais que formam a base da nossa percepção do mundo" (CLARK, 1960, p. 215).

Buscava, após essa perda de conexão que se estabeleceu em função da covid-19, perceber a arte como uma experiência sensorial e o corpo como o meio fundamental através do qual essa experiência se realizaria. Ainda não era a busca onde o corpo viesse a tornar-se o campo de experimentação, mas um objeto de observação, participante ativo no processo criativo. Buscava a relação entre o corpo e a arte através da interação direta com o ambiente (cultura) e com o próprio objeto artístico, podendo criar uma experiência estética que pudesse ressignificar sua forma de "ouver", forma esta que envolvesse todos os seus sentidos.

Figura 15 - Máscara abismo, Lygia Clark (1968)



Fonte: <https://portal.lygioclark.org.br/>

O que Lygia Clark (1960) propunha que poderia aproximar meu projeto às suas realizações e concepções ia além do que esperava, e dava-me condições de pensar a interação artista/obra de arte.

Para Clark²⁶, o corpo não é apenas um suporte ou meio para a arte, mas uma parte integrante da experiência artística, como podemos ver na figura 15.

Pensando em meu corpo pesquisadora (matéria prima na construção artística deste trabalho), é em função deste corpo que esteve adoecido que venho falar, sobre o corpo luz²⁷, aquele que finda, que se esgota, que é limitado, que não quer mais lutar para criar nada, que só dá passagem e que acaba por precisar de algo como um objeto para que consiga perceber sua presença através do corpo pesquisador.

Durante a arte moderna, a luz é frequentemente tratada como uma forma de matéria, um "corpo" artístico que interage com o espaço e os espectadores de maneira material e sensorial. A luz pode ser manipulada para criar formas, definir espaços e alterar a percepção, assumindo uma presença física e estética que transcende sua natureza etérea.

Quando a luz é utilizada com propósito de fazer arte, ela define e molda o espaço de maneiras que se assemelham ao trabalho com materiais sólidos. Artistas como Dan Flavin e James Turrell exploram como a luz pode criar volume e forma, transformando o ambiente e a experiência do espectador.

O conceito de luz como um "corpo" artístico também envolve a dimensão multi-sensorial. A luz não apenas ilumina o espaço, mas também cria uma experiência sensorial que pode evocar emoções, alterar percepções e envolver o corpo do espectador. É através dessa experiência direta que a luz se torna uma presença quase material.

Voltando à contextualização do meu corpo como personagem, tal abordagem é importante para que o trabalho perceptivo seja enfatizado como uno, havendo o entendimento de um corpo femininamente humano, que se dissolve juntamente ao processo de propor um trabalho de visualidade que está atrelado ao corpo utilitário de um objeto promotor de uma ação audiovisual, o que permeia também os relatos de quem interagiu com o trabalho, com uma gama de características e densas subjetivações.

Segundo Müller (2001) no livro “Acerca da Expressão”, de acordo com a

²⁶ *Máscara abismo*, Lygia Clark (1968), a artista propõe a substituição da experiência visual pela multi-sensorial

²⁷ Um dos pensadores mais relevantes nesse contexto é **László Moholy-Nagy**, um artista e teórico ligado à Bauhaus. Ele explorou a ideia do corpo em interação com a luz, especialmente em seus trabalhos com a "Licht-Raum Modulator" (Modulador de Luz e Espaço). (1938)

dialética de Merleau-Ponty, algo só pode eclodir ao perceptível quando carregado de simbologia, diferenciando-se do que lhe apresenta, como pano de fundo, logo tornando-se perceptível à forma ou estrutura²⁸, dentro de um contexto, o que torna o fim expressivo uma representação maior do que apenas seu símbolo. Sendo assim, o conteúdo que carrega, juntamente ao que destacou sua história contextual, a forma que pode oferecer um sentido completo a quem percebe é o produto também de quem o gerou.

Deste modo, tentei contextualizar meu trabalho primeiramente no âmbito da visualidade, para que, pudesse assim compreender suas subjetivações e depois de entendê-lo, aí sim saber no que deveria focar, pois até o primeiro ano do mestrado ainda não estava claro qual era o sentido principal desta pesquisa. Logo, ela crescia permeada por muitos elementos²⁹.

Propus inicialmente uma videoperformance³⁰ com o Vibrasom e outro objeto, o “Aqua Theremin”, que acompanhou-me até à qualificação do mestrado. Naquele momento eles traziam um sentido diferente à completude da pesquisa.

No início, ainda estava com as ideias em ebulação, então neste parágrafo escreverei meus devaneios iniciais sobre o que desejava naquele momento, o que foi amadurecendo com o tempo. Meu projeto se chamava “O Último Corpo da Matéria”, e o intuito era pensar em como poderia despertar a percepção das pessoas correlacionando-as a uma forma de arte cotidiana. Primeiramente o entendimento da minha própria percepção para observar o meu corpo como um veículo de captação e emissão perceptiva da figura humana no contexto em que me encontrava, como pesquisadora, mulher, negra, em total integralidade, levando em consideração a dificuldade de compreender o que pode ser considerado como um vetor artístico no contexto da saúde/artes/educação.

Na foto a seguir o cenário como um todo, em que os objetos citados estão sobre a mesa, e em que há referência a um outro momento cotidiano que é projetado na parede com a imagem do corpo da pesquisadora.

²⁸ Enquanto organizações sensoriais espontâneas, as “formas” não seriam elementos topográficos a limitar nossa receptividade, tampouco princípios teleológicos sobrepostos a nossa vida psicofísica. (...) são uma dinâmica de distribuição das sensações de modo que em nosso sistema nervoso estas não podem significar absolutamente nada sem estarem integradas em um todo de que são parte. Uma sensação visual, por exemplo, só pode significar algo em função do fundo de outras sensações de que se destaca como parte. (Müller, 2006, pg. 55).

²⁹ Ver o capítulo “Incompreensões do local de fala e visão”.

³⁰ Link da performance: <https://www.youtube.com/watch?v=GPvyVDFBI54>

Figura 16- Imagem videoperformance / UFPel (2022)



Fonte: Autores³¹

A observação desse fenômeno gerado pelo vibrasom que consegue dar visualidade as expressões vocais podem fazer com que o pensamento sobre novas materialidades se proponha através da visualidade (compreensão pessoal), como mais tarde apresento no relato de Maria José Pedro, moradora da Cidade do Conde, que entrou em contato com o Vibrasom durante a vivência na Paraíba. Maria com toda uma gama de subjetividade pessoal, com suas crenças para além da dimensão temporo espacial, foi capaz de absorver, observar e dissertar sobre a vida tridimensional, ou a realidade como a percebia, enfatizando conceitos de concretude e profundidade (altura, largura e comprimento).

Proponho aqui pensar sobre os atravessamentos deste plano luminoso. Quando comecei a pesquisa tive dificuldade em compreender que o trabalho poderia não ser sobre um objeto material e sim sobre a experiência que se tem através dele.

As formas menos densas de concretude, como o pensamento e as ideias, que se manifestam na fala, podem ser consideradas produções tridimensionais que possuem medidas específicas, como frequência, amplitude e duração. Essas medidas ajudam a definir e distinguir as características da fala, como a altura do

³¹ Essa imagem foi retirada da performance proposta no encerramento do primeiro ano do mestrado, ainda em um caráter experimental para a observação dos objetos e da interação com o corpo da pesquisadora, após houve outras insurgências mais potentes, como a produção de subjetividade através do processo.

tom, o volume e o ritmo. (MÜLLER,2001).

Na Phénoménologie de la percepción, depois de caracterizar o que chamou de natureza enigmática do corpo próprio (ou, simplesmente expressividade, Merleau-Ponty antecipou o resultado que suas análises deveriam alcançar dali por diante: essa revelação de um sentido imanente ou nascente num corpo vivo se estende, como a vemos a todo o mundo sensível, e nosso olhar, advertido pela experiência do corpo próprio, reencontra em todos os outros “objetos”, o milagre da expressão. (Muller, 2001, pg. 13)

O que a obra é capaz de representar, englobando seu estado fenomenológico gerador de perceptos, mesmo tratando-se de uma só imagem luminosa. Neste momento da minha descoberta sobre a pesquisa ainda não tinha bem a certeza de que havia entendido os reais atravessamentos do meu corpo como observador e também como promotor dos resultados que desejava produzir.

No livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” de Berman Marshall (2007) o autor escreve que somos engolidos pelo mundo moderno quando não conseguimos acompanhar nossos perceptos desejantes de uma adaptação produtiva, em meio às necessidades demandadas pelo universo. Que este desejo de compreensão transforma-se em vontade excessiva de produção e a transformação criativa dessa produção em determinada ação de funcionalidade, simbolizando um modo de extermínio do indivíduo de seu “habitat ancestral”.

Era esse o meu sentimento até o momento com relação à pesquisa.

Observava que se o mundo moderno praticava essa violência produtivista como forma de adaptatividade, eu acabava desenvolvendo aptidões de condicionamento, exigidas pelo famigerado progresso, desenvolvendo um olhar também violento, ao ponto que outras sutilezas perceptivas caiam no esquecimento. Sentia-me sonolenta por vezes, ou pelo contrário, ficavam sólidas demais, pelo excesso de estímulo requerido para a objetividade do cumprimento de comandos funcionais do mundo moderno, referentes ao projeto em questão. O que também pode ser avaliado de modo subsequente com o andar da pesquisa.

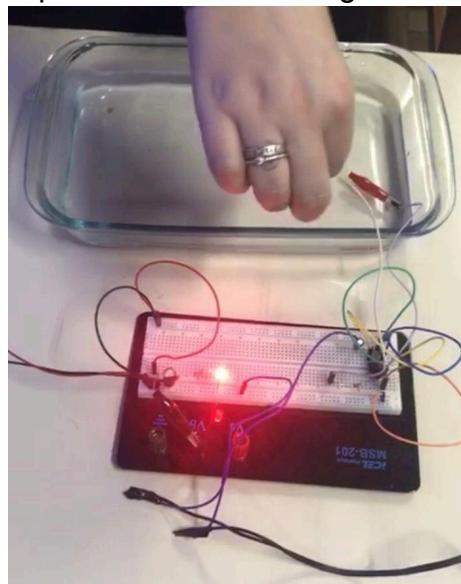
3.3 O Abandono do Aqua Theremin

Tornava-se necessário que conseguisse conectar-me com as sutilezas da percepção audiovisual. Através dessa demanda fui agregando algumas aparelhagens que colaboraram para a formação do meu pensamento crítico sobre

esta dissertação.

Um destes aparelhos foi o Aqua Theremin que, logo após a defesa da qualificação, acabou abandonando este projeto para ser retomado novamente em um trabalho posterior à conclusão do mestrado. Porém acredito que este tenha sido um objeto importante para chegar até o desfecho subsequente:

Figura 17- Aqua Theremin no estágio docente UFPel³²



Fonte: Autores

O Aqua Theremin, diferente do Vibrasom, não era um aparelho projetor de imagens. Sua função é a produção do som através da eletricidade passando pelo corpo de quem o utiliza. Trata-se de uma protoboard e algumas peças eletrônicas que constituíam um circuito integrado finalizado através do corpo, produzindo sons em uma tigela de água.

Um projeto eletrônico inspirado em um instrumento musical chamado Theremin cujo original foi criado pelo físico e músico russo Lev Sergeivitch Termen (Léon Theremin) em 1920, patenteado em 1927 (QUIMELLI, 2018).

A escolha por este instrumento, não é apenas por causa do resultado que o objeto produz, mas também pelo histórico de funcionalidade, o objetivo para o qual foi pensado.

O Theremin foi o primeiro instrumento musical elétrico construído para funcionar através do (ou com) o corpo humano, por uma interação sutil eletromagnética, sem a necessidade do toque físico.

³² <https://www.youtube.com/watch?v=FXp657tLNG4&t=3s>

É como se de forma poética a energia sutil fosse algo tão especial para o Theremin que seu contato físico, acaba por tornar-se uma espécie de enamoramento, porque para o Theremin, a energia do corpo é o suficiente para fazê-lo cantar.

E nele (no instrumento) desperta o desejo de fazer com que o corpo, esse que é tão necessitado de concretude, perceba o quanto é valiosa sua energia, bastando a sua força elétrica para a produção do som.

Mas por questões do andamento e do trajeto da pesquisa, ele abandonou minha história, em função do foco no objeto Vibrasom.

Porém fica a impressão de que, ainda sem saber direito o que procurava, estaria buscando nele a mesma resposta. Que poderia utilizar todos os objetos, modificá-los, substituí-los, mas ainda sim continuaria buscando a mesma coisa.

Despedindo-me do objeto na pesquisa, escutei o seguinte diálogo imaginário que tive com ele:

" - A transformação sofrida em uma estrutura monolítica humana, pode ser pensada como a pressão das ondas, em rochas oceânicas. Penso que a concretude das rochas é algo que para o ser humano pode ser considerado mais estável do que a mobilidade, volatilidade, volúpia e inconstância das ondas do mar, que ora se fazem presentes, e outras não mais, não encontram-se com as rochas por vários motivos. Baixas marés, movimento lunar, pressão atmosférica, porém para as rochas, mesmo sem sofrer a influência das ondas, o ar pode anunciar a condição e a presença do que não tarda a voltar. Com a captação de uma antena suja, humana, são detectadas frequências sensoriais do movimento, esse que preenche a antena velha, que dita o momento de correr. Essa ousadia humana de pensar que consegue encerrar tudo em um aparato, demonstra a presunção do sábio, que por pensar que sabe, não precisa aprender, é uma obra conclusa. Desse volume, desse acúmulo de limo na antena, vejo o quão difícil se torna a comunicação. Se fossem apenas construções desprevensiosas, como poderia interagir de forma leve, mas o problema é que são precisas... tão precisas que nem o grito mais forte consegue levar a informação correta pois eles necessitam da detecção assertiva, dentro do que conhecem como possível...mas e o impossível? Cale a boca Luana, não esplane aqui novas concepções de mundo. Onde já se viu. Poderiam milhões deles serem salvos pelo vento, pela arte, pelo som, pelo devaneio de criar... mas devido a precisão humana, acabarão morrendo. Antes da hora? Não querida, não creio, pois

tudo está dentro de um limiar do que se pode, ou não, conceber. Necessitarão de uma nova conexão? Possivelmente...alguma que consiga restabelecer o vazio dentro de seus tão conectados fios de erupções. Mas e quanto à antena de captação, para o despertar da praia? Ela pertence à parte mais densa da produção do criar, pois mesmo após tremores e ondas descomunais somente dará o aviso aos portos, quando será assim, diga-se no bom português tarde demais, para formular um novo conceito... Que pena, mas e as pedras, a maresia, as ondas, o horizonte e o novo? Ah! Querida, esses sim, permanecerão como sempre.... Acho que entendi... mas por que você está falando disso agora? Porque nessa jornada é a última coisa que vou vibrar até você, aqui abandono, por hora, nossa história. Prepare-se querida...a terra acabará de tremer."

E esse foi o nosso fim...

Dada a necessidade de manter o foco, ainda tentando excluir alguns pensamentos que me acompanhavam de uma forma meio turva, o projeto naquele momento parecia ainda não ter um recorte bem estabelecido. Eu não conseguia ver de forma clara o viés da pesquisa em arte ebulir em minhas observações, e eu compreendia completamente a minha plena incompreensão.

Pois as informações que meu pensamento demandava eram as mais diversas, vinha à mente dentre outras áreas do conhecimento, estudos físicos do desenvolvimento da matéria, os quais geram até hoje um impasse análogo sobre a apresentação de alguns fenômenos.

Figura 18- Aqua Theremin, videoperformance UFPEL (2022)³³



Fonte: Autores

Ouvi por vezes:

- Você tem muitas informações, não tem foco, não sabe se fala do micro, ou do macro... não comprehende quem você é neste trabalho...

E isto fazia com que cada vez eu me sentisse mais embriagada na linha de direção, no sentido do que eu realmente deveria manter e o que poderia ser mantido em estado de latência para posteriormente retomar de forma mais amadurecida.

Sabia que não poderia abandonar tudo agora, e que abandonar um objeto era o menor dos meus problemas. Então, despedi-me mais uma vez do Aqua Theremin, centrei meus passos novamente, sentindo um turbilhão em meio a um tornado, e com força, prossegui a caminhada.

3.4 Os Caminhos a seguir

A metodologia processual e a metodologia da narrativa ficcional são abordagens distintas, mas complementares, utilizadas na criação e análise de obras de arte e literatura. Ambas as metodologias oferecem perspectivas valiosas sobre

³³ O Aquatheremin foi um dos objetos utilizados para problematizar as proposições do projeto, porém logo após ao primeiro ano ele acabou sendo guardado para ser utilizado em um outro momento em que as conjecturas dialógicas venham a alinhar-se novamente com a proposta do objeto.

como as obras são concebidas, desenvolvidas e interpretadas (BORGES, 2015; CANDIDO, 2007; GENETTE, 2008).

A metodologia processual enfoca o processo de criação em si, destacando as etapas e os procedimentos envolvidos na elaboração de uma obra. Essa abordagem é particularmente relevante nas artes visuais, onde o ato de criar pode ser tão significativo quanto o produto final.

A metodologia processual, ao considerar o ato criativo como parte integral da obra, dialoga em distintas áreas artísticas. Na pintura, por exemplo, conversa diretamente com a abordagem de Kandinsky, que vê no processo uma manifestação do artista.

Para Kandinsky (1996), sobre a metodologia processual, este argumenta que o processo criativo é uma jornada espiritual que revela a essência do artista. Segundo ele, a compreensão das etapas do processo é fundamental para apreciar a profundidade e a intenção por trás de uma obra de arte³⁴.

A figura a seguir trata-se da pintura intitulada “Farbstudie: Quadrate mit konzentrischen Ringen”. Essa pintura “Estudo de cores - quadrados com anéis concêntricos” foi criado por Wassily Kandinsky no ano 1913. O original tinha o seguinte tamanho - 23,9 31,5 cm x cm e foi pintado com aquarela, guache e giz. Hoje, esta obra está incluída na coleção de arte de Galerie Städtische im Lenbachhaus und Kunstbau München em Munique, Baviera, Alemanha. Este quadro é resultado da profunda investigação material das cores, formas e texturas, onde o caminho de criação, mais do que apenas o resultado final, traduz sua busca por expressões.

³⁴ Kandinsky, Wassily. *Concerning the Spiritual in Art*. Nova York: Dover Publications, 1977, porém esta versão encontra-se em português como : Kandinsky, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. Tradução de Gabriela Porto. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Figura 19- Farbstudie: Quadrate mit konzentrischen Ringen³⁵



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/wassily-kandinsky/color-study-squares-with-concentric-circles-1913>

Já na obra de Jackson Pollock, por exemplo, a metodologia processual é evidente em sua técnica de "dripping" (gotejamento), onde a ação e o movimento do artista se tornam parte integral da obra final.

Figura 20- Jackson Pollock, em sua técnica de "dripping"³⁶



Fonte: <https://totenart.pt/blog/noticias/jackson-pollock-artista-de-acao/>

Harold Rosenberg (1996), em "Pintores Norte-Americanos de Ação", cunha o termo "action painting" para descrever a técnica de Pollock, enfatizando a

³⁵ A escolha de formas geométricas em *Farbstudie* reflete ainda a tensão entre o orgânico (círculo) e o estático ou sólido (quadrado). Essa oposição foi explorada em sua obra teórica *Punkt und Linie zu Fläche* (*Ponto e Linha sobre Plano*, 1926), onde ele discutiu como formas diferentes evocam respostas diferentes, com o círculo simbolizando o infinito e o fluxo, enquanto o quadrado trazia uma qualidade mais material e terrena (Kandinsky, 1926/1979). Essa dicotomia entre formas geométricas, para Kandinsky, permitia um diálogo visual mais direto, uma "linguagem universal" que poderia comunicar com os espectadores em um nível intuitivo.

³⁶ O *dripping* de Pollock consistia em gotejar e respingar tinta diretamente sobre a tela, que geralmente era disposta no chão, permitindo uma abordagem mais física e imersiva. A tinta era pingada, espirrada ou derramada, criando redes de linhas entrelaçadas e camadas de cores. Esta técnica desafiava as convenções da pintura tradicional, que se baseavam no uso de pincel e cavalete, e permitia a Pollock explorar um "automatismo psíquico" inspirado pelo surrealismo, onde ele podia expressar-se sem interferência consciente (Naifeh & Smith, 1989).

importância do processo como um componente essencial da expressão artística.

Já a narrativa ficcional, por outro lado, concentra-se na estrutura e nos elementos narrativos que compõem uma história. Essa abordagem é amplamente utilizada na literatura e no cinema para analisar como as histórias são construídas e comunicadas ao público. A metodologia da narrativa ficcional se concentra na estrutura e na construção das histórias, examinando como os elementos narrativos são usados para criar significado e engajamento. (GENETTE, 2008)

Na análise da obra *Cem Anos de Solidão* de Gabriel García Márquez (1990), por exemplo, a metodologia da narrativa ficcional permite compreender como o autor utiliza elementos como o realismo mágico e a estrutura cíclica para criar uma narrativa envolvente e profunda.

O autor em entrevista à Editora São Paulo, em “*Gabriel García Márquez: A Vida e a Obra*”, falou sobre sua obra como uma narrativa ficcional:

Não me pergunte o que quer dizer de Cem Anos de Solidão. Eu mesmo não sei. É um conto cheio de mentiras. Ele trata de um povo que não existe, de coisas que nunca aconteceram e de pessoas que não estão vivas. A única coisa real é o mar. (GARCIA MARQUÈZ, 2014, p. 178)

Alguns trechos da escrita onde trago relatos de experiência estão entrelaçados com a narrativa ficcional, juntamente à processualidade onde pude expressar-me através de uma abordagem multifacetada que colaborou para a criação e a análise do projeto de dissertação. Essa combinação permitiu uma exploração mais ampla da experiência subjetiva, da construção narrativa e do processo criativo.

O relato de experiência (FREIRE, 1987) é uma abordagem que enfatiza a importância da vivência pessoal e subjetiva na criação e interpretação do que foi vivido durante o percurso do mestrado, tanto na Universidade Federal de Pelotas, quanto na Universidade Federal da Paraíba. O relato de experiência baseou-se na premissa que a minha experiência como criadora foi fundamental para entender e comunicar o significado resultante do projeto. Mas não seria o suficiente, pois precisava expressar outras possibilidades que acompanhavam e circundavam meu imaginário inventivo.

Para entender como as metodologias da processualidade, narrativa ficcional e

relato de experiência se entrelaçam, é importante explorar cada uma delas individualmente e depois observar como se interconectam na prática criativa e analítica.

A metodologia da processualidade foca no processo de criação em vez do produto final. Ela examina as etapas, os métodos e as interações envolvidas na elaboração de uma obra, considerando que o próprio processo é uma parte significativa da experiência artística. (BORGES, 2015)

Um exemplo prático aqui foi a videoperformance produzida para a compreensão das minhas interações artísticas, nas quais o processo de criação foi tão importante quanto o evento em si. A interação foi uma parte fundamental do trabalho, e a documentação desse processo ofereceu insights valiosos sobre onde gostaria de chegar com a dissertação.

A metodologia da narrativa ficcional estuda como histórias são estruturadas e contadas. Ela envolve a análise de elementos narrativos, como enredo, personagens, e ponto de vista, para entender como a ficção constroi significado e engaja o público. (GENETTE, 2008)

Pude explorar um gênero literário utilizando técnicas ficcionais para criar histórias que refletem experiências pessoais e culturais. A estrutura narrativa, como o uso de flashbacks, lembranças, devaneios, inspirações ou ainda múltiplos pontos de vista, ajudaram-me a explorar temas complexos e a conectar-me com a própria experiência ficcional.

A metodologia do relato de experiência enfatiza a importância da experiência pessoal e subjetiva na criação e análise de obras. Ela considera a experiência do criador como um elemento central na interpretação e comunicação da obra. (FREIRE, 1987)

Em uma instalação artística que combina elementos autobiográficos e ficcionais, por exemplo, o artista pode usar técnicas narrativas para construir uma história que reflete seu processo criativo e suas experiências pessoais.

O processo de criação, a estrutura narrativa e os relatos pessoais se entrelaçam para formar uma obra coesa e significativa. Um exemplo disto, mais uma vez, é o trabalho de Lygia Clark (Figura 21).

Figura 21- Lygia Clark. Óculos (Goggles). 1968



Fonte:

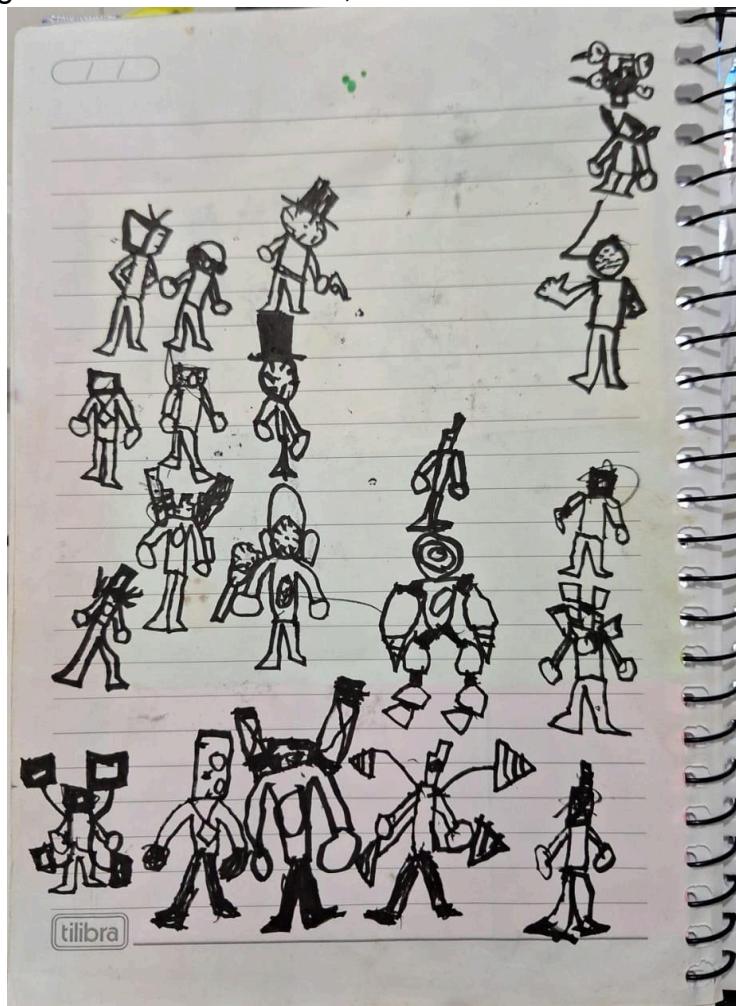
"O Mundo de Lygia Clark"³⁷, é um filme documentário e também um livro onde podemos ver como a artista explorou a experiência pessoal. O processo criativo é entrelaçado na criação de suas obras, demonstrando como a metodologia da processualidade e o relato de experiência podem informar e enriquecer a narrativa ficcional, mostrando de forma prática a utilização destas metodologias, Lygia relata neste trecho do documentário que:

O mais importante não é a coisa que eu proponho, isso seria um exercício para a vida, se a pessoa depois de fazer essa série de coisas que eu proponho, que eu dou, se ela consegue viver de uma maneira mais livre, usar o corpo de uma maneira mais sensual, se expressar melhor, amar melhor, comer melhor, isso no fundo me interessa muito mais que um resultado, do que a própria coisa, em si, que eu proponho a vocês. Isso é um exercício paradisíaco. (CLARK, 1973, 1min42s)

Em um diário, pude anotar as vivências, rabiscos e as experiências que tive durante o processo criativo, algumas delas eram acompanhadas dos desenhos de meu filho Bento durante a passagem da UFPB, muitos os diálogos que gritam esta dissertação, o que fez com que aumentasse ainda mais meu processo inventivo e investigativo.

³⁷ "O Mundo de Lygia Clark" O filme foi dirigido por Eduardo Clark em 1973 e explora o pensamento e as obras da artista, oferecendo uma visão profunda de sua abordagem experimental na arte. Link de acesso : <https://portal.lygioclark.org.br/acervo/67386/o-mundo-de-lygia-clark>

Figura 22- Diário de bordo, desenhos do Bento na UFPB



Fonte: Autores

Os relatos de quem entrou em contato com o projeto e os desenhos de meu filho relatando nossos dias na Universidade Federal da Paraíba, bem como minhas observações pessoais, às quais influenciam a pesquisa como um todo, ajudaram-me a expressar a construção dessa jornada.

A imagem acima (Figura 22) é uma página compartilhada pelo meu filho Bento sobre a visão dos dias como pesquisadores que nos fazia imaginar longas transformações em tudo que estávamos buscando e vivenciando, a página dos desenhos do meu companheiro de viagem e nossas transformações.

Integrar a metodologia da processualidade, narrativa ficcional e relato de experiência ofereceu para o projeto uma abordagem multidimensional. Essas metodologias ajudam a entender não apenas o produto final, mas também o processo e as experiências, proporcionando uma visão mais ampla e profunda dos relatos e seus signos.

CAPÍTULO 4

“- Consolação de um músico - O ouvido dos homens não ouve a música da tua existência; para eles levas uma vida muda, seus tímpanos não distinguem nenhuma das sutilezas da tua melodia, toda resolução quanto a preceder ou seguir.(...) Aqueles que têm ouvidos para ouvir, que ouçam.”
(Nietzsche, 2017,p.137)

Incompreensões do Local de Fala e Visão

O parágrafo mencionado, intitulado Consolação de um músico, está presente no livro “A Gaia Ciência”, de Friedrich Nietzsche (2017), é uma bela metáfora sobre a incompreensão que muitas vezes acomete os singulares, criativos ou diferentes. Nietzsche usa a figura de um músico, cuja “música da existência” não é ouvida pelos “outros”. Ilustrando como a sensibilidade, a profundidade e a originalidade de um indivíduo podem ser invisíveis ou inaudíveis para aqueles que não compartilham a mesma capacidade de percepção.

A metáfora da música e da vida apresenta a música como uma maneira única para o indivíduo viver e expressar sua própria essência. A “música da tua existência” representa a individualidade, as escolhas, as resoluções e as nuances pessoais que compõem a vida de cada um. Para Nietzsche (2017), essas sutilezas nem sempre são percebidas e compreendidas a não ser por quem experiencia a própria música.

Nietzsche (2017) sugere que a maioria das pessoas está “surda” para essa melodia individual. Elas vivem em um estado de insensibilidade ou cegueira em relação às nuances da existência alheia. Isso pode ser interpretado como uma crítica à superficialidade da compreensão humana, onde julgamentos são feitos com base em padrões e normas, sem verdadeira escuta ou atenção às profundezas da experiência pessoal.

Existe neste pensamento de Nietzsche (2017) uma tendência a desconsiderar peculiaridades subjetivas das experiências humanas, por isso o ouvido dos homens tende a ouvir o que já está disposto em seu arcabouço próprio de percepção.

A citação também pode ser interpretada como uma crítica à conformidade social e à tendência de julgar os outros com base em nossas próprias compreensões, acompanhadas por seus limites. Nietzsche, conhecido por sua

valorização da individualidade e do "espírito livre", sugere que aqueles que ousam ouvir com seus próprios ouvidos, devem estar preparados para serem mal compreendidos ou até ridicularizados por aqueles que de forma análoga também ouvem com os seus dispositivos decodificadores de som. (NIETZSCHE, 2017).

Em um sentido mais amplo, a citação nos convida a refletir sobre como muitas vezes somos rápidos em julgar e rotular o que não compreendemos. Ela nos desafia a reconhecer que existem múltiplas formas de viver e perceber o mundo, e que essas diferenças não são apenas válidas, mas essenciais para a riqueza da experiência humana. Ter ouvidos para ouvir pode exigir coragem e resiliência, mas é também uma afirmação da autenticidade e da liberdade do indivíduo.

Apresentei meu trabalho em alguns eventos na Universidade Federal de Pelotas antes de desenvolver minha vivência na Universidade Federal da Paraíba, também apresentei em escolas aqui em Pelotas/RS, durante a minha atividade docente obrigatória do mestrado na UFPel a qual foi ministrada no curso de Psicologia. Levei a minha pesquisa a vários espaços, porém alguns deles me chamaram atenção por alguns detalhes que compartilho logo a seguir.

4.1 Em Pós

Um dos espaços que apresentei minha pesquisa foi no Encontro de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este evento é uma oportunidade para estudantes de pós-graduação apresentarem suas pesquisas e discutirem seus trabalhos com colegas e professores de diversas áreas do conhecimento.

Promove a divulgação científica, permitindo que os alunos de pós-graduação apresentem e discutam suas pesquisas em andamento ou concluídas, contribuindo para a disseminação do conhecimento produzido na universidade. Outro fator que se destaca neste evento acadêmico é a interdisciplinaridade, incentivando a interação entre alunos e professores de diferentes áreas, promovendo uma visão integrada das pesquisas e possibilitando novas colaborações.

Isso tudo, essa série de fatores que colaboram com o desenvolvimento acadêmico proporciona aos alunos a experiência de participar de um evento científico, aprimorando suas habilidades de apresentação e comunicação de resultados de pesquisa.

Todos os professores já haviam feito o convite de escrevermos um resumo, então enviei o meu ao ENPOS, encaminhei “O Último Corpo da Matéria: Da Frequência à Composição”, que era o título do meu trabalho na época, para participar do XXV Encontro de Pós Graduação, da 9^a Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão, realizado na UFPel, no período de 20 a 24 de novembro de 2023.

Inscrevi para o eixo temático “Tecnologia e inovação”, enviei meu resumo que dizia o seguinte:

“O trabalho transdisciplinar “Último Corpo da Matéria: Da Frequência à Composição” explora a interseção entre arte e saúde através do uso de objetos que mediam processos audiovisuais. A pesquisa investiga como diferentes frequências e composições sonoras podem influenciar a percepção sensorial e o bem-estar, utilizando uma abordagem fenomenológica para compreender as experiências subjetivas dos participantes.”

Esse é um recorte do resumo que enviei para o ENPOS, e no dia posterior à inscrição recebi este email da comissão organizadora, respondendo dessa forma:

Boa tarde

Comunicamos que recebemos seu resumo, porém gostaríamos de informar que a inscrição foi realizada em um eixo inadequado para o projeto, logo pedimos que refaça sua inscrição, direcionando seu trabalho ao eixo de artes, pois do contrário, seu trabalho será desclassificado do evento.

Desde já agradecemos.

Pensei...acho que devo antes de encaminhar ao setor ordenado, onde já comprehendo qual é a expectativa deste espaço, onde já se esperam propostas semelhantes, ao invés de lutar por poder levá-lo a outros locais, onde consigo ver que o projeto pode ocupar. Compreendo que não seja o mais óbvio, desculpo-me pela ousadia de tentar ir com ele a espaços desconfortáveis, por não conseguir expressar-me da forma mais acessível. Mas procurava algo diferente, que ainda não sabia muito bem explicar. Eu e meu projeto decidimos lutar, imaginava diálogos como esse, em meus dois hemisférios cerebrais enquanto procurava esse lugar de ocupação:

- Você não tem culpa se não conseguem compreender que podemos ocupar um espaço de tecnologia e inovação, o que iremos encontrar lá se formos

nesse sentido serão Inteligências artificiais, sites da Universidade, grupos de pesquisas do Tik Tok, enfim, não somos páreos para estar entre esse time de possibilidades, somos apenas objetos atrevidos que pensam estar mostrando algo que sempre esteve ali.

- Eu compreendo, mas não posso deixar que nos coloquem na caixa de sempre sem antes lutar por um lugar onde podemos dizer e mostrar a nossa vontade em potencial, vou mandar outro email, e se mesmo assim quiserem nos desclassificar tudo bem.

O ENPOS geralmente inclui várias atividades, como sessões de apresentação oral, onde os alunos apresentam suas pesquisas para um público de colegas e professores, seguidas de sessões de perguntas e respostas, sessões de Pôsteres, Uma oportunidade para os alunos exibirem seus trabalhos, facilitando discussões mais informais e detalhadas sobre suas pesquisas, palestras e Mesas-Redondas com convidados especiais que discutem temas relevantes e atuais em diversas áreas do conhecimento. Não podia deixar que encaixasse meu projeto onde eu não o compreendia.

A participação no ENPOS é aberta a todos os alunos de pós-graduação da UFPel, incluindo mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, o evento também contava com a presença de alunos de outras instituições, promovendo ainda mais a troca de experiências e conhecimentos. Queria a chance de mostrá-lo a outras áreas do conhecimento, ou então a outros eixos que não apenas o que diziam que era onde meu trabalho se encaixava.

Então respondi o email corajosamente dessa maneira:

Prezado(a) Comissão Organizadora,

Espero que esta mensagem os encontre bem. Compreendo a decisão de que meu projeto poderia estar melhor enquadrado em outro eixo, mas gostaria de solicitar a oportunidade de apresentá-lo no eixo de “Tecnologia e Inovação”. Acredito profundamente no potencial de compartilhar esta pesquisa com outros grupos de estudo neste eixo, pois entendo que seus objetos problematizantes facilitam significativamente o processo de compreensão, especialmente em uma apresentação física.

Este projeto é também uma performance, porém um processo criativo construído e revelado durante a apresentação. Através de objetos problematizantes,

a essência da minha pesquisa se desdobra, permitindo uma exploração mais profunda e uma interação mais rica com o público.

Assim, gostaria de manter minha inscrição neste eixo, aguardando com esperança e entusiasmo a decisão da comissão quanto à minha participação.

Desde já, agradeço pela consideração e pela oportunidade.

Atenciosamente,

Luana Soares Coelho

Mestranda PPG Artes/UFPEL

O ENPOS é uma parte importante da formação dos alunos de pós-graduação da UFPel, contribuindo para a criação de um ambiente acadêmico vibrante e colaborativo.

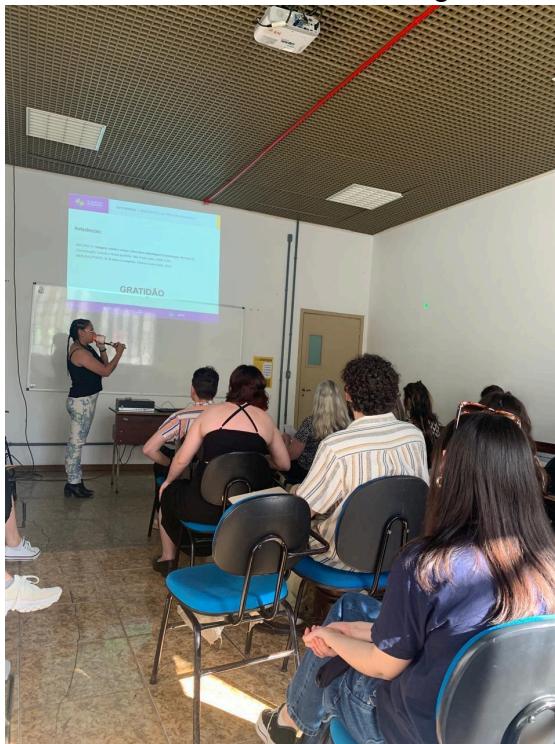
No outro dia recebi outro email, dizendo que poderia ficar no eixo de Tecnologia e Inovação e que a comissão estava ansiosa por ver meu trabalho.

Compreendendo que se trata de um projeto transdisciplinar, primeiramente pensado no campo da saúde, com um objeto que encontra seu espaço na ludicidade para promover uma reflexão saudável, atravessando pelo campo das artes e neste momento migrando para o campo da educação, vejo com este trajeto a necessidade do entendimento do todo que certamente ainda demonstra fragilidade e resistência para a aceitação de formas de compreender um processo já conhecido

Enfatizando que essa construção dentro de um espaço educacional pode gerar novos espaços que possam acolher esta ideia entre saberes, e pode auxiliar a analisar melhor a relação de complexidade entre as áreas das ciências citadas:

A transdisciplinaridade (...) busca, como referência teórica, o holismo e a teoria da complexidade, que, embora venham se constituindo em um referencial interessante, ainda estão pouco compreendidos (...) têm sido tomada de forma factual; total é tudo e, assim, pode apresentar um caráter de a-historicidade. A totalidade não se esgota na soma das partes, mas constitui-se, num outro patamar, na síntese histórica da realidade. (PIRES, 1998, p. 176)

Figura 23- ENPOS, eixo de “Tecnologia e Inovação”



Fonte: Autores

Através da transdisciplinaridade vejo a importância da contextualização e de pensar nas partes que constituem o processo de forma integral e não apenas como elementos isolados.

Quero deixar claro mais uma vez no decorrer deste trabalho que em nenhum momento, participei deste ou outro evento, querendo levar o crédito de ter inventado qualquer objeto presente aqui, e sim meu interesse sempre foi no ato de levar a possibilidade de dar imagem visual ao som para pessoas e estudiosos de outras áreas.

No livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” de Berman Marshall (2007) o autor escreve que somos engolidos pelo mundo moderno quando não conseguimos acompanhar nossos perceptores desejantes de uma adaptação produtiva em meio às necessidades demandadas pelo universo. Que este desejo de compreensão

transforma-se em vontade excessiva de produção e a transformação criativa dessa produção em determinada ação de funcionalidade, simbolizando um modo de extermínio do indivíduo de seu “habitat ancestral”.

Foi essa a sensação que tive quando meu projeto, mesmo antes de ser visto, foi impedido de participar em uma sessão que compreendia poder encaixá-lo, porém meu desejo era de expansão. Senti aquela ação da universidade como uma

violência e decidi resistir, observo que não só a universidade mas o mundo moderno continuava praticando essas micro violências como forma de não adaptatividade ao novo.

Desta maneira outras sutilezas perceptivas acabam sendo esquecidas ou ficando sólidas demais pelo excesso de estímulo requerido para a objetividade do cumprimento de comandos funcionais do mundo moderno, o que torna necessário que consigamos nos conectar com estas sutilezas através de algumas aparelhagens que colaborem para um pensamento crítico.

Neste trabalho penso que o vibrasom é um aparelho que colabora para que através do ato de problematizar ver a voz, emerjam observações que não seriam possíveis a olho nú. Logo neste caso esta seria uma aparelhagem que colabora neste sentido, mas poderia pensar em algo bem mais simples como por exemplo um óculos para uma pessoa míope.

Especificamente no contexto educacional, isso pode se manifestar como uma formação que prioriza habilidades funcionais e utilitárias em detrimento de uma educação mais ampla e crítica.

Durante o processo de criação e pensamento destes fazeres e destas

conexões, muitas perguntas foram levantadas sobre essa construção, e lamento se não consegui expressar-me tão claramente sobre o desejo de sustentar meu projeto entre áreas, porém, isso foi o que impulsionou a problematização de novos pensamentos e construções sobre onde eu deveria ir com essa pesquisa.

No dia da apresentação do ENPOS, minha pesquisa foi a primeira a ser desenvolvida. Eu estava relativamente feliz, acreditando que, sendo cedo, a sala estaria vazia, pouRANDO-ME de críticas ou olhares desinteressados. No entanto, a ansiedade corroía por dentro, e não conseguia afastar o medo de ter cometido um erro irreparável ao seguir meu instinto ao invés de ouvir a comissão avaliadora.

Por que fui inscrever minha pesquisa em um eixo onde iriam fazer perguntas que talvez eu não saberia responder? Por que não dei ouvidos ao óbvio, evitando a possibilidade de exposição ao ridículo e ao julgamento? Eu só queria fugir, deixar que a insegurança me engolisse, mas era tarde demais; ali estava eu, à beira do abismo da avaliação pública.

Quando entrei na sala, havia uma das minhas professoras do mestrado, a professora Rebeca. Ela não estava apenas participando como uma das

coordenadoras do ENPOS, mas também liderava um grupo de pesquisa sobre mídias e internet. Cada vez mais, pensava que deveria ter parado com essa história de transdisciplinaridade quando tive a oportunidade. A ansiedade borbulhava dentro de mim, misturada com a sensação de estar fora do meu elemento.

A sala estava cheia, o burburinho dos participantes indicava um misto de curiosidade e ceticismo. A professora Rebeca Recuero me deu um sorriso encorajador, mas eu sabia que muitos ali ainda viam a transdisciplinaridade com desconfiança. Respirei fundo e comecei a apresentar meu trabalho. Para minha surpresa, ao avançar pela apresentação, comecei a sentir o entendimento e a reciprocidade dos professores, dos alunos, mas, sobretudo, de mim mesmo.

À medida que explicava a metodologia e a fenomenologia subjacente ao “Último Corpo da Matéria: Da Frequência à Composição”, percebi que os olhares céticos se transformavam em expressões de interesse e admiração. As demonstrações dos objetos interativos, pareceram capturar a imaginação de todos na sala. A projeção de frequências sonoras (vocalizações) convertidas em estímulos visuais e táteis fez com que a teoria ganhasse vida diante dos olhos de todos.

Ao terminar a apresentação, um silêncio reverente tomou conta da sala. Então,

como se todos tivessem combinado, começaram a aplaudir. Foi nesse momento que entendi a necessidade de mostrar meu trabalho em novos espaços.

O entusiasmo e a compreensão dos presentes não eram apenas um reflexo da eficácia da minha apresentação, mas também uma confirmação de que a transdisciplinaridade podia abrir portas para novas formas de ver e experienciar o mundo. Saí da sala com um novo propósito, determinado a levar minha pesquisa para outros públicos, saboreando a magia daquele momento de encantamento coletivo.

A partir dessa primeira contextualização, acreditei que seria mais fácil entender o “Último Corpo da Matéria: Da Frequência à Composição”. Com essa base, pude construir o próximo olhar para os rumos da minha pesquisa e seus desdobramentos.

Tratava-se de um processo entrelaçado nas áreas da saúde e das artes, que aos olhos dos outros pareciam, à primeira vista, tão distintas, mas que aos poucos fui conseguindo construir um argumento que se sustentasse conforme fui construindo a ação deste projeto. Aos poucos fui conseguindo fazer com que minha

experiência com musicoterapia, anterior a este projeto de pesquisa, fosse aceito também nas concepções e linhas de pesquisa do PPGAV da UFPel.

Durante o desafio do ENPOS a pesquisa experimentou como essas disciplinas de artes/saúde/educação poderiam conversar, proporcionando experiências sensoriais aos alunos após a apresentação. Isso ampliou o desafio das encostas lindeiras que tangem o projeto promovendo pra mim mesma maior entendimento sobre o processo como um todo, preparando-me para novos desafios, que posteriormente viriam.

4.2 O Vibrar da Biotecnologia

Depois dessa passagem exitosa de meu trabalho, decidi que era hora de me arriscar em outros espaços e que minha proposição deveria não só voar por caminhos lindeiros, mas quem sabe, abrir trincheiras em novos espaços de compactuação de ideias.

Desta vez bem menos óbvias do que a inscrição em um eixo de “Inovação e Tecnologia”, mas pensei: por que não apresentá-lo a outras áreas do conhecimento? Pois acredito que elas podem ter conexões profundas e sinergéticas com a essência da minha pesquisa.

Dessa vez atravessei todas as barreiras da insanidade e inscrevi meu trabalho no XI Simpósio de Biotecnologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que é um evento acadêmico e científico que se destaca, promovendo a integração entre a comunidade acadêmica, pesquisadores, e profissionais da área. O simpósio oferece ainda uma plataforma para a apresentação e discussão de avanços recentes e tendências emergentes na biotecnologia.

Enviei outro resumo do meu trabalho em andamento parecido com o primeiro das artes, falando mais uma vez sobre o processo de percepção através de um objeto e dessa vez a recusa foi mais instantânea que a primeira do ENPOS, depois de já ter realizado a inscrição.

Prezada Estudante

É com grande pesar e um profundo sentimento de tristeza que precisamos comunicar uma decisão difícil. Após uma análise cuidadosa e uma reavaliação exaustiva, lamentamos informar que seu trabalho não poderá ser aceito para participação no Simpósio de Biotecnologia.

Infelizmente, seu projeto não se enquadra nas normas e diretrizes estabelecidas para o evento, e não conseguimos compreender integralmente a proposta apresentada. Esta decisão não foi tomada levianamente; é o resultado de uma consideração minuciosa das diretrizes e da natureza do simpósio.

Entendemos que esta notícia é desalentadora e que a rejeição de um trabalho pode ser um golpe duro. Queremos expressar nossas mais sinceras desculpas por qualquer transtorno que isso possa causar e reconhecer o esforço e a dedicação que você investiu em sua pesquisa.

Embora não possamos aceitar sua participação desta vez, esperamos que esta experiência não desanime você, mas sim a inspire a continuar desenvolvendo e aprimorando seu trabalho. Sua paixão pela biotecnologia e sua dedicação à pesquisa são inegáveis e valorizadas, porém infelizmente não podemos classificá-la.

Estamos à disposição para oferecer feedback mais detalhado, se desejar, e esperamos o melhor para suas futuras empreitadas acadêmicas e profissionais.

Com os melhores cumprimentos,

Secretaria do Curso de Biotecnologia

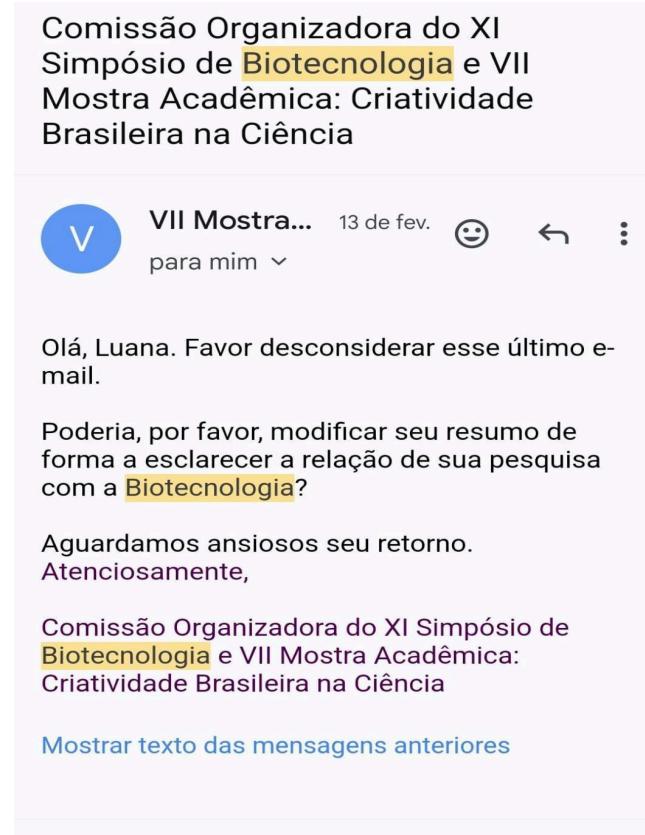
Universidade Federal de Pelotas

Pelo menos dessa vez eles não deram brecha para sonhar com a busca da transdisciplinaridade, afinal é somente uma questão de encontrar as áreas certas com as quais dialogar e conseguir se colocar nelas. A importância de encontrar os pares. Inicialmente, senti um turbilhão de pensamentos confusos, mas logo a razão me trouxe à conclusão de que eles estavam certos. O melhor seria direcionar minhas energias e focar novamente no contexto onde meu projeto já havia encontrado raízes. Enquanto o dia lentamente se desenrolava, a luz suave do entardecer acalmava meu espírito inquieto. E assim, com a mente mais leve e o coração sereno, entreguei-me ao abraço tranquilo do sono, permitindo que a noite renovasse minhas forças para os desafios vindouros.

Fiquei pensando que não deveria ter escrito o parágrafo que dizia que o objeto facilitador do diálogo apresentava-se através de uma ideia inexata sobre a visualidade do som, pensei que aquilo devia mesmo ter ficado muito distante... ou tudo deveria ter ficado muito distante... ora onde já se viu, eu com uma lata, um balão, um espelhinho e um laser, pensar em visualidade através da vocalização, o que isso poderia acrescentar para alguma pesquisa da Biotecnologia?

Porém acordei com este email que devolveu a luz ao meu espírito e seus devaneios estudantis.

Figura 24- E-mail da Biotecnologia



Fonte: Autores

Apesar da tentativa de dissecar ao extremo minhas possibilidades de campo, o que desejava compartilhar com alunos, colegas e quem quer que entrasse em contato com meu projeto, era a proposição de um dispositivo (objeto) disparador de idéias (imagens) perceptivas. Algo que pudesse ampliar a capacidade, na utilização da fala e dos componentes implicados para execução da ação de vocalizar.

Com muita alegria enviei um novo texto para justificar porque meu trabalho enquadrava-se no Simpósio, encaminhei dessa forma:

Prezados Colegas

Desde já agradeço pelo pedido de mais informações sobre o meu projeto, tendo visto que meu nome já está homologado no cronograma do evento.

Incluí este parágrafo no escopo do resumo, justificando o porquê de ter

escrito-o no Simpósio de Biotecnologia, baseada nos objetivos do curso de graduação de Biotecnologia da UFPel, onde compreendo a possibilidade de inclusão da interdisciplinaridade e da coesão deste no devido evento.

Seguem-se os parágrafos:

"Compreendendo que um dos pilares que norteiam a Biotecnologia na UFPel, é a formação de profissionais que sejam capazes de perceber e utilizar ferramentas referentes à saúde integral, isso possibilita a geração de novos produtos e processos biológicos nas áreas da saúde humana, gerando condições de debates interdisciplinares que instiguem a curiosidade científica ao longo da formação acadêmica.

Por este motivo proponho-me no projeto “O Corpo Luz da Matéria: uma visão sobre o corpo do som”, discutir o processo de percepção corporal, através da perspectiva da visualidade e da escuta, ampliando a capacidade cognitiva do diálogo sobre um corpo som material, conectado a um aparelho audiovisual, podendo assim demonstrar e promover um debate sobre a complexidade e a totalidade do sujeito enunciado no título do trabalho."

Envio em anexo o resumo já corrigido e formatado para o evento

Desde já agradeço

at.te

Luana Soares Coelho

Mestranda PPG ARTES

Mais uma vez, o dia da apresentação chegou, desta vez em um novo espaço, um palco inexplorado onde eu vislumbrei a oportunidade de compartilhar minha pesquisa com mentes igualmente apaixonadas. Acreditava que ali, entre aqueles olhares curiosos e atentos, poderia encontrar o apoio necessário para expandir os horizontes do meu trabalho. Este momento não era apenas uma apresentação, mas um marco, um registro íntimo do Vibrasom no evento, repleto de novas nuances e subjetividades.

A curiosidade permeou o ambiente de sussurros entre as fileiras que compunham aquele espaço. Os professores, em conversas baixas, comentavam sobre minha coragem de levar um trabalho tão inusitado para aquele campo. Lembrando mais uma vez que não pela sua invenção, pois esse objeto já existia, não fui eu que inventei, mas pela utilização. Acreditavam ser ousada a mistura entre

arte e ciência. Suas palavras, carregadas de respeito e surpresa, alimentaram minha confiança, e cada olhar silencioso se tornava um impulso para seguir em frente.

O ambiente pulsava com uma energia quase palpável, como se as paredes sussurrassem de encorajamento e os participantes respirassem em uníssono com a minha narrativa. Cada palavra e cada demonstração eram tecidas com cuidado, formando um tapete de possibilidades que se desenrolava diante de mim. Assim, mergulhei na magia daquele instante, onde o presente e o futuro me mostravam um campo de possibilidades, inovação e descoberta.

A essa altura, eu já estava tão feliz e realizada com os acontecimentos que permitiram a inserção do meu projeto que comprehendi de forma clara sua relação direta com a transdisciplinaridade. Percebi que essa abordagem transdisciplinar pode permitir a constituição de uma nova inteligência, que é capaz de apreender os objetos em suas interconexões e de buscar a verdade dos fenômenos a partir de um ponto de vista integrador (Morin, 2001, p. 45).

Edgar Morin, em sua obra "Seven Complex Lessons in Education for the Future" (2001), aborda a transdisciplinaridade como uma forma essencial de pensar e compreender o mundo. Morin propõe que a educação deve ir além das disciplinas tradicionais, buscando integrar conhecimentos e promover uma visão holística da realidade. Ele enfatiza a importância de entender a complexidade dos fenômenos e as interconexões entre diferentes áreas do saber.

A transdisciplinaridade não é um método, mas uma atitude diante da realidade; ela reconhece a necessidade de ir além dos limites de cada disciplina para apreender a complexidade do mundo. Esse enfoque exige uma reorganização do saber que permita integrar e articular conhecimentos provenientes de diferentes campos, promovendo uma compreensão mais rica e profunda dos fenômenos. (Morin, 2001, p. 52)

Morin argumenta que a transdisciplinaridade é crucial para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, pois permite uma compreensão mais profunda e integrada da realidade. Ele sugere que a educação deve ser reestruturada através dessa abordagem, que não apenas transmite conhecimentos fragmentados, mas que também desenvolve a capacidade de pensar de maneira complexa e interligada.

Na imagem a seguir apresento um registro da apresentação no evento, lá estava eu novamente com o Vibrasom em um novo espaço, acompanhado de suas subjetividades:

Figura 25- VII Mostra Acadêmica: Criatividade Brasileira na Ciênci



Fonte: Autores

O que posteriormente foi fundamental para eu conseguir realizar meu trabalho durante a Vivência na Universidade Federal da Paraíba.

4.3 Estágio Docente na Psicologia (UFPEL)

"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.(...) Os homens, ao aprenderem, aprendem não apenas a 'repetir' as palavras, mas a pronunciar o mundo, a dizer a sua palavra, a mudar o mundo."³⁸ (FREIRE, 1987, p. 78)

A passagem do meu estágio docente em Artes, na Psicologia também foi algo que considero como uma ocupação ousada neste percurso de entrelaçamento de áreas e saberes, outro espaço audacioso perante este projeto predominantemente da área das artes, mas que acabou recebendo acolhimento de

³⁸ O livro “*Pedagogia do Oprimido*”(1987) tornou-se um dos pilares do movimento educacional crítico e é amplamente influente em diversas áreas além da educação, incluindo psicologia e sociologia’

tantos multiprofissionais.

As artes, em suas diversas formas, como pintura, escultura, música, dança e teatro, têm sido reconhecidas como poderosas aliadas na reabilitação de pacientes psiquiátricos. Aqui gostaria de lembrar mais uma vez que o objeto Vibrasom foi trazido primeiramente até mim, numa tentativa de elucidar uma crise de descontrole de um paciente, pelo viés da saúde (ou assim eu conseguia compreender) e no contexto de um Centro de Atenção Psicossocial.

A arte foi onde encontrei meios de promover a expressão criativa e emocional, o que facilitou aos indivíduos externalizar seus sentimentos e experiências de maneira não verbal em um primeiro momento. A interação com processos artísticos é particularmente significativo em ambientes de saúde mental, onde a comunicação verbal pode ser desafiadora ou limitada.

Além disso, a prática artística pode facilitar a construção de um senso de identidade e autoestima, e dentro deste pensamento acreditava que funcionaria não só para os pacientes em espaços de saúde, mas serviria para todos que entrassem em contato com a prática artística.

Havia em mim o desejo de compartilhar, pois quando estava na posição de graduanda em Psicologia, senti muita falta da arte inserida na saúde de forma mais ostensiva, mesmo que algumas vezes transpassasse por algumas disciplinas.

Penso que através do pensamento artístico, ou através da arte, podemos encontrar um espaço de liberdade, subjetividade e autonomia, onde nossas vozes criam ouvidos e adquirem valorização.

Essa sempre foi a minha compreensão da colaboração da arte dentro da Reforma Psiquiátrica, um marco para nós Psicólogos.

O Estágio docente ocorreu durante o semestre 2023/1, nos meses de junho a setembro, no formato presencial no prédio da FAMED, como disciplina optativa, com o título de “Práticas Complementares em Psicologia”. Essa experiência em sala de aula foi anterior ao Estágio de Vivência da Universidade Federal da Paraíba e o que ajudou-me a compreender a forma de comunicar o projeto posteriormente.

Com base neste desejo antigo de visualizar as artes com mais ênfase no curso, propus ao curso de Psicologia, orientada e coordenada pela Professora Maria Teresa Nogueira que concordou com muita alegria e de forma quase que instantânea, uma disciplina relacionada a um plano de ensino já pré-existente, que pudesse aproximar os alunos do tema de maneira expositiva, geral e específica, um

espaço transdisciplinar.

A proposta de uma bibliografia mista entre as áreas era auxiliar para que os alunos pudesse montar suas próprias conclusões, suas percepções e subjetivações a partir de pesquisas bibliográficas e iconográficas distintas, na obtenção de referenciais e desenvolvimento de pesquisas próprias complementando as aulas com atividades, exercícios práticos individuais, coletivos, onde o Vibrasom encaixaria-se em uma aula através de suas imagens relacionais.

A proposição das aulas foi organizada para uma disciplina de 4 créditos, ministrada uma vez na semana, através de materiais didáticos e exercícios práticos a partir de critérios fornecidos pela professora responsável pela disciplina.

O objetivo principal da oferta da disciplina foi apresentar em formato expositivo geral e específico aos alunos do curso de Bacharel em Psicologia as Práticas Integrativas e Complementares, principalmente as 29 práticas validadas no Sistema Único de Saúde (SUS), vistas como uma nova perspectiva entre os campos específicos da saúde, educação e arte, com ênfase nas que mais aproximam-se de abordagens entre as artes e a psicologia.

As aulas utilizaram-se de materiais didáticos de revisão bibliográfica, assim como folders sobre o tema, cartilhas, vídeos, slides, músicas, técnicas de algumas

PICs escolhidas, sendo desenvolvida a apresentação de referenciais teóricos e práticos a partir das realizações e interesses, provocados pelos temas propostos. Ainda como materiais físicos utilizou-se notebook, projetor, instrumentos musicais, materiais de utilização de algumas PICS (sementes, agulhas e ervas).

Em uma das aulas, apresentei meu projeto de mestrado e disse aos alunos o quanto ele, na minha forma de compreender o mundo, estava ligado às artes e à Reforma Psiquiátrica. Apresentei-lhes o dispositivo, um objeto, que ao ser utilizado, emite luzes coloridas em resposta às vocalizações. Esse dispositivo não era apenas um adorno tecnológico, mas um catalisador para a reflexão sobre a percepção e a interatividade na produção de subjetivação.

A aula, já rica em referências bibliográficas e teóricas, materiais físicos como notebooks, projetores, instrumentos musicais, e elementos das Práticas Integrativas e Complementares³⁹ (PICs), ganhou uma nova dimensão com a introdução desse

³⁹ No Brasil, as PICs foram formalmente incorporadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) pela Política Nacional de PIC's (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. Posteriormente, a ampliação das práticas foi consolidada pela Portaria nº 849, de 27 de março de 2017, e pela Portaria

objeto, no dia da apresentação em questão.

Assim que o dispositivo foi ativado, a sala se encheu de luzes, formando imagens que pulsavam ao ritmo das vozes dos alunos. Cada figura dava a impressão de carregar uma emoção, uma ideia ou uma vibração diferente. Os alunos, curiosos começaram a comentar, deixei-os falar e fiquei apenas observando:

Aluno 1: "É como se o objeto estivesse respondendo ao que falamos através das imagens que formam, como se transformasse o que falamos em imagens."

Aluno 2: "Acho que as figuras têm algo a ver com o que sentimos quando falamos. Quando eu estava mais animado, percebi que a luz ficou mais intensa."

Aluno 1: "Interessante observar como esse objeto nos faz refletir sobre a relação entre linguagem, percepção e espaço. Ele parece ilustrar o que Merleau-Ponty descreve sobre a fenomenologia da percepção, onde o corpo não é apenas um receptor passivo de estímulos, mas um participante ativo na construção da experiência."

Naquele momento a discussão em sala de aula se aprofundou e começamos a relacionar a experiência com o objeto à teoria fenomenológica de Maurice

Merleau-Ponty. Para a fenomenologia deste autor, a percepção não é apenas um processo mecânico de recepção de informações sensoriais, mas um ato de significação, onde o corpo e o mundo se encontram em um diálogo constante.

Segundo o autor, quando falamos e vemos as luzes responderem, não estamos apenas observando um fenômeno físico. Estamos participando de uma experiência que transcende o mero estímulo-resposta. O objeto trouxe à classe a percepção de como o corpo, a fala e a luz se entrelaçam em um processo contínuo de criação de significado, através de imagens visuais.

Aluno 3: "É como se o objeto estivesse nos mostrando que a percepção é uma criação conjunta entre nós e nossa interação com o ambiente. Não existe uma separação clara entre o que é interno e o que é externo."

Aluno 4: "Acho que isso também nos faz pensar sobre como os materiais que usamos na aula – os instrumentos musicais, as sementes, as ervas – todos eles têm uma presença que vai além do físico. Eles interagem conosco, mudam a forma como percebemos e experienciamos o mundo."

A apresentação do dispositivo luminoso Vibrasom na aula serviu como uma ferramenta didática inovadora para aqueles alunos que puderam problematizar várias questões pessoais, o que me auxiliou para também pensar sobre o projeto do mestrado como um todo. colaborando como um ponto de partida às minhas reflexões sobre a natureza da percepção e a interatividade na educação.

Quando os alunos participaram do exercício, o desafio era criar o imaginário de transformar algo tão intangível quanto a voz em algo visível, palpável. A voz, geralmente associada ao som, ganhou uma nova dimensão através das luzes emitidas pelo dispositivo. Esse processo de visualização da voz revela uma faceta da percepção onde os limites entre os sentidos se tornam mais fluidos. A voz, carregada de emoção e significado, não se limita mais ao ouvido, mas expande-se para ser percebida também pelos olhos.

Este exercício nos força a reconsiderar como os sentidos interagem entre si. A fenomenologia, a meu ver especialmente nas ideias de Merleau-Ponty, sugere que a percepção é sempre um ato multissensorial, onde o corpo inteiro está envolvido na experiência do mundo. Ao visualizar a voz, estamos rompendo com a separação tradicional dos sentidos e nos aproximando de uma percepção mais integrada. Esta integração ressalta a importância de uma abordagem transdisciplinar na educação, onde diferentes áreas do conhecimento se entrelaçam para formar uma compreensão mais rica da realidade.

Pensar na voz como imagem foi, um exercício de significação. As luzes que se acendem ao som das vozes não foram apenas representações visuais do som, mas também metáforas visuais para os sentimentos, intenções e significados que a voz carrega.

Este processo de criar imagens a partir da voz pôde ser visto como um ato de tradução, onde o invisível foi transformado em algo visível, segundo o relato dos alunos.

A criação de imagens permitiu que os participantes explorassem as camadas de significado que a voz pôde carregar – desde o tom e o ritmo, até as emoções e as intenções subjacentes. Este exercício de visualização tornou-se, assim, um meio para entender melhor a complexidade da comunicação humana e como diferentes formas de expressão se entrelaçam para criar significados mais profundos.

Foi feita a análise dos exercícios e colocação de novas proposições a partir dos trabalhos práticos debatidos em aula, através do relatos dos alunos.

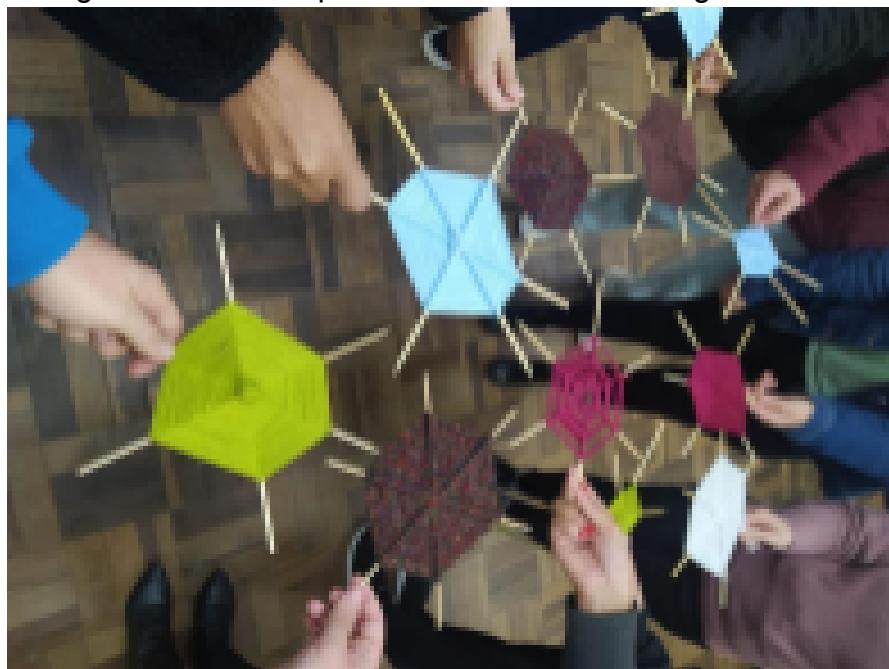
Ao final da disciplina, foi pedido aos alunos que respondessem um questionário dissertativo, aberto, com perguntas sobre a aprendizagem, importância e contribuições das PIC's para a aprendizagem pessoal e também na grade curricular do curso de Psicologia.

Pude observar, enquanto pesquisadora e estagiária da docência na graduação em Psicologia, que existe uma necessidade de que sejam criados mais espaços onde os alunos possam protagonizar as suas próprias histórias, assim como suas singularidades vividas no dia a dia, pois a disciplina se propôs a existir também quanto um espaço de acolhimento. Este desejo se manifestou tanto nos alunos quanto em mim, como ex-aluna e estagiária.

Tal questão foi mencionada não apenas nas respostas dos alunos nos trabalhos quanto expostas de forma verbal durante o curso, sobre a necessidade de mais aulas práticas, sejam elas de abordagens clássicas do currículo ou não.

Em todas as aulas eram proporcionados momentos para que os alunos pudessem elaborar as suas demandas, através da metodologia apresentada, sendo que o autocuidado foi o principal tema e objetivo apresentado, fosse vinculado às técnicas relacionadas às artes, saúde ou educação.

Figura 26- Arteterapia desenvolvida com colegas/alunos



Fonte: Autores

No campo da educação, especialmente em disciplinas que envolvem a arte e a psicologia, este tipo de exercício pode ser significativo. Ele não apenas estimula a

criatividade dos alunos, mas também os encoraja a pensar de forma crítica sobre como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. A prática de visualizar a voz pode ser aplicada em diferentes contextos, desde a criação de obras de arte até o desenvolvimento de terapias que utilizam a expressão vocal.

Seria interessante que os campos da arte e da saúde pudessem cada vez mais avançar de forma colaborativa, especialmente no contexto educacional, sendo fundamental que práticas como esta do estágio entre áreas diversas sejam incorporadas ao currículo, beneficiando não apenas a formação dos alunos universitários, mas também a construção de uma universidade diversa e sensível das diferenças ao seu redor.

Em última análise, o exercício de pensar na voz de forma visual pode colaborar de alguma maneira para problematizar nossa capacidade de perceber. Essa temática vem atrelada ao desafio de ultrapassar as fronteiras tradicionais entre os sentidos e explorar outras formas de experienciar proposições audiovisuais.

Ao fazer isso, abrimos espaço para compreender novos conceitos, ou trazer à tona velhos conceitos que discutam um processo perceptivo integrado de uma nova forma, onde a voz, a luz, o som e a imagem consigam fundir-se em um só sentir sobre a subjetividade da comunicação, proporcionando outras possibilidades de entendimento e expressão.

Nesse sentido a abordagem transdisciplinar pode não apenas colaborar com os horizontes acadêmicos, mas também auxiliar no suporte dos alunos para enfrentar os desafios complexos da sociedade contemporânea, onde a interconexão entre diferentes áreas do conhecimento é cada vez mais exigida.

CAPÍTULO 5

OUVI E VIM VER, OU VI E VIVER

5.1 O Despertar na Praia da Penha

Já haviam se passado dois meses e já estávamos na reta final da Vivência na UFPB, quase na conclusão desta caminhada permeada por diálogos e imagens que desencadearam discursos afetivos através do objeto agora já cotidiano, o Vibrasom.

Figura 27- Mergulho realizado na Praia do Seixas



Fonte: Autores

Ainda conversando com alguns moradores da praia, tentando saber mais sobre o que eles compreendiam sobre a visualidade do som e formar figuras com vocalizações, mostrando meu objeto aos moradores locais. Vendo o quanto eles achavam aquela história estranha, alguns até mesmo riam quando eu falava, mas quando eu mostrava o objeto e as figuras que ele proporciona, eles sempre apresentavam uma expressão reflexiva e verbalizavam alguma história sobre como viam o mundo⁴⁰.

Dessa maneira uma bela tarde conheci seu Zé do Mar, lobo marinho daquela praia, respeitado por todos, cercado de muitas pessoas que o amavam e sobretudo um ser incansavelmente gentil. Meu filho Bento ficou encantado de imediato por conhecer uma pessoa tão legal e importante. Logo ficaram muito

⁴⁰ Esse diálogo foi inspirado em diversas conversas com moradores da Praia da Penha, onde pude acompanhar a luta das famílias tradicionais de pescadores na conquista de permanecerem no local em que habitam há pelo menos 40 anos através da Lei 11.231 publicada no DOE (Diário Oficial do Estado da Paraíba)
Link de Acesso:
<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/comunidade-tradicional-de-pescadores-conquista-direito-de-morar-em-praia-na-pariba/659159905>

amigos e o pequeno foi convidado para fazer uma aventura de pesca em uma jangada em alto-mar.

Fiquei paralisada na hora, mas logo pensei que essa era uma forma gigante de ver o mundo aos 7 anos de idade, lá fomos nós, mar adentro, aos cuidados de seu Zé, confiando que estávamos nas mãos mais cuidadosas que poderiam existir ali naquele território.

Nesse lugar maravilhoso e simples, onde o sol nasce de uma forma intensa e vibrante, as ondas e as palmeiras dançam ao ritmo da brisa do mar, vive dentre tantos que ali estão um homem conhecido como Zé do Mar, um pescador de 65 anos, que tem uma relação tão particular de ver a vida e de expressar sua forma de perceber o mundo, especialmente sua relação com o oceano e suas particularidades.

Segundo ele, desde criança, acompanhava o pai nas pescarias, e a vida no mar moldou seu espírito (essa é uma palavra muito presente em todos os relatos e histórias que encontram-se aqui). Relatou-me que sentia ter virado, com o tempo, parte do mar, conhecendo seus segredos, ritmos e criaturas.

Figura 28- Praia da Penha em janeiro de 2024



Fonte: Autores

Seu barco, antigo, mas confiável, era sua casa flutuante, onde passava horas em busca dos peixes que garantiam seu sustento, barco esse que meu pequeno ficou maravilhado e que por muito tempo só falava em como era incrível a vida do “tio Zé”.

Figura 29- Praia da Penha, dezembro de 2023



Fonte: Autores

Contei-lhe que fazia parte do projeto de Vivência da UFPB, ele ouviu com atenção e os olhos cheios de curiosidade.

Estava ali para conversar sobre meu projeto e mostrar-lhe um aparelho que havia me acompanhado e que através dele era possível observar vocalizações sob a ótica de luzes que eram projetadas, perguntei o que ele achava sobre isso e mostrei-lhe o objeto.

Ele pegou o aparelho em suas mãos calejadas, virando-o de um lado para o outro, tentando entender como algo tão pequeno poderia capturar e mostrar vozes de uma forma visual. Os olhos dele brilhavam com uma mistura de admiração e ceticismo.

Depois de alguns instantes, ele olhou para mim e disse, com a voz grave e cheia de sabedoria:

- É impressionante o que a ciência consegue fazer. Eu sempre acreditei que o mar falava, que tinha suas histórias e segredos. E pensar que isso consegue transformar vozes em luz... isso me lembra uma história, me faz pensar que estamos chegando cada vez mais perto de entender o que o mar tem a nos

dizer.

Não estava entendendo muito bem sobre o que ele estava falando, mas segui escutando de forma atenta para ver o que aquilo tudo estava fazendo eclodir em seus pensamentos através das luzes que estava projetando com o objeto acoplado à cabeça, e ele prosseguia observando as luzes e relatando suas percepções naquele momento, através de uma memória afetiva, uma história que havia acompanhado por muito tempo.

- Eu vi com meus próprios olhos os golfinhos conversando, e agora que estou aqui vendo essas luzes através da minha voz... nunca pensei que pudesse ver as palavras de outra forma, com luzes. Eu acho que isso pode ajudar muita gente a entender o que eu sempre senti. Mas, mesmo com toda essa tecnologia, nunca se esqueça de sentir o mar, de ouvir o que ele tem a dizer sem aparelhos, porque é no silêncio, na calma das águas, que o verdadeiro entendimento acontece. O aparelho é incrível, mas o coração e a alma ainda são os melhores instrumentos para escutar o oceano.

Seu Zé devolveu o Vibrasom, com um leve sorriso, e continuou:

- Vocês têm muito o que descobrir, mas lembre-se de que o mar é mais do que podemos ver ou ouvir. Ele vive, respira, e é através dessa conexão que a verdadeira comunicação acontece. Eu vejo isso nas ondas, nas marés, nos golfinhos... E agora, você têm a chance de ver também, de uma nova forma. Porém, não perca de vista o velho jeito de sentir.

Retomei a conversa perguntando sobre a história que havia citado de ter visto uma conversa entre os golfinhos e ele continuou:

- Certa manhã, quando o sol ainda não havia rompido o horizonte, como todos os dias começam ainda na madrugada por aqui, decidi mergulhar em uma área conhecida por ser frequentada por golfinhos. Eu sempre tive um fascínio especial por esses animais, admirando sua inteligência e agilidade. Enquanto descia lentamente pelas águas, algo incomum chamou minha atenção, percebi que a água ao meu redor começou a vibrar de um jeito estranho. Não era apenas o som das ondas ou o movimento dos cardumes, era algo diferente, coordenado.

Prosseguindo com o relato, naquele momento houve um silêncio contemplativo, como se ele quisesse ir até o momento da história em que narrava de forma física, ele inclinou o corpo como se pudesse pegar o que estava me

contando. Foi um momento emocionante, pois tive a impressão delirante de poder ver, juntamente com Seu Zé o que estava sendo descrito.

Então ele continuou:

Figura 30- Figura ilustrativa, golfinhos manipulando bolha de ar



Fonte: Autores

- Vi dois golfinhos nadando juntos, em perfeita harmonia. A cada movimento, a água ao redor deles ondulava de maneira específica, criando padrões que saiam do ar que soltavam e desfaziam-se na superfície. Era como se os golfinhos estivessem conversando através das ondas que geravam. As oscilações na água pareciam responder umas às outras, criando uma dança visual de comunicação.

Seu Zé, com sua sabedoria adquirida ao longo de décadas no mar, percebeu que estava testemunhando algo extraordinário: a comunicação dos golfinhos, não apenas pelos sons que emitiam, mas pela maneira como seus movimentos moldavam a água ao redor.

O pescador, maravilhado, tentou seguir o padrão das ondulações e entender o que os golfinhos "diziam". As ondas pareciam contar histórias, talvez sobre o cardume que avistaram, ou sobre a passagem de um barco distante. Para Seu Zé, aquilo foi uma revelação. Ele sempre soube que o mar tinha sua própria

linguagem, mas ali, naquele momento, ele viu a água se tornando voz, as ondas se transformando em palavras e eu emocionada por poder partilhar daquela experiência e de ter podido evocar aquela lembrança através do meu objeto Vibrasom.

E ainda acrescentou ao seu discurso para finalizar nossa conversa:

- Quando finalmente voltei à superfície e subi em meu barco, senti que minha conexão com o oceano havia se aprofundado, fiquei horas pensando que o mar tinha formas de se comunicar que iam além dos sons ou das marés, que a vida nele pulsava de maneiras que os olhos comuns talvez não vissem. Mas eu, um homem do mar, com décadas de vivência, fui capaz de perceber e entender.

Depois dessa experiência com os golfinhos e agora com seu objeto Vibrasom, posso observar mais atentamente a comunicação que nós e os animais estabelecemos de maneira visual. Disse ainda que cada vez que via os golfinhos ao longe, lembrava-se daquele mergulho especial, e que agora, quando alguém perguntava o que ele havia aprendido em tantos anos no mar, ele responderia, com um sorriso sábio: "O mar fala. E, se você souber olhar, ele mostra o que diz"

5.2 O Quilombo e a Cidade do Conde

"A arte é o lugar onde se dá a chance de se ver o invisível, o que está oculto." (EVARISTO, 2017, p. 29)

Despedi-me da Praia da Penha, rumo à finalização da minha estadia na Paraíba, mas nosso ponto final desta expedição, que nos havia mostrado tanto, era a cidade do Conde. E chegava a hora de finalizarmos essa pesquisa.

Nossa anfitriã seria uma amiga já conhecida por mim de outros eventos, uma figura feminina forte no meio nordestino, o qual conheci e comecei a me aprofundar em sua pesquisa desde a pandemia, quando fiz o Curso de Terapias Holísticas da Universidade Federal da Paraíba, promovido pela Coordenação de Educação Popular - COEP, em 2021/2022.

Havia enviado algumas mensagens para saber que dia poderíamos ir, se ela já nos aguardava, mas fiquei um tempo sem resposta. O professor Falcão dizia

que estava tudo certo, mas como não nos passou data e hora, permanecia ansiosa, tentando comunicação. Senti que talvez ela estivesse com muitas atribulações ou pudesse pensar que a nossa ida fosse trazer um pouco de dificuldades, pois é importante lembrar que estaríamos eu e meu companheiro de jornada, meu filho.

Enquanto esperava seu retorno tentava compreender e conhecer mais sobre este novo espaço que tanto aguardávamos.

O Quilombo da cidade do Conde na Paraíba era um símbolo de resistência e preservação cultural. Situado na região metropolitana de João Pessoa, este quilombo representa a luta histórica das comunidades quilombolas por terra, identidade e direitos. O Conde é um lugar onde a herança africana é mantida viva através das tradições, dos saberes ancestrais e das práticas culturais que atravessaram gerações.

Os quilombolas do Conde, como em muitas outras comunidades, têm uma relação profunda com a terra, que vai além do cultivo. A terra é o lugar da memória, da espiritualidade e da conexão com os antepassados, e isso foi determinante para compreender a forma de ver o mundo e estabelecer uma possível conexão com o projeto.

Na cidade do Conde, na Paraíba, existem nove comunidades quilombolas

reconhecidas oficialmente. Essas comunidades são conhecidas por preservar a cultura afro-brasileira e por sua luta contínua por direitos territoriais e sociais, têm uma história rica de resistência e preservação das tradições, sendo fundamentais para a identidade cultural da região.

Essas comunidades incluem, entre outras, os quilombos de Ipiranga, Gurugi, Mituaçu, e outros que fazem parte do território coletivo que se estende por áreas rurais do município, espaços marcados por práticas que promovem a autonomia, como o uso de plantas medicinais, a produção de artesanato, e a celebração de festas e rituais que fortalecem o sentimento de comunidade.

No Quilombo do Conde a arte não é apenas uma forma de expressão, mas um instrumento de resistência e fortalecimento da identidade. As manifestações culturais, como o maracatu, a capoeira, e as rodas de samba, são momentos em que a comunidade celebra sua história e reafirma seu lugar no mundo, em um contínuo movimento de resistência e criação. (EVARISTO, 2017)

Falando deste lugar de uma forma poética, é um lugar onde o tempo dança ao som dos tambores ancestrais, onde a terra guarda histórias de resistência e liberdade. Ali, entre colinas e ventos que sussurram segredos antigos, o espírito dos antepassados ainda vive, tecendo um elo invisível entre o passado e o presente.

As mãos que hoje plantam e colhem são as mesmas que, há gerações, lutaram por um pedaço de terra, por dignidade, por vida.

As casas de barro e palha, humildes e firmes, são fortalezas erguidas com suor e esperança, cada tijolo um símbolo da força de um povo que não se curva. No quilombo, a cultura floresce em cores vibrantes, em cantos que reverberam na noite silenciosa, em danças que fazem a terra pulsar.

Na arte os quilombolas encontram não apenas um meio de expressão, mas uma forma de resistir, de contar suas histórias e manter viva a chama de sua ancestralidade.

Assim, o Quilombo da cidade do Conde não é apenas um território físico, mas um espaço de resistência cultural, um lugar onde a arte e a vida se entrelaçam, criando uma teia de histórias e significados que continuam a inspirar e a nutrir aqueles que lá vivem. É uma lembrança viva de que, mesmo em meio às adversidades, a cultura e a identidade são forças inquebrantáveis, moldadas e fortalecidas pela história e pela arte. E lá fomos nós rumo a última aventura antes de retornarmos à Universidade Federal de Pelotas.

5.2 O olhar de Maria José Pedro

Meu nome é Maria José⁴¹, sou Agente Comunitária de Saúde, moro aqui na região Nordeste, exatamente no Estado da Paraíba, cidade do Conde, litoral sul do Estado da Paraíba. Hoje estou com quase 57 anos, 56 anos, quase 57, faço daqui há 30 dias, sou Agente Comunitária de Saúde há 25 anos. Trabalho numa micro área bem grande, comecei a trabalhar na saúde no ano de 1998, aqui nessa terra, sou mulher, sou mãe solteira ou mãe solo como muitos dizem. Tenho

⁴¹ A fala de Maria José Pedro foi cedida gentilmente pela mesma, trata-se de uma transcrição, pois achei importante para que o leitor pudesse aproximar-se ao máximo de sua forma de comunicação, mas principalmente do afeto e do carinho com que fomos tratados durante nosso tempo de permanência na Cidade do Conde por ela e sua família. À Lyvia Nanda (sua filha) e Maria Pedro toda minha gratidão.

duas filhas uma de 30 anos, bacharel em direito, outra de 24, enfermeira com formação universitária e eu tenho hoje o nível técnico de Agente Comunitário de Saúde.

Sou mulher, sou preta, batalho pela vida né, quem foram meus ancestrais? Sou bisneta de indígenas com alemães e sou filha de negros com descendentes de holandeses, tem toda uma mistura de raças. Então sou descendente de indígenas e quilombolas também e com essa mistura toda de antepassados e ancestralidades me transformo em mameluco ou cabocla, como se chama aqui na região do nordeste.

No meu trabalho, amo o que faço, certo, já há 25 anos, gosto de me dedicar, dar o meu melhor... acho que essa sou eu... guerreira, batalhadora.

Figura 31- Maria José, Município do Conde/PB



Fonte: Autores

Há 5 anos conheci um professor da Universidade, onde toda minha ancestralidade, desde pequena, minhas visões, meu querer e gostar de lidar com as folhas e com as ervas, o meu gostar de benzer, alguns dons dados por Deus que eu nunca tinha dado prosseguimento por medo do preconceito, porque mulher, mãe solteira, negra e além de tudo espírita, então hoje eu aprendi a crescer e não ter medo, aprendi a enfrentar os tabus e os preconceitos da vida.

Como espírita, tenho algumas práticas que no meu entender e pra quem é leigo diz que é umbanda, candomblé, o povo mistura muito. Pra mim é um dom dado por Deus, algumas práticas, não me digo terapeuta holística porque eu não tenho curso superior, eu faço aquilo que Deus me permite, que é enxergar um pouco a alma das pessoas, a aura, fazer uma troca de energias, que eu chamo de imposição de mãos e ver quem está ali, os ancestrais das pessoas, ver um pouco do passado e um pouco do futuro, e poder ajudar de alguma forma, então essa é a Maria José. Me sinto bem no que eu faço.

Produzo aqui algumas terapias, práticas também, que é alcoolatura, que se chama “Acalma Vida”, uma medicação para ansiedade, depressão, insônia, e alguns outros fatores do sistema nervoso. Junto com essa medicação, vamos dizer assim, também faço a leitura da alma e às vezes é acalmar o coração, e pra mim umas das melhores terapias é a troca de energia através dos batimentos cardíacos...

Essa é a Maria José, agente comunitária de saúde, residente na cidade de Conde e ama o que faz, ama a vida, gosta de viver, fazer amigos, de passear, de conhecer outros lugares e principalmente se for pra gente trocar essas energias... amar mais, eu acho que é isso, eu adoro amar as pessoas e ser amada, é a melhor coisa do mundo, entender que existe um ser superior chamado Deus e que nada é por acaso e tudo tem que acontecer naquele exato momento.

A gente... também me envolvo muito aqui, tenho um envolvimento muito grande na Secretaria Municipal de Saúde, certo? Hoje estou no segundo mandato no Conselho Municipal de Saúde de Conde, segundo mandato como presidente,

estou no Conselho Municipal desde o ano de 2003, 2013 entrei como titular, antes eu era suplente e hoje eu estou no segundo mandato como presidente, é... O meu primeiro mandato tinha uma enfermeira que era presidente e ela abandonou, e pro Conselho não acabar eu assumi. Logo depois teve uma eleição e aí sim fui eleita presidente e estou no segundo mandato, tentando fazer o melhor, ajudar, cooperar pra que o dinheiro público seja usado adequadamente. Que o Sistema Único de Saúde seja praticado de forma correta, da forma que preconiza, que o Sistema Único de Saúde abrace mais atividades, mais práticas. E uma das minhas lutas aqui são as Práticas Integrativas e Complementares. Para que sejam implantadas dentro da Atenção Primária em Saúde, para que a gente

possa evoluir...fisicamente e espiritualmente, pois acredito que somos espíritos reencarnados né...então, eu estou envolvida nisso também da Secretaria. Me envolvo um pouco na política partidária, mas diante do meu conceito religioso eu não me aprofundo muito para que eu me mantenha dentro do meu conceito e da minha meta, e minha missão de vida.

Há pouco tempo eu conheci uma pessoa, um serzinho de luz, iluminado, um ser que no primeiro momento que eu vi achei que já conhecia há muitos anos, tinha um elo, alguma coisa entre nós. E se chamava Luana, que por sinal o mesmo nome da minha filha... um ser iluminado, um ser divino, um ser de Deus, que diante de toda a sua realidade, conheci ela num encontro holístico, onde ela também estava fazendo alguns experimentos, junto com ela tinha um anjo abençoado, o filho que ficou na minha história, marcou a minha vida, marcou a vida das minhas filhas. E mesmo distante a gente ainda tem um carinho muito grande, um respeito, uma preocupação, não tiro de minhas orações, não tiro nem ela, nem o filhinho dela, das minhas orações. Minha filha que a conheceu também se identificou muito, foi e é uma amiga, uma parceira, companheira, que mesmo a gente se conhecendo tão pouco, sinto como se nos conhecêssemos muito...Pra mim o que posso dizer de Luana, vejo-a como uma estrela que fugiu do céu e parou na minha casa, na minha humilde residência, sem nenhum... desprovida de tudo que foi vaidade, preconceito... veio iluminada, pra não falar muito, pra mim... foi uma flecha de luz mandada por São Miguel que caiu dentro da minha casa, caiu no meu coração, fez um trabalho lindo na minha Unidade de Saúde, fez um trabalho de musicoterapia com todos... com pacientes, meus colegas de trabalho e que pena que foi pouco tempo Luana, porque até hoje todo mundo pergunta quando você vem de novo, porque foi algo que fez bem para todos, quem estava presente gostou, se sentiu bem, comentou e outras pessoas procurou.

Figura 32- Musicoterapia na UBS do Conde-PB



Fonte: Autores

Pra mim, Luana estuda pra botar no papel o dom que Deus deu pra ela... (pausa longa, quando eu já estava em prantos ouvindo toda a fala de Maria Pedro sobre mim e essa trajetória, nesse lugar tão mágico), Maria segurando-me dos braços como quem passa através das mãos força ancestral para que eu possa seguir acreditando em todo esse sonho improvável, diz olhando para os meus olhos:

- Você é iluminada em todos os sentidos... pra mim. Eu acho que o meu amor e o meu carinho, a consideração o respeito é tão grande que...amor e luz, anjo é o que você foi, que entrou na minha vida. Então essa pra mim é Luana, um anjo que veio do céu iluminado, veio do universo a mando de Deus e de São Miguel e entrou na minha vida e da minha filha...entrou na minha casa. Então essa é a Luana Soares para mim.

- Maria, é muito importante para mim, para o projeto saber quem é você, seu contexto, suas condições de vida e tudo que pude aprender sobre esse pedaço de chão que é a cidade do Conde e todas as suas particularidades. Sou imensamente grata pelo tempo que pude aprender com vocês e receber esse

carinho imenso, e sobre a experiência com o Vibrasom, como foi pra você visualizar as imagens produzidas durante a nossa conversa?

- Além de tudo você veio tentando fazer um experimento de uma ideia, algo que você quer dividir com as pessoas, e assim, eu me prontifiquei e estou disposta, eu Maria José participei, onde eu pude através de algo que você proporcionou poder sentir... como é que eu vou dizer, o som da minha voz. Como que minha voz pode refletir nos objetos, nas pessoas, até onde minha voz poderia ir... Até mesmo de eu poder sentir se eu estava falando alto, baixo, se estava forte, se estava fraco, o que que minha voz estava transmitindo pra pessoas.

E ainda acrescentou:

- Foi um experimento inovador pra mim, de eu poder ver aquilo, ver como que estava se refletindo o meu tom de voz. O que quer dizer a minha voz, como outras pessoas poderiam enxergar ou sentir a minha voz, porque a minha fala, porque às vezes a gente fala de uma forma e as pessoas entendem de outra. E quando neste experimento eu pude ver até onde eu poderia ir, se eu tinha que controlar, se eu tinha que melhorar, como que eu estava me expressando perante às pessoas, como elas estavam me escutando e o que minha voz queria dizer. Por alguns momentos eu senti que minha voz expressava o símbolo do infinito... ou seja, algo que eu falei ficou para sempre com alguém, eu acredito que com você Luana, no seu coração... Então foi muito bom, foi proveitoso, eu espero que você esteja dando prosseguimento a este trabalho, que outras pessoas participem, e que possam ter um entendimento, o mesmo que eu, Maria Pedro tive ou o seu próprio.

E finalizando depois de tanto carinho e particularidades que só Maria Pedro com seu jeito firme e doce tem, carregando toda a sua ancestralidade, de um jeito que sua imagem fala por ela própria, ainda finalizou sua fala que foi mais um bálsamo para tudo que acredito nessa vida e pude transferir a esse projeto, não só como artista, mas como pesquisadora, recebi esse presente e ouvi-a concluir:

- Lu, minha flor eu espero que sirva de alguma coisa, do meu jeitinho, desejo sucesso à sua pesquisa, um cheiro no teu coração. Que Deus, os anjos,

arcanjos e São Miguel te abençoem grandemente e que todos os Caboclos te guiem e te deem muita, muita sabedoria minha linda.

Nos despedidos, demos um longo abraço que para mim era muito mais que uma simples despedida; era a conclusão de uma fase intensa e transformadora de da vida, onde Maria Pedro havia sido uma mentora, uma guia espiritual e intelectual, alguém que através de um jeito tão simples, havia transmitido conhecimentos ímpares sua a sua forma de ver e compreender a comunicação, iam muito além do que os ensinamentos acadêmicos poderiam me dar.

Enquanto Maria Pedro falava, sua voz parecia carregar as vozes de todas as mulheres fortes que vieram antes dela, suas ancestrais que, de algum modo, também contribuíram para aquele projeto. A presença de Maria Pedro era mais do que física; era espiritual, bela, uma ligação com uma história rica e cheia de luta, resistência e sabedoria.

Eu podia sentir o peso e a profundidade dessas palavras enquanto Maria Pedro falava, cada palavra parecia carregada de bênçãos e proteção, como se ela estivesse sendo envolvida por uma energia antiga e poderosa. Não estava apenas desejando sucesso à minha pesquisa, ela estava abençoando o caminho que eu trilharia, infundindo nele a força e a sabedoria das mulheres que a precederam.

5.4 (IN) CONCLUSÕES DO PROCESSO DE OUVER

Levar para as pessoas esta série de experimentações a partir da visualidade do som através de vocalizações, trouxe-me diferentes tópicos de compreensão, tanto sobre a experiência em si e sobre como ela dialoga com as questões da arte, levando-me também a outros tantos questionamentos.

Ocupei espaços dos mais diversos para poder ter muitos pontos de vista sobre a utilização do vibrason e seus desdobramentos, assim como a compreensão sobre as questões e narrativas disparadas pelas imagens geradas por ele.

O objeto sendo o atravessador, ou disparador destas falas, fez com que pudesse perceber que todas as pessoas que trouxeram relatos sobre suas experiências particulares, tiveram uma relação em comum, que foram as ebullições de suas memórias afetivas subjetivas.

A eficácia do aparelho ficou perceptível, dentro do projeto, em aspectos como a

Iudicidade e o deslocamento de funcionalidade, permitindo que, mesmo antes de ser acionado para a criação de imagens, sua forma peculiar despertasse curiosidade e promovesse reflexividade entre os observadores. Dessa forma, o aparelho demonstrou ser mais uma ferramenta de provocação e estímulo criativo do que um mecanismo de precisão ou uniformidade na coleta de dados.

Considero um ponto que pode ter sido comum entre os participantes foi a sugestionabilidade, pois quando sugeria que a intensidade e a agressividade poderiam ser vistas através de vocalizações mais enérgicas, todos concordaram, bem como a fala tranquila e organizada poderia trazer figuras mais harmoniosas à utilização do Vibrasom.

O Vibrasom é um aparelho técnico do campo da física, que associa as áreas da óptica com a da acústica. O que há de arte ou artístico nele, ou em relação a ele? É a sua mera utilização? O que há de arte nele, é o espaço da subjetividade e do disparo de sensações e memórias que acontecem a partir dele, sendo este o aspecto de aproximação com a arte como experiência de John Dewey.

As narrativas geradas durante as conversas que ocorreram ao longo dessa caminhada puderam me mostrar que existe espaço para esse tipo de trabalho, onde a arte, a saúde e a educação encontram-se para proporcionar novas formas de problematizações e pesquisas que possam ser de alguma utilidade para a sociedade de maneira geral.

A integração entre arte, saúde e educação (principalmente a educação popular) representa um campo inovador e promissor para a criação de soluções multidisciplinares que podem enriquecer a sociedade. Ao conectar essas áreas, podemos explorar como cada uma delas pode informar e transformar as outras, promovendo novas formas de compreensão e intervenção.

A interseção desses campos pode gerar novas metodologias e práticas que não apenas abordam questões específicas de cada área, mas também criam soluções inovadoras e integradas. Essa abordagem interdisciplinar pode levar a descobertas e avanços que, de outra forma, poderiam não ser possíveis em um contexto mais restrito.

Por exemplo, em projetos educacionais que utilizam a arte para abordar questões de saúde, os alunos podem aprender sobre a importância do bem-estar emocional enquanto desenvolvem habilidades artísticas. Da mesma forma,

programas de saúde que incorporam elementos educacionais e artísticos podem criar experiências mais eficazes e impactantes para os participantes.

A colaboração entre arte, saúde e educação não apenas enriquece essas áreas individualmente, mas também tem o potencial de gerar benefícios significativos para a sociedade. Ao criar conexões e explorar novas formas de problematização e pesquisa, podemos desenvolver abordagens mais criativas e eficazes para enfrentar desafios sociais e promover o bem-estar coletivo.

Neste projeto, explorei a importância da narrativa ficcional como fio condutor da ambientação, que pra mim foi uma imersão transcendente a eventos cotidianos na qual o objeto projetor de luzes proporcionou movimentação para criar um universo lúdico e artístico, estimulante à imaginação e à criatividade, proporcionando uma experiência única e enriquecedora.

Esse escopo que se estabeleceu a partir do imaginário, caminhou ao meu lado durante o desenrolar do enredo desta história, deteve uma comunicação própria através de mim em um estado de existência único que pude pensar como um corpo vibrante que me acompanhou durante essa jornada, o qual observei e estabeleci uma escrita a partir da minha ação de criar e da interlocução de outros compositores que entraram em contato com o estudo.

Acredito que problematizar sobre um alcance maior dos sentidos através de uma proposição lúdica e artística, que pudesse ressignificar aquele momento de dor em que estava ainda recuperando-me da COVID-19, era o meu desejo quando comecei este estudo, porém nos dias atuais frente às fumaças tóxicas e chuvas ácidas ainda continuo com muitos dos questionamentos de outrora.

Hoje ainda me questiono sobre as minhas capacidades de ver, ouvir e falar, sobretudo cantar, pois minhas percepções mudaram e vem mudando a cada dia, o olhar e a escuta de quem tem podido trocar comigo através deste experimento tem me acrescentado muito e sobretudo trazido esperanças de sublimação e ressignificação ao encontro de espaços e objetos que nos possibilitem capacidades.

A pesquisa demonstrou uma larga potencialidade de promover discursos disparados a partir da utilização do Vibrasom e das vocalizações, imagens que se formam a partir deste uso, gerando narrativas reais e ficcionais que contextualizam essa experiência. O que me trouxe uma perspectiva e o desejo de continuar com essas experimentações, na tentativa de expandi-las para

outro estado, outros campos que não apenas da arte e da educação, sobretudo o campo da tecnologia e da educação popular.

Espero que essa viagem através da possibilidade de ver mais além, de ver o que está conectado com os sentidos de forma sutil, não tenha sido só minha, que eu tenha podido compartilhar de alguma maneira o que foi abrir caminhos através de um intercâmbio territorial de uma vivência única nordestina, onde tentei de alguma forma, passar na integralidade de quem entrou em contato com essa experiência. E agradeço sobretudo em quem acreditou no meu trabalho como estudante, como musicista, como ser humano e que estas elucubrações sobre visualidade do som possam continuar levantando novos questionamentos no meu caminho e de quem vier a entrar em contato com meu trabalho.

Referências

- BERMAN, Marshall. ***Tudo que é sólido desmancha no ar.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BORGES, Celso. ***Processos Criativos nas Artes: Um Estudo Sobre a Prática Artística Contemporânea.*** São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.
- CANDIDO, Antonio. ***A Personagem de Ficção.*** São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- CLARK, Lygia. ***Lygia Clark: The Abandonment of Art, 1948-1988.*** New York: The Museum of Modern Art, 2014.
- CLARK, Lygia. ***A casa é o corpo. Penetração, ovulação, germinação, expulsão.*** In: Catálogo Tapiès, op. cit.; p. 232-233, 1968.
- CLARK, Lygia. ***O Corpo e o Espaço.*** In: Revista de Arte, v. 1, p. 10-15, 1960.
- DE FIGUEIREDO, Camila Augusta Pires; DINIZ, Thaís Flores Nogueira. ***A real “Horrorshow”: Os elementos da narrativa em Laranja Mecânica sob o olhar de Stanley Kubrick.*** Scripta Uniandrade, p. 35, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. ***Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia.*** Tradução de Rodrigo de Almeida. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 38.
- DE MOURA, Muriel André et al. ***Visualize a sua Voz: uma proposta para o ensino de ondas sonoras.*** Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 8, n. 1, p. 182-200, 2017.
- DEWEY, John. ***Art as Experience.*** New York: Minton, Balch & Company, 1934.
- _____ ***Arte como Experiência.*** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges; NEVES, Paulo. ***O que vemos, o que nos olha.*** São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DUCHAMP, Marcel; HOPKINSON, Calvin. ***Marcel Duchamp: The Afternoon Interviews.*** New York: Da Capo Press, 1958. [Edição de 1973]
- EVARISTO, Conceição. ***Olhos D'água.*** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.
- FALCÃO, Emanuel. ***Metodologia para a Mobilização Coletiva e Individual (Met-Moci).*** João Pessoa: UFPB/Editora Universitária/Agemte, 2002.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido***. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. ***Cem anos de solidão***. Tradução de Eric Nepomuceno. 86. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. ***Gabriel García Márquez: A vida e a obra***. São Paulo: Editora São Paulo, 2014. p. 178.

GENETTE, Gérard. ***Figuras III***. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HIPPERTT, Rebeca Torrezani Martins; SILVEIRA, Luciana Martha. ***Diálogos entre som e cor: nuances ampliadas***. *Visualidades*, v. 17, p. 20-26, 2019.

KANDINSKY, Wassily. ***Do Espiritual na Arte***. Tradução de Gabriela Porto. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. (1979). ***Ponto e Linha sobre Plano*** (R. Silveira, Trad.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1926).

MERLEAU-PONTY, Maurice. ***Fenomenologia da percepção***. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOHOLY-NAGY, László. ***The New Vision: Fundamentals of Design, Painting, Sculpture, Architecture***. Tradução de Daphne M. Hoffmann. New York: W.W. Norton & Company, 1938.

MORIN, Edgar. ***Seven complex lessons in education for the future***. Unesco, 2001.

MÜLLER, Enio Paulo Giachini. ***Acerca da expressão: a fenomenologia de Merleau-Ponty***. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich; DE SOUZA, Paulo César. ***A gaia ciência***. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. ***Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral***. In:

_____. ***A gaia ciência***. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 53, 2000.

GIRST, Thomas. ***The Duchamp Dictionary***. London: Thames & Hudson, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. ***Constituição da Organização Mundial da Saúde***. 1948. Disponível em:

<https://www.who.int/about/governance/constitution>. Acesso em: [17/06/2024].

PAIM, Jairnilson Silva. ***O que é o SUS***. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 2, n. 2, p. 173-182, 1998.

QUIMELLI, Christian de Sá et al. **Theremin: música e eletrônica no ensino da arte-ciência**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

ROSENBERG, Harold. **Pintores Norte-Americanos de Ação**. In: CHIPP, H. B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHWARZ, Arturo. **The Complete Works of Marcel Duchamp**. 3. ed. New York: Delano Greenidge Editions, 2000.

THENÓRIO, Iberê; FULFARO, Mari. **O Manual do Mundo: 50 experimentos para fazer em casa**. São Paulo: Sextante, 2018.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO POPULAR
PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE AÇÃO
COMUNITÁRIA



PIAC
Programa Interdisciplinar
de Ação Comunitária

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que a Mestranda **LUANA SOARES COELHO**, portadora do CPF: **000.820.710-04**, concluiu o **Estágio Supervisionado no Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária-PIAC/COEP/PROEX/UFPB**, desenvolvendo o uso adaptado do equipamento nomeado como Vibration Laser, no período de 30/11/2023 a 12/02/2024. Correspondendo a 120 horas.

João Pessoa, 17 de abril de 2024.

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Emmanuel Fernandes Falcão".

Emmanuel Fernandes Falcão

Matrícula: 332725

Coordenador da Coordenação de Educação Popular - COEP

Coordenador do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária - PIAC



PREFEITURA MUNICIPAL DE CONDE
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

DECLARAÇÃO

Declaramos que a Sra. Luana Soares Coelho, portadora do CPF 00082071004, junto ao Conselho de Saúde, participou da ministração de palestras baseadas em terapias holísticas, visitas aos quilombos e tribos indígenas do município de Conde-PB, bem como visitas em Unidades Básicas de Saúde.

Maria José da Silva Pedro

Maria José da Silva Pedro

Presidente do Conselho Municipal de Saúde

Para contato: cmsconde123@gmail.com ou pelo telefone: (83) 99664-6317.



Centro de Desenvolvimento Tecnológico

ATESTADO

Atestamos para os devidos fins que **LUANA SOARES COELHO** participou do XI **SIMPÓSIO DE BIOTECNOLOGIA: Criatividade Brasileira na Ciência e VII Mostra Acadêmica**, na categoria **MOSTRA ACADÉMICA - APRESENTAÇÃO ORAL** com o trabalho intitulado "**O CORPO LUZ DA MATÉRIA: UMA VISÃO SOBRE O CORPO DO SOM**". O evento acadêmico-científico promovido pelo Curso de Graduação em Biotecnologia e pelo Programa de Pós-Graduação da Biotecnologia, do Centro de Desenvolvimento Tecnológico (CDTec) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), foi realizado no período de 26 de fevereiro a 01 de março de 2024, nas dependências do Auditório da Faculdade de Meteorologia, no Campus Capão do Leão da UFPel.

Pelotas, 28 de Fevereiro de 2024.

(assinado eletronicamente)

Priscila Marques Moura de Leon

Coordenadora da VII Mostra Acadêmica



Documento assinado eletronicamente por **PRISCILA MARQUES MOURA DE LEON, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2024, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 4º, § 3º, do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufpel.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2537011** e o código CRC **10756F46**.

Referência: Processo nº 23110.005786/2024-95

SEI nº 2537011